

BLAKE PIERCE



a corda do diabo

OS PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE—LIVRO 3



A CORDA DO DIABO

(O PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE — LIVRO 3)

BLAKE PIERCE

Blake Pierce

Blake Pierce é o autor da série de enigmas RILEY PAGE, com doze livros (com outros a caminho). Blake Pierce também é o autor da série de enigmas MACKENZIE WHITE, composta por oito livros (com outros a caminho); da série AVERY BLACK, composta por seis livros (com outros a caminho), da série KERI LOCKE, composta por cinco livros (com outros a caminho); da série de enigmas PRIMORDIOS DE RILEY PAIGE, composta de dois livros (com outros a caminho); e da série de enigmas KATE WISE, composta por dois livros (com outros a caminho).

Como um ávido leitor e fã de longa data do gênero de suspense, Blake adora ouvir seus leitores, por favor, fique à vontade para visitar o site www.blakepierceauthor.com para saber mais a seu respeito e também fazer contato.

Copyright © 2017 por Blake Pierce. Todos os direitos reservados. Exceto conforme permitido na Lei de Direitos Autorais dos Estados Unidos (US. Copyright Act of 1976), nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de nenhuma forma e por motivo algum, ou colocada em um sistema de dados ou sistema de recuperação sem permissão prévia do autor. Este e-book está licenciado apenas para seu aproveitamento pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou dado a outras pessoas. Se você gostaria de compartilhar este e-book com outra pessoa, por favor compre uma cópia adicional para cada beneficiário. Se você está lendo este e-book e não o comprou, ou ele não foi comprado apenas para uso pessoal, então por favor devolva-o e compre seu próprio exemplar. Obrigado por respeitar o trabalho árduo do autor. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e acontecimentos são obras da imaginação do autor ou serão usadas apenas na ficção. Qualquer semelhança com pessoas de verdade, em vida ou falecidas, é totalmente coincidência. Imagem de capa: Copyright Artem Korionov, usada sob licença de Shutterstock.com.

LIVROS ESCRITOS POR BLAKE PIERCE

SÉRIE DE ENIGMAS KATE WISE

SE ELA SOUBESSE (Livro n 1)

SE ELA VISSE (Livro n 2)

SÉRIE OS PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE

ALVOS A ABATER (Livro #1)

ESPERANDO (Livro #2)

A CORDA DO DIABO (Livro #3)

AMEAÇA NA ESTRADA (Livro #4)

SÉRIE DE MISTÉRIO DE RILEY PAIGE

SEM PISTAS (Livro #1)

ACORRENTADAS (Livro #2)

ARREBATADAS (Livro #3)

ATRAÍDAS (Livro #4)

PERSEGUIDA (Livro #5)

A CARÍCIA DA MORTE (Livro #6)

COBIÇADAS (Livro #7)

ESQUECIDAS (Livro #8)

ABATIDOS (Livro #9)

PERDIDAS (Livro #10)

ENTERRADOS (Livro #11)

DESPEDAÇADAS (Livro #12)

SEM SAÍDA (Livro #13)

SÉRIE DE ENIGMAS MACKENZIE WHITE

ANTES QUE ELE MATE (Livro nº1)

ANTES QUE ELE VEJA (Livro nº2)

ANTES QUE COBICE (Livro nº3)

ANTES QUE ELE LEVE (Livro nº4)

ANTES QUE ELE PRECISE (Livro nº5)

ANTES QUE ELE SINTA (Livro nº6)

ANTES QUE ELE PEQUE (Livro nº7)

ANTES QUE ELE CAÇE (Livro nº8)

ANTES QUE ELE ATAQUE (Livro nº9)

SÉRIE DE ENIGMAS AVERY BLACK

MOTIVO PARA MATAR (Livro nº1)

MOTIVO PARA CORRER (Livro nº2)

MOTIVO PARA SE ESCONDER (Livro nº3)

MOTIVO PARA TEMER (Livro nº4)

MOTIVO PARA SALVAR (Livro nº5)

MOTIVO PARA SE APAVORAR (Livro nº6)

SÉRIE DE ENIGMAS KERI LOCKE

UM RASTRO DE MORTE (Livro nº1)

UM RASTRO DE HOMICÍDIO (Livro nº2)

UM RASTRO DE IMORALIDADE (Livro nº3)

UM RASTRO DE CRIME (Livro nº4)

UM RASTRO DE ESPERANÇA (Livro nº5)

ÍNDICE

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO QUATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)

[CAPÍTULO DEZESSETE](#)

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

[CAPÍTULO DEZENOVE](#)

[CAPÍTULO VINTE](#)

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

CAPÍTULO VINTE E SEIS

CAPÍTULO VINTE E SETE

CAPÍTULO VINTE E OITO

CAPÍTULO VINTE E NOVE

CAPÍTULO TRINTA

CAPÍTULO TRINTA E UM

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

PRÓLOGO

Hope Nelson olhou ao redor da loja pela última vez antes de fechar as portas. Ela estava cansada, já que aquele havia sido um longo e estressante dia de trabalho. Já passava da meia-noite, e ela estava ali desde o início da manhã.

Estava sozinha, porque havia mandado os últimos funcionários para casa um pouco mais cedo. Nenhum deles gostava de trabalhar até tarde nas noites de sábado. Em dias úteis, a loja sempre fechava às cinco, o que era mais do que suficiente para todos.

Não que os funcionários tivessem agradecido muito aquele gesto.

Dona do lugar ao lado de seu marido, Mason, e portanto trabalhando mais horas do que qualquer outra pessoa—Hope era a primeira a chegar e a última a sair na maioria dos dias. Não era segredo para ela que as pessoas do bairro sentiam inveja dela e de Mason por serem o casal mais rico na pequena cidade de Dighton.

Mas ela também tinha motivos para se ofender com eles.

Seu lema pessoal era...

Dinheiro é responsabilidade.

Levava suas muitas tarefas a sério, assim como Mason, que também era o prefeito da cidade. Eles não costumavam tirar férias, nem sequer dias de folga. Às vezes, Hope sentia que ela e Mason eram as únicas pessoas por ali que se importavam com algo.

Ao olhar para os produtos bem organizados—o computador e o gerador, as sementes, as comidas, os fertilizantes—Hope pensou, como sempre pensava...

Dighton não duraria um dia sem nós.

Na verdade, ela pensava assim sobre toda a região.

Às vezes, sonhava com os dois juntando suas coisas e indo embora, apenas para provar aquela tese.

Todo mundo iria entender.

Ela apagou as luzes com um suspiro cansado. Depois, ao chegar ao sistema de alarmes para ativá-lo antes de sair, viu uma figura através da

porta de vidro. Era um homem, parado na calçada, sob a luz da rua, a cerca de dez metros.

Ele parecia estar olhando diretamente para ela.

Hope ficou assustada ao ver que o rosto dele era muito marcado e machucado—por marcas de nascença ou por algum acidente terrível, ela não sabia. Ele vestia uma camiseta, mas era possível perceber que tinha problemas parecidos nas mãos e nos braços.

Deve ser difícil para ele viver a vida assim, pensou.

Mas o que ele estaria fazendo sozinho ali tão tarde em uma noite de sábado? Ele teria vindo à loja antes? Se sim, um dos funcionários já devia tê-lo ajudado. Com certeza, Hope não esperava ver ele ou qualquer outra pessoa ali depois de fechar as portas.

Mas ali estava ele, olhando para ela e sorrindo.

O que ele queria?

O que quer que fosse, Hope precisaria conversar com ele pessoalmente. E aquilo a incomodava. Seria difícil fingir não perceber os problemas no rosto machucado.

Sentindo-se desconfortável, Hope digitou o código do alarme, saiu e fechou a porta de frente. O ar quente da noite trouxe uma sensação boa, após um dia inteiro dentro da loja sentindo cheiros fortes, a maior parte deles de fertilizantes.

Quando começou a caminhar em direção ao homem, sorriu e disse:

- Desculpe, já fechamos.

Ele encolheu os ombros e seguiu sorrindo e murmurando algo impossível de entender.

Hope suspirou. Queria pedir para que ele falasse mais alto. Mas sabia que qualquer coisa que dissesse soaria como uma ordem, e não como um pedido educado. Estava, irracionalmente, com medo que ferir os sentimentos daquele homem.

Ele aumentou seu sorriso enquanto ela caminhava em sua direção. Novamente, disse algo que ela não pode entender. Hope parou a apenas alguns centímetros dele.

- Desculpe, mas nós já fechamos por hoje – disse.

Ele murmurou algo inaudível. Ela balançou a cabeça para indicar que não havia entendido.

Ele falou um pouco mais algo, e dessa vez ela conseguiu entender:

- Tenho um problema com algo.

Hope perguntou:

- O que é?

Ele novamente disse algo inaudível.

Talvez ele queira devolver algo que comprou hoje, ela pensou.

A última coisa que Hope queria naquela hora era abrir as portas e desativar o sistema de alarme, apenas para receber o produto de volta e devolver o dinheiro. Ela disse:

- Se você quer devolver algo, desculpe, mas vai ter que voltar amanhã.

O homem com o rosto machucado murmurou:

- Não, mas...

Então ele riu em silêncio, ainda olhando para ela. Hope não conseguiu manter contato visual com ele. E, de certa maneira, sentiu que ele percebeu.

A julgar por seu sorriso, ele parecia estar até gostando.

Hope arrepiou-se ao pensar que ele poderia sentir prazer ao provocar desconforto em outras pessoas.

Então, o homem disse um pouco mais alto e claro:

- Venha ver.

Ele apontou para sua picape velha, que estava estacionada próxima à calçada, ali perto. Depois, virou-se e começou a caminhar em direção ao veículo. Hope ficou parada ali por um momento. Ela não queria segui-lo, e sabia que não tinha motivos para isso.

Seja o que for, pode esperar até amanhã.

Mas ela não conseguiu simplesmente se virar e ir embora.

Novamente, estava com medo de ser rude com ele.

Caminhou atrás dele até os fundos da picape. O homem abriu a tampa do veículo e ela pode ver um emaranhado de arame farpado por toda a carroceria.

De repente, ele a agarrou por trás e colocou um trapo molhado em seu rosto.

Hope tentou escapar, mas ele era mais alto e mais forte do que ela.

Ela não pode sequer livrar sua boca para gritar. Estava encharcada com um líquido espesso, que cheirava forte e tinha um gosto ligeiramente doce.

Então, uma estranha sensação tomou conta dela.

Tontura e euforia, como se tivesse usado algum tipo de droga.

Por alguns segundos, aquela euforia fez com que fosse difícil para Hope entender que ela estava em perigo. Depois, ela tentou lutar novamente, mas sentiu-se cada vez mais fraca.

Seja lá o que aquele homem quisesse fazer, ela já não conseguia lutar contra ele.

Sentindo-se quase que fora de seu próprio corpo, Hope percebeu o homem colocando-a na carroceria da picape, no emaranhado de arame farpado. Ele seguia segurando o trapo em seu rosto, e ela não conseguia parar de respirar o líquido espesso.

Hope Nelson mal pode sentir a dor em seu corpo e perdeu a consciência pouco a pouco.

CAPÍTULO UM

Preparando-se para assar dois bifes, Riley Sweeney pensou mais uma vez:

Quero que essa noite seja especial.

Ela e seu noivo, Ryan Paige, andavam ocupados demais para se divertir nos últimos tempos. O cansativo cronograma de Riley no Programa de Estágio de Honra do FBI e o novo trabalho de Ryan como advogado iniciante estavam tomando todo seu tempo e energia. Ryan estava trabalhando há muitas horas inclusive naquele dia—um sábado.

O aniversário de vinte e dois anos de Riley havia sido quase duas semanas antes, e simplesmente eles não tiveram tempo para comemorar. Ryan a presenteara com um lindo colar, e só—não houve festa, nem jantar, nem bolo. Ela esperava que o jantar especial daquela noite fosse uma compensação.

Além disso, aquele era o único momento possível para um bom jantar, até onde ela sabia. Um dia antes, Riley havia completado seu estágio com sucesso. No dia seguinte, ela iria para a Academia do FBI em Quantico, Virginia. Ryan ficaria em Washington. Ainda que a distância entre as duas cidades fosse de apenas uma hora de carro ou trem, os dois teriam muito trabalho pela frente. Ela não sabia quando teria outros momentos como aquele com Ryan novamente.

Seguindo detalhadamente a receita, Riley terminou de temperar dois bifes com sal, pimenta, cebola, polvilho, mostarda, orégano e tomilho. Depois, olhou em volta da cozinha e para todo seu trabalho. Ela havia feito uma linda salada, cortado cogumelos, prontos para assar junto com a carne, e duas batatas já estavam assando no forno. Na geladeira, um *cheesecake* comprado, pronto para a sobremesa.

A pequena mesa da cozinha estava quase toda arrumada, inclusive com um vaso cheio de flores que ela havia comprado na mercearia. Uma garrafa de um vinho tinto, nada caro, mas muito bom, esperava para ser aberta.

Riley olhou seu relógio. Ryan havia dito que chegaria em casa por volta daquele horário, e ela esperava que ele não se atrasasse. Não queria assar a carne antes que ele chegasse.

Enquanto esperava, não conseguiu lembrar de nada mais que precisasse ser feito naquele momento. Havia passado o dia inteiro lavando roupa, limpando seu pequeno apartamento, comprando e preparando a comida—tarefas domésticas para as quais raramente tinha tempo, desde que ela e Ryan haviam ido morar juntos, no começo do verão. Ela até gostava daquelas tarefas, bem diferentes de seu tempo na faculdade.

Mesmo assim, não podia deixar de se perguntar...

É assim que vai ser a vida de casada?

Se alcançasse a meta de se tornar uma agente do FBI, ela passaria mesmo dias inteiros deixando tudo perfeito para quando Ryan chegasse do trabalho? Não parecia muito provável.

Mas naquele momento, Riley tinha dificuldades em imaginar aquele futuro—ou qualquer outro futuro específico.

Ela jogou-se no sofá.

Fechou os olhos e percebeu que estava muito cansada.

Nós dois precisamos é de férias, pensou.

Mas tirar férias não era algo que aconteceria em um futuro próximo.

Sentiu-se um pouco sonolenta e quase cochilou, quando uma memória invadiu sua mente a força...

Ela estava amarrada nas mãos e nos pés, por um louco com uma fantasia e maquiagem de palhaço.

Ele segurava um espelho na cara dela e dizia...

“Tudo pronto. Veja!”

Ela viu que ele havia passado maquiagem no rosto dela e que, agora, ela parecia um palhaço também.

Então ele colocou uma seringa na frente dela. Ela sabia que se ele injetasse aquele conteúdo mortal, ela morreria de puro terror...

Os olhos de Riley abriram-se de repente ela olhou por tudo em volta.

Fazia apenas alguns meses que ela havia escapado das mãos de um criminoso famoso conhecido por “Palhaço Assassino”. Ainda tinha pesadelos com o episódio.

Ao tentar tirá-lo de sua memória, escutou alguém descendo os degraus do prédio até o corredor do subsolo.

Ryan! Ele chegou!

Riley pulou do sofá e olhou o forno para ter certeza de que estava na temperatura mais alta. Depois, apagou as luzes do apartamento e acendeu as velas que havia colocado na mesa. Finalmente, foi até a porta e encontrou Ryan assim que ele entrou.

Abriu seus braços para abraçá-lo e o beijou. Mas ele não devolveu o beijo, e ela sentiu o corpo dele em profunda exaustão. Ele olhou para o apartamento à luz de velas e disse:

- Riley—que porra é essa?

O coração de Riley se despedaçou.

Ela respondeu:

- Estou fazendo algo legal para a janta.

Ryan entrou, largou sua pasta e desabou no sofá.

- Não precisava se preocupar – ele disse. – Tive um dia daqueles. E nem estou com tanta fome.

Riley sentou-se ao lado dele e esfregou seus ombros. Ela disse:

- Mas está tudo quase pronto. Você não está com fome nem para bife de alcatra?

- Alcatra? – Ryan disse, surpreso. – Nós temos dinheiro pra isso?

Lutando contra um surto de irritação, Riley não respondeu. Ela cuidava das finanças da casa, e sabia muito bem o que eles podiam e não podiam pagar.

Parecendo perceber o desapontamento de Riley, Ryan disse:

- Alcatra é muito bom. Só me dê alguns minutos para tomar um banho.

Ryan levantou-se e foi para o banheiro. Riley correu para a cozinha, tirou as batatas do forno e colocou os bifos para assar, para que eles ficassem ao ponto.

Ryan sentou-se à mesa no momento em que ela serviu os pratos. Ele serviu taças de vinho para os dois.

- Obrigado – Ryan disse, esboçando um sorriso. – Muito legal.

Ao cortar seu bife, ele adicionou:

- Eu tive que trazer trabalho para casa. Vou ter que dar conta disso depois de comermos.

Riley segurou um suspiro de decepção. Ela esperava que aquele jantar terminasse de uma maneira mais romântica.

Os dois comeram em silêncio por alguns momentos. Depois, Ryan começou a reclamar sobre seu dia.

- Esse nível de trabalho, inicial, é praticamente escravidão. Temos que

fazer todo o trabalho duro para os sócios—pesquisa, escrever briefings, deixar tudo pronto para o tribunal. E trabalhamos muito mais horas do que eles. Parece um tipo de trote, só que nunca acaba.

- Vai melhorar – Riley disse.

Então, forçou uma risada e acrescentou:

- Um dia você vai ser um sócio. E vai ter uma equipe inteira de novatos que vão para casa reclamar sobre você.

Ryan não riu, e Riley não o culpou. Ela só percebeu que a piada fora ruim depois que já tinha dito.

Ryan continuou resmungando durante o jantar, e Riley não sabia se estava mais chateada ou com raiva. Ele não tinha gostado de todo o esforço dela para fazer daquela uma noite perfeita?

Ele não entendia quanto a vida deles estava prestes a mudar?

Quando Ryan fez silêncio por alguns momentos, Riley disse:

- Sabe, vamos nos reunir amanhã no FBI para comemorar o fim do estágio. Você vai poder ir comigo, né?

- Acho que não, Riley. Essa semana vai ser cheia.

Riley quase se engasgou.

- Mas amanhã é domingo – ela disse.

Ryan encolheu os ombros e respondeu:

- Sim, pois é, como eu falei—trabalho escravo.

Riley respondeu:

- Olhe, não vai levar o dia todo. Vai ter um ou outro discurso—do diretor assistente e do nossos supervisor que vão querer falar um pouco. Depois vai ter uns salgados e—

Ryan interrompeu:

- Riley, me desculpe.

- Mas eu vou sair de Quantico amanhã, logo depois. Vou levar minha mala comigo. Achei que você iria me levar na rodoviária.

- Não posso – Ryan disse, um pouco ríspido. – Você vai ter que dar outro jeito de chegar lá.

Eles comeram em silêncio por alguns momentos.

Riley teve dificuldades em entender o que estava acontecendo. Por que Ryan não poderia acompanhá-la no dia seguinte? Levaria só algumas horas. Então, uma ficha começou a cair. Ela disse:

- Você ainda não quer que eu vá para Quantico.

Ryan resmungou, chateado.

- Riley, não vamos começar com isso – ele disse.

Riley sentiu seu rosto quente de raiva.

- Mas é agora ou nunca, não é?

- Você tomou sua decisão. E pelo que sei você não vai mudar.

Os olhos de Riley se arregalaram.

- *Minha* decisão? – ela disse. – Achei que fosse a *nossa* decisão.

Ryan suspirou.

- Não vamos falar sobre isso – ele disse. – Vamos terminar de comer, ok?

Riley parou, olhando para Ryan, que continuou comendo.

Ela começou a se perguntar...

Ele está certo?

Eu coloquei nós dois nessa?

Tentou pensar nas conversas entre os dois, tentando se lembrar, entender. Ela lembrava do quão orgulhoso Ryan ficara quando ela havia conseguido parar o Palhaço Assassino.

“Você salvou a vida de pelo menos uma mulher. Resolvendo esse caso, você pode ter salvado a vida de outras também. Que loucura. Acho que talvez você seja louca. Mas também é uma heroína”.

Na época, ela imaginara que era isso o que ele queria—que ela construísse uma carreira no FBI, que seguisse sendo uma heroína.

Mas agora, pensando naquilo, Riley não conseguia se lembrar dele dizendo exatamente essas palavras. Ryan nunca havia lhe dito...

“Eu quero que você vá. Eu quero que você siga seu sonho.”

Riley suspirou lentamente, várias vezes.

Precisamos discutir isso com calma, pensou.

Finalmente, disse:

- Ryan, o que *you* quer? Para nós, eu digo.

Ryan inclinou a cabeça e olhou para ela.

- Você quer mesmo saber? – Ele perguntou.

A garganta de Riley deu um nó.

- Eu quero saber – ela disse. – Me diga o que *you* quer.

Um olhar dolorido tomou conta do rosto de Ryan. Riley tentou imaginar o que ele diria a seguir. Finalmente, ele respondeu:

- Eu só quero uma família.

Então, ele encolheu os ombros e comeu mais um pedaço de carne.

Sentindo-se um pouco aliviada, Riley respondeu:

- Eu também quero.
- Quer mesmo? – Ryan perguntou.
- Claro que sim. Você sabe que sim.

Ryan balançou a cabeça e disse:

- Não sei nem se você sabe o que quer de verdade.

Riley sentiu-se como se tivesse levado um soco no estômago. Por um momento, ela simplesmente não soube o que dizer. Depois, finalmente falou:

- Você não acha que eu posso ter uma carreira e uma família?
- Com certeza sim – Ryan disse. – Mulheres fazem isso o tempo todo

hoje em dia. Chama-se “ter de tudo”, pelo que eu sei. É difícil, requer planejamento e sacrifícios, mas é possível. E eu amaria te ajudar a fazer tudo isso. Mas...

A voz dele diminuiu.

- Mas o que? – Riley perguntou.

Ele respirou profundamente, depois respondeu.

- Talvez seria diferente se você quisesse ser uma advogada, como eu. Ou uma médica, ou uma psiquiatra. Ou corretora. Ou começasse seu próprio negócio. Ou se tornasse uma professora universitária. Eu poderia lidar com tudo isso. Poderia mesmo. Mas essa história toda de você ir para o FBI— você vai ficar em Quantico por dezoito semanas! Quantas vezes nós vamos nos ver nesse período? Você acha que qualquer relação consegue sobreviver a esse tempo todo? E além disso...

Ele olhou para Riley por um instante. Depois, continuou:

- Riley, você quase morreu duas vezes desde que eu te conheci.

Riley engoliu em seco.

Ele estava certo, claro. Seu encontro mais recente com a morte fora nas mãos do Palhaço Assassino. Antes disso, durante seu último semestre na faculdade, ela quase havia sido assassinada por um professor psicopata que ainda aguardava julgamento por ter matado outras duas alunas. Riley conhecia aquelas garotas. Uma delas era sua melhor amiga e colega de quarto.

A ajuda de Riley para solucionar aquele caso terrível de assassinato acabara levando-a ao programa de estágio de verão, e fora uma das principais razões pela quais ela decidira se tornar uma agente do FBI.

Com a voz em choque, Riley disse:

- Você quer que eu saia? Você quer que eu não vá para Quantico amanhã?

Ryan respondeu:

- Não importa o que eu quero.

Riley estava lutando para não chorar.

- Sim, importa sim, Ryan – ela disse. – Importa muito.

Ryan fechou os olhos pelo que pareceu ser um bom tempo. Depois, disse:

- Acho que sim. Quero dizer, quero que você saia. Eu sei que você acha isso incrível. Que tem sido uma aventura e tanto para você. Mas é hora de nós dois nos acalmarmos. É hora de encararmos nossa vida *real*.

Riley de repente sentiu-se como se estivesse em um pesadelo, mas sem conseguir acordar.

Nossa vida real! Pensou.

O que aquilo significava?

E o que dizia sobre ela o fato de ela não saber o que aquilo significava?

Riley só tinha uma certeza...

Ele não quer que eu vá para Quantico.

Então, Ryan disse:

- Olhe, você pode trabalhar com todos os tipos de serviços aqui em Washington. E você tem muito tempo para pensar no que quer fazer a longo prazo. Enquanto isso, não interessa se você ganhar pouco ou muito dinheiro. Nós não vamos ser ricos com meu salário, mas vamos viver bem, e logo eu vou estar ganhando muito bem.

Ryan voltou a comer, parecendo estranhamente aliviado, como se tivesse resolvido tudo.

Mas eles haviam resolvido algo? Riley havia passado o verão inteiro sonhando com a Academia do FBI. Não passava pela cabeça dela desistir naquele momento.

Não, pensou. Não posso fazer isso.

Então, sentiu a raiva subindo em seu corpo. Com a voz tensa, disse;

- Sinto muito por você pensar assim. Não vou mudar de ideia. Vou para Quantico amanhã.

Ryan olhou para ela como se não acreditasse no que estava ouvindo.

Riley levantou-se da mesa e disse:

- Aproveite o resto do jantar. Tem *cheesecake* na geladeira. Estou cansada. Vou tomar banho e deitar.

Antes que Ryan pudesse responder, Riley seguiu para o banheiro. Ela chorou por alguns minutos, depois tomou um banho quente e demorado. Quando colocou seu roupão e chinelos e saiu do banheiro, viu Ryan sentado na cozinha. Ele havia limpado a mesa e estava trabalhando em seu

computador. Ele não olhou para ela.

Riley foi para o quarto, caiu na cama e começou a chorar novamente.

Ao enxugar os olhos e assoar o nariz, perguntou-se:

Por que estou com tanta raiva?

Ryan está errado?

Algo nisso tudo é culpa dele?

Seus pensamentos estavam confusos e ela não conseguia raciocinar.

Então, uma memória terrível a assombrou—de acordar na cama com muita dor e ver que estava rodeada por sangue...

Meu aborto.

Encontrou-se perguntando-se—seria aquela uma das razões pelas quais Ryan não queria que ela fosse para o FBI? Ela estava muito estressada com o caso do Palhaço Assassino na época do aborto. Mas a médica havia assegurado que aquele estresse não tivera nada a ver com o acidente.

Ao invés disso, a médica havia dito que a causa fora “anormalidades nos cromossomos”.

Pensando naquilo tudo novamente, aquela palavra a incomodou...

Anormalidades.

Perguntou-se: seria ela de alguma forma anormal, no que se tratava do que realmente importava?

Seria ela incapaz de ter uma relação duradoura e uma família?

Ao deitar-se para tentar dormir, sentiu que só tinha certeza de uma coisa...

Vou para Quantico amanhã.

Pegou no sono antes que pudesse imaginar o que aconteceria depois.

CAPÍTULO DOIS

O homem sentiu prazer ao ouvir o gemido fraco da mulher. Ele sabia que ela estava voltando a ficar consciente. Sim, ele pode ver os olhos dela se abrindo um pouco.

Ela estava deitada de lado em uma mesa de madeira rústica na pequena sala de chão sujo, paredes de concreto e teto de madeira baixo. Estava amarrada com força, como uma concha, com muita fita adesiva. Suas pernas pressionavam seu peito, e suas mãos estavam presas nas canelas. Sua cabeça estava encostada em seus joelhos.

Ela o fazia lembrar de fotos que ele havia visto de fetos humanos—e também de embriões que às vezes encontrava quebrando ovos de galinha. Ela parecia inocente, ingênua, e aquilo de era de certa forma comovente.

Principalmente, é claro, ela o lembrava de outra mulher—seu nome era Alice, ele acreditava. Certa vez, ele pensara que Alice seria a única que ele trataria daquele jeito, mas ele havia gostado... e havia poucos prazeres em sua vida... como ele iria parar?

- Dói – a mulher murmurou, como se estivesse sonhando. – Por que dói?

Ele sabia que era porque ela estava deitada em uma cama com um emaranhado de arame farpado. O sangue escorria pela mesa, juntando-se às manchas da mesa inacabada. Não que aquilo importasse. A mesa era mais velha do que ele, e ele era a única pessoa que a veria.

Ele também estava com dor e sangrando. Havia se cortado ao tirá-la da picape com arame farpado. Fora mais difícil do que ele esperava, porque ela havia tentado lutar mais de uma vez.

Ela havia se contorcido muito enquanto o clorofórmio caseiro fizera efeito. Mas sua luta enfraquecera e ele finalmente a dominara completamente.

Mesmo assim, ele não estava chateado por ter se machucado com o arame. Sabia, por experiência própria, que aqueles arranhões curavam-se rapidamente, mesmo que deixassem algumas cicatrizes.

Abaixou-se e olhou o rosto dela de perto.

Os olhos dela estava abertos, arregalados agora. Sua íris se contorcia enquanto ela olhava para ele.

Ela ainda está tentando evitar olhar para mim, ele percebeu.

Todo mundo agia assim com ele, em qualquer lugar. Ele não culpava as pessoas por fingirem que ele era invisível, ou que ele simplesmente não existia. Algumas vezes, ele olhava no espelho e desejava que pudesse desaparecer.

Então, a mulher murmurou novamente...

- Dói.

Além dos cortes, ele sabia que a cabeça dela estava doendo por conta da alta dose de clorofórmio caseiro. Na primeira vez em que criara aquela substância, ali mesmo, ele quase havia desmaiado, e sofrera com uma dor de cabeça forte vários dias depois. Mas a preparação havia dado certo, então ele pode continuar.

Agora, ele estava preparado para o próximo passo. Estava vestindo luvas grossas e uma jaqueta grossa e acolchoada. Não iria machucar a si mesmo novamente até terminar o processo.

Começou o trabalho com o arame farpado e cortadores de fio. Depois, passou um fio pelo corpo da mulher e torceu as pontas em nós improvisados para mantê-lo no lugar.

A mulher gemeu de dor e tentou se virar, mas o arame arranhou sua pele e sua roupa.

Enquanto trabalhava, ele disse:

- Você não precisa ficar quieta. Pode gritar o quanto quiser—se for ajudar.

Certamente, ele não tinha medo de que alguém pudesse ouvi-la.

Ela resmungou mais alto, como se quisesse gritar, mas estava com a voz fraca.

Ele riu, quieto. Sabia que ela não conseguiria juntar ar suficiente nos pulmões para gritar—não com as pernas apertando seu peito daquele jeito.

Ele colocou mais um fio de arame farpado nela e apertou, vendo o sangue sair de cada machucado através das roupas dela, encharcando o tecido, abrindo buracos muito maiores do que o machucado em si.

Seguiu puxando fio por fio em volta dela, até que ela estivesse toda amarrada, como se fosse um casulo de arame enorme, longe de parecer um humano. Aquele casulo fazia todos os tipos de sons, estranhos e baixos, gemidos e suspiros. O sangue não parou de jorrar até deixar a mesa inteira pintada de vermelho.

Então, ele deu um passo atrás e admirou seu trabalho.

Apagou a luz acima de sua cabeça e caminhou no escuro, fechando a porta pesada de madeira.

O céu estava limpo e estrelado, e ele só podia ouvir o barulho alto dos grilos.

Respirou profundamente aquele ar puro.

A noite estava perfeita naquele momento.

CAPÍTULO TRÊS

Enquanto se alinhava juntamente com os outros estagiários para a foto oficial, Riley ouviu a porta da sala de recepção abrir.

Seu coração pulou, e ela virou-se cheia de expectativa para ver quem havia chegado.

Mas era apenas Hoke Gilmer, o supervisor do programa de treinamento, retornando após uma saída rápida.

Riley segurou um suspiro. Ela já sabia que o Agente Crivaro não estaria ali naquele dia. No dia anterior, ele havia a parabenizado por completar o curso, e disse que queria voltar para Quantico. Era óbvio que ele simplesmente não gostava de cerimônias e recepções.

Sua esperança secreta era de que Ryan pudesse aparecer do nada para celebrar com ela o término do programa de verão.

Mas é claro que ela sabia que não podia esperar que isso acontecesse.

Mesmo assim, não pode deixar de fantasiar que, de alguma maneira, ele mudaria de ideia e apareceria no último minuto, pedindo desculpas por seu comportamento frio na noite anterior e finalmente dizendo as palavras que ela esperava tanto que ele dissesse.

“Quero que você vá para a academia. Quero que você persiga seu sonho.”

Mas obviamente, aqui não iria acontecer.

E quanto mais rápido eu tirar isso da minha cabeça, melhor.

Os 20 estagiários formaram três filas para os fotógrafos—uma sentada em uma mesa comprida, com as outras duas em pé, atrás deles. Com todos alinhados em ordem alfabética, Riley estava na fila de trás, entre duas outras estudantes cujos sobrenomes começavam com S—Naomi Strong e Rhys Seely.

Ela não conhecia nenhuma das duas muito bem.

Na verdade, ela não conhecia bem nenhum dos outros estagiários. Havia se sentido um peixe fora d'água entre eles desde o primeiro dia do programa, dez semanas antes. O único aluno de quem ela se aproximara durante todo aquele tempo fora John Welch, que agora estava em pé, um pouco mais a sua esquerda.

Naquele primeiro dia, John havia explicado porque os outros estavam olhando estranho e sussurrando coisas sobre ela.

“Todo mundo aqui sabe quem você é. Acho que sua reputação fala por você, antes de você mesma.”

Riley era, de fato, a única estagiária que já tinha o que todo mundo chamava de “experiência de campo”.

Ela segurou outro suspiro ao pensar naquelas palavras.

“Experiência de campo.”

Achava estranho pensar no que acontecera na Lanton University como “experiência de campo”. Aquilo havia sido mais um pesadelo. Nunca conseguira tirar de suas memórias a imagem de duas amigas próximas com suas gargantas cortadas em seus quartos banhados de sangue.

Na época, a última coisa que ela pensara era em um treinamento no FBI. Fora colocada no caso sem escolha—e havia ajudado a resolvê-lo, e por isso todos no programa sabiam quem ela era desde o primeiro dia.

Então, quando o programa começara, e todos os outros estudantes começaram a aprender sobre computadores, peritos e outros assuntos menos interessantes, Riley havia parado o mortal Palhaço Assassino. Ambos os casos haviam sido traumáticos e ameaçadores.

Aquele começo especial na “experiência de campo” não a tornara muito popular entre os outros estagiários. Na verdade, ela havia percebido um ressentimento mudo entre eles durante todo o treinamento.

Agora, pelo menos alguns deles a invejavam por entrar na Academia.

Se eles soubessem tudo o que eu passei, pensou.

Riley duvidava que eles a invejassem.

Sentiu medo e culpa ao lembrar das duas amigas sendo mortas na Lanton, e desejou que pudesse voltar no tempo e evitar aquilo. Não só suas amigas ainda estariam vivas, mas sua própria vida seria completamente diferente. Teria um diploma de psicologia e algum trabalho comum, além da incerteza do que faria pelo resto da vida.

E Ryan estaria perfeitamente feliz comigo.

Mas Riley duvidava que estaria feliz. Ela não sentira paixão por nenhuma carreira até que a possibilidade de ser uma agente do FBI tinha aparecido—mesmo sentindo que essa carreira havia escolhido, e não o contrário.

Quando as três filas de estagiários estavam perfeitamente posadas, Hoke Gilmer fez uma piada para fazer todos rirem enquanto o fotógrafo tirava as

fotos. Riley não estava nenhum pouco bem humorada, então não achou a piada muito engraçada. Ela tinha certeza de que seu sorriso sairia forçado e falso na foto.

Também sentiu-se insegura com seu terninho, que havia comprado meses antes em um brechó. A maioria dos outros alunos tinha uma vida financeira melhor do que a dela, e estavam muito mais bem vestidos. Definitivamente, ela não estava ansiosa por ver aquela foto.

Depois, o grupo se desfez para aproveitar os salgados e refrigerantes colocados em outra mesa, no meio da sala. Todos formaram grupos e, como sempre, Riley se sentiu isolada.

Percebeu que Natalia Embry estava se engraçando para Rollin Sloan, um aluno que iria diretamente para um emprego de salário alto, como analista de dados, em um grande escritório no meio-oeste.

Riley ouviu uma voz a seu lado.

- É, parece que a Natalie conseguiu o que ela queria aqui, ein?

Riley virou-se e viu John Welch a seu lado. Ela riu e respondeu:

- Ah, John. Você não está sendo um pouco malvado?

John encolheu os ombros e disse:

- Vai dizer que eu estou errado?

Riley olhou novamente para Natalie, que estava mostrando seu novo anel de noivado para alguém.

- Não, acho que não – Riley respondeu.

Natalie não parara de mostrar aquele anel para todo mundo, desde que Rollin havia lhe dado, dias antes. Aquele romance evoluíra rápido—ela e Rolling sequer se conheciam antes de entrarem no programa de verão.

John deixou escapar um suspiro falso de simpatia.

- Pobre Rollin – disse. – Só pela graça de Deus.

Riley riu alto. Ela sabia exatamente o que John queria dizer. Desde o primeiro dia do programa, Natalie estivera procurando um noivo. Havia inclusive tentado com John, até que ele deixara claro que não gostava dela.

Riley perguntou-se—será que Natalie chegou a estar interessada no programa? Apesar de tudo, ela havia sido inteligente o suficiente para ser aceita naquele programa de honra.

Provavelmente não, deu-se conta.

Natalie parecia ter entrado no programa pela mesma razão pela qual algumas amigas de Riley haviam ido para a faculdade—para conseguir um marido de sucesso.

Riley tentou imaginar como seria uma vida com as prioridades de Natalie. As coisas com certeza seriam mais simples, pelo menos, e as decisões seriam mais claras.

Encontrar um homem, se mudar para um boa casa, ter filhos...

Riley não pode deixar de invejar, pelo menos, a estabilidade de Natalie.

Mesmo assim, sabia que viveria entediada com uma vida assim—e era exatamente por isso que as coisas não andavam bem entre ela e Ryan naquele momento.

Então, John disse:

- Imagino que você vá direto para Quantico depois daqui.

- Sim. Você também, certo?

John concordou. Riley sentiu-se animada ao pensar que ela e John estavam entre os poucos alunos que continuariam na Academia do FBI.

A maioria dos outros estagiários procuraria outras possibilidades. Alguns iriam fazer faculdade em campos que haviam atraído sua atenção durante o programa. Outros começariam em seus novos trabalhos, em laboratórios ou escritórios ali mesmo, no Hoover Building ou em sedes de outras cidades. Eles começariam carreiras no FBI como cientistas da computação, analistas de dados, técnicos—trabalhos com horários regulares que não levavam a situações que colocavam a vida em risco.

Trabalhos que Ryan aprovaria, Riley pensou, melancólica.

Ela quase perguntou para John como ele iria para Quantico. Mas já sabia—ele iria dirigindo seu carro caro. Riley quase considerou pedir uma carona. Afinal, economizaria dinheiro tanto do táxi quanto do trem.

Mas ela não conseguiu fazer isso. Não queria admitir para John que Ryan não a levaria sequer até a estação. John era um cara esperto, e com certeza perceberia que as coisas não estavam bem entre ela e Ryan. Preferiu não falar sobre aquilo—pelo menos não naquele momento.

Ao seguir conversando com John, Riley não pode deixar de notar novamente o quão atraente ele era—atlético, com cabelo curto e um lindo sorriso.

Ele era bem de vida e estava usando um terno caro, mas Riley não via sua riqueza como um ponto negativo. Seus pais eram advogados de sucesso em Washington, muito envolvidos em política, e Riley admirava a escolha de John por uma vida mais humilde, dedicada aos serviços da lei.

Ele era um cara legal, um idealista de verdade, e Riley gostava muito dele. Eles haviam trabalhado juntos para resolver o caso do Palhaço

Assassino, comunicando-se secretamente com o assassino para tirá-lo de seu esconderijo.

Parada perto dele e apreciando aquele sorriso e a conversa, Riley imaginou como a amizade entre os dois aumentaria na Academia.

Definitivamente, eles passariam muito tempo juntos.

E eu vou estar longe do Ryan...

Alertou a si mesma para não deixar que sua imaginação fosse tão longe. Provavelmente, os problemas com Ryan eram apenas temporários. Talvez o que eles precisavam era de um tempo separados, para lembrá-los porque haviam se apaixonado lá no início.

Os estagiários terminaram de comer e começaram a ir embora. John acenou para Riley ao sair, e ela sorriu e devolveu o aceno. Ainda ao lado de Rollin, Natalie seguiu mostrando seu anel no caminho para a porta.

Riley disse tchau para Hoke Gilmer, o supervisor do treinamento, e para o diretor assistente Marion Connor. Ambos haviam discursado para os alunos um pouco antes. Depois, ela saiu da sala de recepções e seguiu para o vestiário, para pegar sua mala.

Encontrou-se sozinha no vestiário grande e vazio. Olhou em volta, melancólica. A sala era onde todos os alunos juntavam-se para as reuniões durante o verão. Duvidou que voltaria a pisar naquele lugar.

Ela sentiria falta do programa? Não tinha certeza. Havia aprendido muito, e gostara da experiência como estagiária. Mas sabia que com certeza era hora de dar um passo a frente.

Então por que estou triste? Perguntou-se.

Rapidamente, deu-se conta de que o motivo era como as coisas estavam com Ryan. Lembrou-se de suas palavras ríspidas na noite anterior, antes de ir para a cama.

Aproveite o resto do jantar. Tem cheesecake na geladeira. Estou cansada. Vou tomar banho e deitar.

Eles não haviam conversado desde então. Ryan acordara e saíra para trabalhar antes que Riley tivesse aberto os olhos naquela manhã.

Riley desejou nunca ter falado com ele daquela maneira. Mas qual escolha ele havia lhe deixado? Ele não tinha sido muito sensível com os sentimentos e sonhos dela.

O peso do anel de noivado parecia estranho em seu dedo. Riley segurou sua mão em frente ao rosto e olhou. Ao ver a joia modesta, porém linda, brilhando sob a luz fluorescente do teto, lembrou-se do momento lindo em

que Ryan a pedira em casamento.

Parecia ter sido há tanto tempo.

Depois da discussão da noite anterior, Riley perguntou-se—eles ainda estavam noivos? A relação tinha acabado? Eles haviam terminado sem dizer essas palavras? Seria hora dela seguir em frente, como já havia feito com outros caras? Ryan estaria pronto para seguir em frente?

Por um momento, brincou com a ideia de não pegar o táxi e o trem para Quantico—pelo menos não naquele momento. Talvez não fosse atrapalhá-la chegar um dia atrasada para as aulas. Talvez ela pudesse conversar com Ryan novamente quando ele chegasse do trabalho. Talvez eles pudessem deixar tudo certo.

Mas então, ela rapidamente percebeu...

Se eu voltar para o apartamento agora, talvez eu nunca vá para Quantico.

Teve um calafrio só de pensar.

De certa forma, ela sabia que seu destino a esperava em Quantico, e ela não ousaria perdê-lo.

É agora ou nunca, pensou.

Pegou sua mala e saiu do prédio, para então pegar um táxi com destino à estação de trem.

CAPÍTULO QUATRO

Guy Dafoe não gostava de acordar cedo de manhã. Mas pelo menos agora, ele estava trabalhando duro para cuidar do seu próprio gado, e não do rebanho de outros donos. Acordar cedo pelo menos parecia ser um esforço que valia a pena agora.

O sol estava nascendo, e ele sabia que aquele seria um lindo dia. Amava o cheiro do campo e os sons do gado.

Passara muitos anos trabalhando em fazendas e rebanhos maiores. Mas aquela era sua própria terra, seus próprios animais. E ele estava alimentando os animais do jeito certo, sem criá-los artificialmente, com hormônios. Aquilo era um desperdício, e os gados criados assim viviam vidas miseráveis. Ele se sentia bem com o que estava fazendo.

Juntara todas as suas economias para comprar aquela fazenda e alguns gados para começar. Sabia que o risco era grande, mas tinha fé em um futuro próspero na venda de gados alimentados à base de mato. Aquele era um mercado em crescimento.

Os bezerros novos estavam agrupados ao redor do celeiro, onde ele havia os colocado na noite anterior para verificar sua saúde e desenvolvimento. Eles o olhavam e mugiam baixo, como se esperassem pelo dono.

Ele tinha orgulho de sua pequena leva de Black Angus, e às vezes precisava resistir à tentação de apaixonar-se por eles, como se fossem animais de estimação. Aqueles eram animais para consumo, afinal de contas. Seria uma má ideia desenvolver um sentimento individual por qualquer um deles.

Naquele dia, ele queria levar os bezerros ao pasto na beira da estrada. O campo onde eles estavam estava com a grama baixa, e o pasto na beira da estrada estava pronto para ser consumido.

Assim que abriu o portão, percebeu algo estranho do outro lado do pasto. Parecia algum tipo de emaranhado ou pacote perto da estrada.

Resmungou em voz alta...

- Seja o que for, provavelmente não é coisa boa.

Passou pelo portão e voltou a fechá-lo, deixando os bezerros onde

estavam. Não queria tirar seus animais dali até descobrir o que ela aquele objeto estranho.

Ao cruzar o campo, ficou mais intrigado. Aquilo parecia um grande emaranhado de arame farpado, pendurado em um poste. Aquele rolo teria batido no caminhão de alguém e terminado ali de alguma forma?

Mas ao chegar mais perto, ele viu que não se tratava de um rolo novo. Era um emaranhado de arame velho, apontado para todas as direções.

Não fazia sentido nenhum.

Quando chegou ao pacote e olhou de perto, percebeu que havia algo dentro.

Inclinou-se em direção ao objeto, olhou, e sentiu um arrepio aterrorizante.

- Cacete! – Gritou, pulando para trás.

Mas talvez fosse só sua imaginação. Forçou-se a olhar novamente.

E ali estava—o rosto de uma mulher, branco e machucado, contorcido em agonia.

Pegou o arame para tirá-lo do rosto dela, mas rapidamente parou.

Não vai adiantar nada, percebeu. Ela está morta.

Cambaleou até o poste seguinte, encostou-se e vomitou.

Seja forte, disse a si mesmo.

Ele precisava ligar para a polícia—já.

Cambaleando, começou a correr em direção a sua casa.

CAPÍTULO CINCO

O agente especial Jake Crivaro estava sentado quando o telefone de seu escritório tocou.

As coisas estavam muito calmas em Quantico desde que ele voltara, no dia anterior.

Naquele momento, sua intuição imediatamente lhe disse...

É um caso novo.

De fato, quando atendeu o telefone, escutou a sonora voz do Agente Especial em Comando Erik Lehl.

- Crivaro, preciso de você no meu escritório agora.

- É para já, senhor – Crivaro disse.

Ele desligou o telefone e pegou sua bolsa, que sempre deixava pronta. O Agente Lehl fora mais direto do que o normal, o que com certeza significava urgência. Crivaro tinha certeza de que teria que ir para algum lugar logo—provavelmente na próxima hora.

Sentiu seu coração batendo um pouco mais rápido ao se apressar pelo corredor. Era um sentimento bom. Depois de dez semanas servindo como mentor no Programa de Honra de Estágio do FBI, aquelas eram as boas-vindas à normalidade.

Durante os primeiros dias do programa de verão, ele fora afastado por um caso de assassinato—o notório “Palhaço Assassino”. Depois disso, havia sido colocado na função de ser o mentor de apenas um dos estagiários—uma jovem talentosa, mas enfurecida, chamada Riley Sweeney, que havia sido brilhante o ajudando no caso.

Mesmo assim, o programa havia passado muito devagar para ele. Não estava acostumado a passar tanto tempo longe do campo.

Quando Jake entrou no escritório de Lehl, o homem esguio levantou-se da cadeira para cumprimentá-lo. Erik Lehl era tão alto que mal parecia caber nos espaços que frequentava. Outros agentes diziam que ele parecia estar sempre vestindo pernas de pau. Para Jake, parecia mais que ele era *feito* de pernas de pau—algo montado em madeira que parecia coordenar perfeitamente com seus movimentos. Tamanho a parte, aquele homem fora um agente excelente e havia conquistado seu posto na Unidade de Análise

Comportamental do FBI.

- Nem perca tempo em sentar, Crivaro – Lehl disse. – Você já vai sair.
Jake manteve-se em pé, obediente.

Lehl olhou para a pasta de papel pardo que segurava e soltou um suspiro pesado. Jake já havia percebido, há tempos, a tendência de Lehl de levar todos os casos ao extremo—inclusive pessoalmente, como se ele fosse sempre diretamente insultado por qualquer tipo de monstruosidade criminosa.

Jake não conseguia se lembrar de ter encontrado Lehl de bom humor.
Afim de contas...

Nós lidamos com monstros.

E Jake sabia que Lehl não o colocaria naquele caso se não fosse algo realmente hediondo. Jake era especialista em casos que desafiavam a imaginação humana.

Lehl deu a pasta para Jake e disse:

- Temos uma situação horrível em West Virginia. Veja.

Jake abriu a pasta e viu uma foto em preto e branco de um pacote estranho, preso por fita adesiva e arame farpado. O pacote estava pendurado em um poste. Jake levou um momento para perceber que o pacote tinha um rosto e mãos—e que na verdade tratava-se de uma mulher, obviamente morta.

Jake respirou fundo.

Até para ele, aquilo era bizarro demais.

Lehl explicou:

- A foto foi tirada cerca de um mês atrás. O corpo de uma funcionária de um salão de beleza chamada Alice Gibson foi encontrado envolto em arame farpado e pendurado em um poste em uma estrada rural perto de Hyland, em West Virginia.

- Que coisa nojenta – Jake disse. – Como os tipos locais estão lidando com isso?

- Eles têm um suspeito sob custódia – Lehl disse.

Os olhos de Jake se arregalaram de surpresa.

- Então o que faz com que esse seja um caso para o FBI?

- Acabamos de receber uma ligação do chefe de polícia de Dighton, uma cidade perto de Hyland. Outro corpo empacotado como esse foi encontrado hoje de manhã, pendurado em um poste em uma estrada rural.

Jake estava começando a entender. Estar preso no momento do segundo

assassinato dava ao suspeito um excelente álibi. E, pelo jeito, parecia que havia um assassino em série que estava apenas começando. Lehl continuou:

- Já dei ordens para não mexerem na cena do crime. Então você precisa ir para lá já. Seriam quatro horas dirigindo, então já coloquei um helicóptero esperando por você na pista de pouso.

Jake estava se virando para sair da sala quando Lehl acrescentou:

- Você quer que eu te dê um parceiro?

Jake voltou a se virar e olhou para Lehl. De certa forma, ele não estava esperando aquela pergunta.

- Não preciso de um parceiro – Jake disse. – Mas vou precisar de uma equipe de peritos. Os tiras na área rural de West Virginia não vão saber como ler a cena do jeito certo.

Lehl concordou e disse:

- Vou montar sua equipe agora mesmo. Eles vão voar com você.

Quando Jake estava saindo pela porta, Lehl disse:

- Agente Crivaro, mais cedo ou mais tarde você vai precisar de outro parceiro.

Jake encolheu os ombros de um jeito estranho e respondeu:

- Se você diz, senhor, tudo bem.

Com uma pitada de reclamação na voz, Lehl respondeu:

- Eu digo. Já é hora de você aprender a lidar bem com os outros.

Jake olhou para ele, surpreso. Era raro que Erik Lehl, um homem de poucas palavras, dissesse mais do que o essencial.

Pelo jeito ele acha mesmo isso, Jake percebeu.

Sem dizer mais nada, Jake saiu da sala e caminhou pelo prédio. Ao caminhar rapidamente, pensou no que Lehl dissera sobre ele ter um novo parceiro. Jake era muito conhecido por ser ríspido no trabalho em campo. Mas ele acreditava que não era duro demais com ninguém, a não ser que a pessoa merecesse.

Seu último parceiro regular, Gus Bollinger, certamente merecera. Ele havia sido demitido por estragar as digitais de uma evidência essencial em um caso chamado “Assassino da Caixa de Fósforos”.

Como consequência, o caso havia esfriado—e Jake odiava casos frios mais do que tudo.

No caso do Palhaço Assassino, Jake trabalhara com um agente de Washington, chamado Mark McCune. McCune não fora tão ruim quanto Bollinger, mas cometera erros estúpidos demais para o gosto de Jake. Ele

agradecera pelo fato de a parceria ter durado apenas um caso e de McCune ter ficado na capital.

Ao chegar ao local onde o helicóptero estava esperando, pensou em mais alguém com quem havia trabalhado recentemente.

Riley Sweeney.

Ele havia ficado impressionado com ela desde que Sweeney, uma estudante de psicologia, o ajudara a resolver o caso do assassino da Lanton University. Quando ela se formou, ele mexeu seus pauzinhos e irritou alguns colegas para colocá-la no Programa de Estágio de Honra. E talvez contra sua própria vontade, havia pedido ajuda a ela no caso do Palhaço Assassino.

Sweeney tinha feito um trabalho brilhante. Mas também cometera erros gritantes e estava longe de aprender a obedecer ordens. No entanto, ele conhecia poucos agentes com uma intuição tão poderosa.

Um deles era ele próprio.

Quando Jake abaixou-se sob as hélices e subiu no helicóptero, ele viu a equipe de quatro homens da perícia correndo pela pista. Todos eles subiram, e o helicóptero decolou.

Parecia bobo pensar em Riley Sweeney naquele momento. Quantico era uma base gigante, e mesmo com ela estando na Academia do FBI, seus caminhos provavelmente não se cruzariam novamente.

Jake abriu a pasta para ler novamente o relatório da polícia.

*

Depois de ter passado pelas montanhas apalaches, o helicóptero sobrevoou vários pastos, lotados de gados Black Angus. Quando começou a descer, Jake pode ver onde as viaturas haviam bloqueado um trecho da estrada de cascalho, para manter os curiosos longe da cena do crime.

O helicóptero pousou em um pasto. Jake e os peritos saíram e seguiram em direção a um pequeno grupo de pessoas uniformizadas e várias viaturas e veículos oficiais.

Os policiais e a equipe de examinadores médicos estavam dos dois lados da cerca de arame farpado que seguia pela estrada, na beira do pasto. Jake pode ver o que parecia ser um feixe de arame enrolado, pendurado em um poste.

Um homem pequeno e forte, da altura de Jake e musculoso, deu um passo a frente para cumprimentá-lo.

- Sou Graham Messenger, o comandante da polícia aqui de Dighton – ele disse, apertando a mão de Jake. – Tivemos alguns incidentes terríveis por aqui. Deixe-me lhe mostrar.

O comandante seguiu até o poste e, ali, um estranho pacote estava pendurado, todo enrolado em fita adesiva e arame farpado. Novamente, Jake pode ver um rosto e as mãos, indicando que o pacote na verdade era o corpo de um ser humano. Messenger disse:

- Imagino que você já saiba sobre Alice Gibson, a outra vítima, de Hyland. Isso aqui parece a mesma coisa. Dessa vez, a vítima se chama Hope Nelson.

Crivaro disse:

- Alguém deu queixa do desaparecimento dela antes do corpo ser encontrado?

- Sim, deram sim – Messenger disse, apontando em direção a um homem de meia idade, que parecia atordoado, e estava parado próximo às viaturas. – Hope era casada com Mason Nelson, aquele homem ali—o prefeito da cidade. Ela estava trabalhando no mercado local deles ontem à noite, mas não voltou para casa como Mason esperava. Ele me ligou no meio da noite, muito assustado.

O comandante encolheu os ombros, demonstrando culpa.

- Bom, eu estou acostumado com pessoas desaparecendo e depois aparecendo novamente. Eu disse ao Mason que iria atrás disso hoje se ela não aparecesse. Eu não tinha ideia de...

A voz de Messenger travou. Então, ele suspirou, balançou a cabeça e acrescentou:

- Os Nelson são donos de muitas propriedades aqui em Dighton. Sempre foram pessoas boas e respeitadas. A pobre Hope não merecia isso. Bom, acho que ninguém merece.

Outro homem aproximou-se deles. Ele tinha um rosto comprido, mais velho, cabelos brancos e um bigode espesso. O comandante Messenger o apresentou como Hamish Cross, o líder da equipe de examinadores médicos. Mastigando um pedaço de erva, Cross parecia relaxado e pouco curioso com o que estava acontecendo. Ele perguntou a Jake:

- Você já viu algo assim antes?

Jake não respondeu. A resposta, é claro, era não.

Jake aproximou-se do pacote e examinou mais de perto. Ele disse a Cross:

- Imagino que você tenha trabalhado no outro assassinato.

Cross assentiu, aproximou-se de Jake e girou a erva em sua boca.

- Sim – Cross disse. – E esse aqui é muito parecido. Ela não morreu aqui, isso está claro. Foi raptada, amarrada primeiro com fita adesiva e depois com arame farpado, e sangrou devagar, até a morte. Ou isso, ou foi sufocada antes. Amarrada com tanta força assim, ela não devia estar conseguindo nem respirar direito. Tudo isso aconteceu em outro lugar—não tem nenhum sinal de sangue aqui.

Jake podia ver que o rosto e as mãos estavam brancos como papel, e brilhavam no sol da manhã como pedaços de porcelana. A mulher simplesmente não parecia real, e sim um tipo de escultura grotesca.

Algumas moscas haviam parado em volta do corpo. Ela caminhavam em volta e voltavam a voar. Pareciam não saber o que fazer com o objeto misterioso.

Jake voltou a se levantar e perguntou ao Comandante Messenger:

- Quem encontrou o corpo?

Em resposta, Jake ouviu a voz de um homem:

- O que está acontecendo aqui? Quanto tempo mais isso vai levar?

Jake virou-se e viu um homem de cabelos longos, com barba por fazer, vindo em direção a eles. Ele parecia nervoso, e sua voz estava trêmula. Ele gritou:

- Quando é que vocês vão tirar esse... essa coisa daqui? Isso é um absurdo. Estou tendo que deixar meu gado num pasto ruim por causa disso. Tenho muita coisa para fazer hoje. Quanto tempo mais isso vai levar?

Jake virou-se para Hamish Cross e disse, em voz baixa:

- Você pode tirar o corpo daqui agora mesmo.

Cross assentiu e deu ordens a sua equipe. Então, tirou o homem bravo dali e falou com ele em voz baixa, aparentemente o acalmando.

O Comandante Messenger explicou a Jake:

- Esse é Guy Dafoe, dono do terreno. É um fazendeiro orgânico—um hippie local, podemos dizer. Não está aqui há muito tempo. Acontece que essa área é boa para criar gados orgânicos. As fazendas orgânicas estão abastecendo muito nossa economia local.

O telefone do comandante tocou e ele atendeu a ligação. Escutou por um momento, e depois disse a Jake:

- É Dave Tallhamer, o xerife de Hyland. Você deve saber que há um suspeito sob custódia pelo primeiro assassinato—Philip Cardin. Ele é ex-

marido da primeira vítima, um cara ruim que não tinha um álibi bom. Tallhamer achou que ele era o culpado. Mas acho que esse novo assassinato muda tudo, não muda? Dave quer saber se deve soltar o cara.

Jake pensou por um momento, e então respondeu:

- Não até que eu possa conversar com ele.

Com uma expressão de curiosidade, Messenger disse:

- Ué, estar preso em uma cela quando a mulher foi morta basicamente não o inocenta?

Jake segurou um suspiro de impaciência. Ele simplesmente repetiu:

- Eu quero falar com ele.

Messenger concordou e voltou a falar com o xerife no telefone.

Jake não queria ter que explicar nada naquele momento. A verdade é que ele não sabia absolutamente nada sobre o suspeito sob custódia, nem sequer se ele era mesmo suspeito. Pelo que Jake sabia, Philip Cardin poderia ter um parceiro que cometera esse novo assassinato, ou então...

Só Deus sabia o que estava acontecendo.

Naquele ponto da investigação, havia sempre milhares de perguntas e nenhuma resposta. Jake esperava mudar esse panorama em breve.

Enquanto Messenger seguiu falando ao telefone, Jake caminhou até o marido da vítima, que estava encostado em uma viatura, olhando para o nada. Jake disse:

- Senhor Nelson, sinto muito por sua perda. Eu sou o Agente Especial Jake Crivaro, e estou aqui para ajudar a trazer justiça ao assassino da sua mulher.

Nelson assentiu levemente, como se mal soubesse com quem estava falando. Jake disse, com sua voz firme:

- Senhor Nelson, você tem alguma ideia de quem pode ter feito isso? Ou por quê?

Nelson olhou para ele com uma expressão confusa.

- Quê? – Ele disse. Então, repetiu: - Não, não, não.

Jake sabia que não fazia sentido fazer mais perguntas ao homem, pelo menos não naquele momento. Ele estava claramente em estado de choque, e aquilo não era surpreendente. A esposa dele não só estava morta, mas havia sido assassinada de um jeito grotesco.

Jake voltou à cena do crime, onde os peritos já estavam trabalhando.

Ele olhou em volta, notando como o local parecia ser isolado. Pelo menos, não havia uma multidão de curiosos por perto.

E até então, nenhum sinal da mídia.

Mas então, ele ouviu o som de outro helicóptero. Olhou em volta e viu o helicóptero de uma TV, descendo em direção ao campo.

Jake suspirou profundamente e pensou...

Esse caso vai ser complicado.

CAPÍTULO SEIS

Riley encheu-se expectativa quando o orador se posicionou em frente aos cerca de 200 recrutas. O homem parecia pertencer a uma época diferente, com seu terno fino, gravata slim preta e corte de cabelo bagunçado. Ele lembrava Riley de fotos que ela havia visto de astronautas dos anos 60. Ao mexer em algumas anotações, ele olhou para seu público, e ela esperou ouvir palavras de boas-vindas e elogios.

O Diretor da Academia Lane Swanson começou exatamente como ela esperava.

- Eu sei que todos vocês trabalharam duro para se preparar para esse dia.

Ele acrescentou com um sorriso de canto de boca.

- Bom, deixe-me dizer para vocês agora mesmo—vocês *não estão preparados*. Nenhum de vocês.

Um suspiro coletivo foi ouvido pelo auditório e Swanson parou por um momento, para que suas palavras ecoassem. Então, ele continuou:

- É isso o que esse programa de 20 semanas faz—preparar vocês para começar uma vida no FBI. E parte da preparação é conhecer os limites da preparação, como lidar com o inesperado, aprender a pensar por si próprio. Sempre lembrem—o FBI é chamado de “o lado Oeste da força da lei”, e isso tem motivos. Nossos padrões são altos. Nem todos vocês vão conseguir passar por isso. Mas os que passarem estarão preparados ao máximo para as tarefas que lhes esperam.

Riley concordou com cada palavra que Swanson disse sobre os padrões da academia em promover segurança, uniformidade, responsabilidade e disciplina. Então, ele começou a falar sobre o currículo rigoroso—cursos sobre tudo, de leis e ética a interrogatórios e coleta de evidências.

Riley sentiu-se mais e mais ansiosa a cada palavra, e deu-se conta:

Não estou mais em um programa de verão.

O programa de verão parecia um acampamento adolescente se comparado ao que ela iria enfrentar agora.

Seria tudo aquilo muito para ela?

Aquela tinha sido uma má ideia?

Por um momento, ao olhar em volta para os outros recrutas, sentiu-se como uma criança. Quase ninguém ali tinha a idade dela. Percebeu, pelos rostos, que todos ali tinham pelo menos a mesma experiência que ela, e muitos tinham muito mais. A maioria tinha mais do que 23 anos, e alguns pareciam ter a idade máxima para o recrutamento, 37.

Ela sabia que eles tinham todos os tipos de bagagem e vinham de várias áreas diferentes. A maioria havia sido agente de polícia, e muitos outros haviam servido o exército. Outras haviam trabalhado como professores, advogados, cientistas, empresários, e muitas outras profissões, vez ou outra. Mas todos eles tinham algo em comum—um compromisso forte de passar o resto de suas vidas servindo às forças da lei.

Poucas pessoas ali haviam saído do programa de estágio. John Welch, que estava sentado alguma fileiras à frente dela, era um deles. Como Riley, ele era uma exceção à regra de que todos os recrutas precisavam de pelo menos três anos de experiência para entrar na academia.

Swanson terminou seu discurso:

- Estou ansioso para apertar a mão daqueles que completarem o programa aqui em Quantico. Nesse dia, vocês serão empossados pelo Diretor do FBI em pessoa, Bill Cormack. Boa sorte a todos vocês.

Então, ele acrescentou com uma risada:

- E agora—ao trabalho!

O instrutor tomou o lugar de Swanson no púlpito e começou a chamar os nomes dos recrutas—“NATs”, eles eram chamados, o que significava “Novos Agentes em Treinamento”. Quando os NATs responderam a seus nomes, o instrutor criou pequenos grupos, que participariam de aulas juntos.

Enquanto esperava para ter seu nome chamado, Riley lembrou-se de quão tedioso havia sido tudo desde que ela chegara ali, no dia anterior. Antes de entrar, ela precisou preencher muitos formulários, comprar um uniforme e solicitar um dormitório.

Aquele dia, porém, já estava sendo bem diferente.

Sentiu uma pontada ao ouvir o nome de John Welch ser chamado por um grupo que não era o dela. Poderia ser bom, ela pensou, ter um amigo ao lado nas semanas que estavam por mim. Por outro lado...

Está bom assim também.

Dados seus confusos sentimentos por John, a presença dele poderia se tornar uma distração.

Riley aliviou-se, no entanto, ao ver que estava no mesmo grupo de

Francine Dow, a colega de quarto com quem ela fora colocada no dia anterior. Frankie, como ela preferia ser chamada, era mais velha que Riley, por volta dos 30 anos—e era uma ruiva cheia de espírito que, por suas características, parecia já ter muita experiência na vida.

Riley e Frankie ainda não haviam tido tempo para conversar e se conhecer. No dia anterior, elas apenas arrumaram suas coisas no dormitório, e tinham se separado na hora do café da manhã.

Finalmente, o grupo de NATs de Riley juntou-se no pátio de entrada com o Agente Marty Glick, o instrutor do grupo. Glick parecia ter trinta e poucos anos. Ele era alto e tinha o corpo de um jogador de futebol musculoso. Tinha uma expressão séria, que pouco dizia sobre ele.

Ele disse ao grupo:

- Temos um dia e tanto pela frente. Mas antes de começarmos, tem algo que eu quero mostrar a vocês.

Glick os levou para o hall de entrada principal, uma sala enorme com a marca do FBI no meio de seu piso de mármore, além de um distintivo em bronze em uma parede com uma faixa preta em volta. Riley havia passado por ali quando chegara, e sabia que aquilo era chamado de Hall de Honra. Era um local solene, onde agentes mártires do FBI eram eternizados.

Glick levou-os a uma parede com duas telas de retratos e nomes. Entre as telas, havia uma placa que dizia:

*Graduados na Academia Nacional mortos em combate,
em resultado de uma ação adversa.*

Alguns suspiros foram ouvidos entre o grupo enquanto eles caminhavam pelo local. Glick não disse nada por um momento, deixando que todos sentissem o impacto emocional do local. Finalmente, ele disse, quase em um sussurro:

- Não decepcionem eles.

Ele levou o grupo de NATs para fora da sala, para começar suas atividades, e Riley olhou novamente para as fotos na parede. Ela não pode deixar de se perguntar...

Minha foto vai estar aí um dia?

Obviamente, era impossível saber. Ela só podia ter certeza de que os dias seguintes trariam desafios que ela nunca enfrentara na vida. Sentiu-se desafiada por aquela sensação de responsabilidade para com o agentes

mártires.

Não posso decepcioná-los, pensou.

CAPÍTULO SETE

Com um carro emprestado e em alta velocidade, Jake dirigiu pelas ruas de cascalho de Dighton em direção a Hyland. O comandante Messenger havia lhe emprestado o carro para que Jake pudesse sair antes que o helicóptero da imprensa aterrissasse.

Ele não tinha ideia do que esperar em Hyland, mas estava feliz por ter escapado da mídia. Odiava ser assediado por repórteres que o enchiam de perguntas que ele não podia responder. A mídia gostava de se saborear com assassinatos bizarros em locais bucólicos. O fato da vítima ser a esposa do prefeito com certeza tornava aquela história ainda mais irresistível para eles.

Ele dirigiu com a janela aberta, aproveitando o ar fresco. Messenger havia configurado um mapa, e Jake estava aproveitando o pequeno tour pelas estradas do interior. O homem que seria interrogado não iria a lugar algum antes que Jake chegasse.

Claro, o suspeito na prisão de Hyland poderia não ter nenhuma relação com nenhum dos dois crimes. Ele estava preso no momento da morte da segunda vítima.

Não que isso prove a inocência dele, Jake pensou.

Sempre existia a possibilidade de haver uma equipe de dois ou mais em ação. Hope Nelson poderia ter sido raptada por um imitador, seguindo os passos do assassinato de Alice Gibson.

Nenhuma possibilidade surpreenderia Jake. Ele já havia trabalhado em casos mais estranhos que aquele em sua longa carreira.

Quando estacionou em Hyland, a primeira coisa da qual se deu conta foi como a cidade parecia pequena e quieta—muito menor do que Dighton, com uma população de cerca de mil pessoas. A placa pela qual esse acabara de passar indicava que apenas algumas centenas de pessoas moravam aqui.

O tamanho mínimo para ser emancipada, Jake pensou.

A estação de polícia era uma entrada pequena, na pacata rua comercial. Ao estacionar na estrada, Jake viu um homem obeso e uniformizado encostado na porta, como se não tivesse mais nada para fazer.

Jake saiu do carro. Ao caminhar em direção à estação, percebeu que o

policial gigante estava olhando diretamente para alguém do outro lado da rua. Era um homem vestido um jaleco branco, médico, parado ali com seus braços cruzados. Jake teve a estranha impressão de que os dois estavam parados, olhando um para o outro, por um bom tempo.

O que está acontecendo aqui? Ele se perguntou.

Caminhou até o homem uniformizado na porta e lhe mostrou seu distintivo. O homem apresentou-se como o xerife David Tallhamer. Ele estava mastigando um maço de tabaco, e disse a Jake em um tom monótono:

- Entre, vou lhe apresentar nosso convidado—Phil Cardin é o nome dele.

Quando Tallhamer entrou, Jake olhou para trás e viu o homem de jaleco branco ainda parado, no mesmo lugar.

Dentro da estação, Tallhamer apresentou Jake para um policial que estava sentado com os pés na mesa, lendo um jornal. O tira acenou para Jake e seguiu lendo seu noticiário.

O pequeno escritório parecia ter uma estranha sensação de tédio. Se Jake não tivesse essa informação, ele jamais imaginaria que aqueles dois policiais estavam lidando com um caso de assassinato grotesco.

Tallhamer levou Jake por uma porta nos fundos da estação que levava à prisão. A cadeia tinha apenas duas celas, uma de frente para outra em um corredor estreito. As duas estavam ocupadas naquele momento.

Em uma cela, um homem com um terno velho estava deitado, roncando alto em sua cama. No outro lado, um homem com cara de mal-humorado, de jeans e camiseta, estava sentado em seu beliche.

Tallhamer pegou suas chaves e destrancou a cela do prisioneiro sentado, dizendo:

- Você tem visita, Phil. Um verdadeiro Agente do FBI – ele disse.

Jake entrou na cela e Tallhamer ficou parado, do lado de fora, mantendo a cela aberta.

Phil Cardin apertou seu olhar em direção a Jake e disse:

- FBI, é? Bom, talvez você possa ensinar esse tira aí a fazer o trabalho dele. Eu não matei ninguém, muito menos minha ex. Se eu tivesse feito isso, seria o primeiro a me gabar. Então deixe eu ir embora logo.

Jake perguntou-se:

Alguém já falou para ele do outro assassinato?

Ele imaginou que Cardin não sabia daquilo. Percebeu que era melhor deixar assim, pelo menos por enquanto. Jake disse a ele:

- Tenho algumas perguntas, senhor Cardin. Você quer a presença de um

advogado?

- Ele *já está* presente—de certa forma – Cardin disse.

Depois, gritou:

- Ei, Ozzie, por que você não acorda? Preciso de um representante legal. Faça com que meus direitos não sejam violados. Embora eu ache que já tenham sido, seu incompetente bêbado.

O homem de terno velho na outra cela sentou-se e esfregou os olhos.

- Que porra você está gritando aí? – Ele murmurou. – Você não vê que eu estou tentando dormir? Cara, estou com uma dor de cabeça do cacete.

Jake ficou de queixo caído. O xerife gordo riu ao perceber a surpresa do agente. Tallhamer disse:

- Agente Crivaro, gostaria que você conhecesse Oswald Hines, o único advogado da cidade. Ele é chamado para funções de defesa pública às vezes. Ele foi preso um tempo atrás por desrespeito à ordem e excesso de álcool. Conveniente para todos, porque agora ele fica sempre aqui. E isso não é nada incomum.

Oswald Hines tossiu e gemeu.

- É, acho que é verdade – ele disse. – Isso aqui é como minha segunda casa—ou um segundo escritório, podemos dizer. Em horas como essa, é um local conveniente. Eu odiaria ter que ir a outro lugar do jeito que estou me sentindo agora.

Hines respirou fundo, devagar, quase sem olhar para as outras pessoas ali. Então, ele disse a Jake:

- Escute, Agente Sei-Lá-O-Que. Como advogado de defesa desse homem, eu devo insistir que vocês o deixem em paz. Já foram feitas muitas perguntas para ele na última semana. Ele está sendo mantido preso sem motivo. – O advogado bocejou e continuou. – Na verdade, eu esperava que ele já tivesse sido solto. É melhor ele já ter saído quando eu acordar novamente.

O advogado começou a se deitar novamente, mas o xerife disse:

- Fique acordado, Ozzie. Você tem trabalho a fazer. Vou pegar uma xícara de café para você. Você quer que eu abra sua cela para que você fique mais perto do seu cliente?

- Não, estou bem aqui – Ozzie disse. – Mas corra com esse café. Você sabe como eu gosto.

Rindo, o xerife Tallhamer disse:

- Como é mesmo?

- Em qualquer xícara – Ozzie murmurou. – Vá. Agora.

Tallhamer voltou para seu escritório. Jake ficou parado, olhando para o preso por um instante. Finalmente, ele disse:

- Senhor Cardin, imagino que você não tenha um álibi para o momento do assassinato de sua ex-mulher.

Cardin encolheu os ombros e respondeu:

- Eu não sei de onde tiraram isso. Eu estava em casa. Jantei comida congelada, assisti TV até tarde, dormi o resto da noite. Eu não estava nem perto de onde tudo aconteceu—seja já onde for.

- Alguém pode comprovar isso? – Jake disse.

Cardin sorriu e disse:

- Não, mas ninguém poderia provar se eu estava sozinho, não é?

Observando a malícia na expressão de Cardin, Jake se perguntou:

Ele é culpado e está me provocando?

Ou ele só não entendeu a seriedade dessa situação?

Jake perguntou:

- Como era sua relação com sua ex-mulher na época do assassinato?

O advogado intrometeu-se rapidamente.

- Phil, não responda essa pergunta.

Cardin olhou para a outra cela e disse:

- Ah, cala a boca Ozzie. Não vou falar para ele nada diferente do que eu já disse ao xerife centenas de vezes. Não vai fazer diferença nenhuma. – Então, ele olhou para Jake e disse, em um tom sarcástico. - As coisas estavam muito bem entre Alice e eu. Nosso divórcio foi totalmente amigável. Eu não teria machucado um fio de cabelo daquele rosto lindo.

O xerife havia acabado de retornar e entregou a xícara de café ao advogado.

- Amigável, claro – Tallhamer disse a Cardin. – No dia do assassinato, você entrou gritando no salão de beleza em que ela trabalhava, dizendo na frente das clientes que ela tinha arruinado sua vida, que você a odiava e queria ela morta. É por isso que você está aqui.

Jake colocou as mãos no bolso e disse:

- Você se importaria em me falar sobre isso?

Cardin olhou dentro dos olhos de Jake e disse, apertando os dentes:

- Foi *tudo* culpa dela.

Jake arrepiou-se ao sentir o ódio na voz dele.

É um verdadeiro idiota, pensou.

Ele já havia lidado com muitos assassinos que não conseguiam assumir a responsabilidade por qualquer coisa que dava errado em suas vidas. Jake sabia que o ressentimento de Cardin dificilmente provava sua culpa. Mas ele já podia entender completamente porque Cardin havia sido preso.

Ainda assim, Jake sabia que mantê-lo preso era outro problema, agora que havia acontecido outro assassinato. Pelo que o Comandante Messenger dissera a Jake em Dighton, não havia nenhuma evidência física ligando Cardin ao crime. A única evidência era o comportamento ameaçador, especialmente a cena no salão onde Alice trabalhara. Tudo era circunstancial.

A não ser que ele diga algo que o incrimine aqui, agora.

Jake disse a Cardin:

- Pelo que eu vejo você é um ex-marido que não está exatamente de luto.

Cardin grunhiu e disse:

- Talvez eu estivesse se Alice não tivesse me feito tão mal. Passou nosso casamento todo dizendo que eu era um fracassado—como se aquele sapo com quem ela casou depois fosse muito melhor. Bom, eu não era um fracassado até ela se divorciar de mim. Foi só aí que as coisas começaram a dar errado para mim. Não é justo...

Jake escutou Cardin seguir reclamando de sua ex. A amargura e a dor no coração dele eram muito perceptíveis. Jake suspeitava que Cardin nunca havia conseguido deixar de amar Alice. Parte dele parecia ainda ter esperanças de que eles pudessem terminar juntos.

No entanto, esse amor dele por ela era claramente doente e obsessivo—nenhum pouco saudável, em nenhum aspecto. Jake conhecia muitos assassinos que haviam agido exatamente movidos por esse tipo de sentimento, que chamavam de amor.

Cardin parou por um momento, e então disse:

- Me diga—é verdade que encontraram o corpo dela envolto em arame farpado? – Balançando a cabeça e sorrindo, ele acrescentou: - Cara, isso foi... foi *criativo*.

Jake chocou-se um pouco com tais palavras.

O que exatamente Cardin queria dizer?

Ele estava admirando o trabalho manual de outra pessoa?

Ou estava maliciosamente elogiando seu próprio esforço?

Jake percebeu que era hora de tentar abordá-lo sobre o outro crime. Se Cardin fosse cúmplice de quem havia matado Hope Nelson, talvez Jake

poderia fazê-lo admitir. Mas ele sabia que precisava tocar no assunto com cuidado. Ele disse:

- Senhor Cardin, você conhecia uma mulher chamada Nope Nelson, de Dighton?

Cardin coçou a cabeça e respondeu.

- Nelson... esse nome é familiar. Não é a mulher do prefeito, ou algo assim?

Encostado na grade do lado de fora da cela, o Xerife Tallhamer grunhiu e disse:

- Ela esta *morta*, é isso que ela está.

Jake lutou para não deixar transparecer seu desânimo. Ele não planejava contar a verdade a Cardin tão diretamente. Esperava levar um tempo, para tentar descobrir se ele já sabia do que acontecera com Hope Nelson.

O advogado na outra cela levantou-se.

- Morta? – Ele disse. – De que porra vocês estão falando?

Tallhamer cuspiu um pouco de tabaco no chão de concreto e disse:

- Ela foi morta ontem à noite—exatamente do mesmo jeito que Alice. Amarrada em um poste, empacotada com arame farpado.

Parecendo completamente sóbrio de repente, Ozzie esbravejou:

- Então por que diabos vocês ainda estão segurando meu cliente? Não vão me dizer que vocês acham que ele matou outra mulher ontem enquanto estava preso aqui.

Jake desabou por dentro. Sua tática havia dado errado, e ele sabia que qualquer outra pergunta não faria sentido. Mesmo assim, ele perguntou novamente a Cardin:

- Você conhecia Hope Nelson?

- Não acabei de falar que não? – Cardin disse, um pouco surpreso.

Mas Jake não conseguiu decifrar se aquela surpresa era real ou não.

Ozzie segurou as grades de sua própria cela e gritou:

- É melhor vocês soltarem meu cliente agora, ou vocês vão enfrentar um bom processo!

Jake segurou um suspiro.

Ozzie estava certo, é claro, mas...

Ele escolheu ser competente de repente.

Jake virou-se para Tallhamer e disse:

- Solte Cardin. Mas fique bem de olho nele.

Tallhamer chamou seu parceiro para que ele trouxesse os pertences de

Cardin. Quando o xerife abriu a cela para que Cardin saísse, ele virou-se para Ozzie e disse:

- Você também quer ir?

Ozzie bocejou e deitou-se em seu beliche.

- Não. Tive um belo dia de trabalho. Vou dormir mais um pouco— enquanto você não precisar da cela para por outra pessoa.

Tallhamer piscou e disse:

- Sinta-se à vontade.

Ao sair da estação com Tallhamer e Cardin, Jake viu que o homem de jaleco branco ainda estava ali, do outro lado da rua, exatamente no mesmo lugar que antes.

De repente, o homem começou a se mexer, atravessando a rua em direção a eles.

Tallhamer murmurou para Jake:

- Lá vem problema.

CAPÍTULO OITO

Jake analisou o homem que estava correndo em direção a eles no lado de fora da estação policial. Ele viu raiva no rosto do homem, mas não sentiu que era o alvo daquele sentimento. Percebeu, claramente, que Tallhamer não estava pronto para o que estava por vir.

No mesmo instante, Cardin havia se virado e estava correndo rapidamente pela calçada.

O homem nervoso atacou Tallhamer. Apontando um braço na direção de Cardin, ele gritou:

- Eu *exijo* que esse merda volte a ser preso!

Aparentemente imune à raiva do homem, o xerife Tallhamer calmamente apresentou Jake a Earl Gibson, o único médico da cidade, marido de Alice Gibson.

Jake esticou a mão e ofereceu suas condolências, mas os braços do médico ainda estavam balançando em círculos enquanto ele falava com Tallhamer. Jake percebeu que o Dr. Gibson era um homem simples, e seu rosto tinha muitas marcas, ainda mais visíveis por sua onda de fúria. Ele lembrou de que Cardin havia o descrito como “*aquele sapo com que ela casou depois*”.

De fato, Cardin era um cara muito bonito se comparado ao médico.

Jake imaginou que Earl Gibson devia ter outras virtudes, que não sua aparência, que teriam atraído a mulher agora morta. Afinal de contas, Gibson era médico, e o ex-marido de Alice não passava de um cozinheiro fracassado.

Provavelmente, uma escolha muito fácil em uma cidade com poucas opções.

A raiva de Gibson só aumentou quando ele descobriu quem Jake era.

- O FBI! Por que é que o FBI tem que estar aqui? Vocês já pegaram o assassino da minha mulher! Vocês soltaram ele! Não tem um júri no mundo que diria que ele não é culpado. E agora vocês soltaram ele!

O xerife Tallhamer arrastou seus pés e disse em um tom paciente, quase com pena:

- Earl, nós falamos sobre isso pouco tempo atrás, não?

O Dr. Gibson disse:

- Sim, falamos. E por isso eu fiquei esperando. Eu tinha que ver com meus próprios olhos. Eu queria impedir.

- Nós tivemos que soltar ele, e você sabe porque – Tallhamer disse. – Outra mulher foi morta ontem à noite em Dighton, do mesmo jeito que Alice foi. Eu posso garantir onde Phil Cardin estava ontem à noite, e com certeza não era nem perto de Dighton. Ele não matou aquela mulher, e agora não temos motivos para acreditar que ele tenha matado Alice.

- Não tem motivos! – Gibson disse, explodindo de raiva. – Ele ameaçou a vida dela no mesmo dia. E não venha me falar besteiras sobre a vítima de Dighton e sobre como Phil Cardin não matou ela. Nós dois sabemos que existe um suspeito viável para o outro crime.

Jake se interessou pela conversa de repente.

- Um suspeito viável? – Ele perguntou.

Gibson riu para o xerife e disse:

- Você não contou para ele, contou?

- Me contou o que? – Jake perguntou.

- Sobre o irmão de Phil Cardin, Harvey – Gibson disse a Jake. – Ele defende Phil em tudo. Ele também ameaçou Alice. Ele ligou para ela e disse que ele e Phil iriam se vingar. Ligou no dia em que ela foi morta. E seja lá onde ele estava ontem à noite, não era numa cela. Foi ele que matou aquela mulher em Dighton. Apostaria minha vida nisso.

Jake estava completamente surpreso. Ele perguntou a Gibson:

- Por que você acha que ele mataria alguém em outra cidade?

- Os motivos dele, você quer saber? Talvez ele tinha algo pessoal contra aquela mulher. Ele anda bastante pelo estado, então talvez tenha se envolvido com ela, e então seguido o exemplo do irmão. Mas acho que é mais provável que ele tenha feito isso para proteger o irmão—para fazer as pessoas pensarem que Phil não matou Alice.

Tallhamer suspirou e disse:

- Earl, nós já falamos sobre isso também, não falamos? Nós dois conhecemos Harvey Cardin a vida inteira. Ele viaja por aí porque é um encanador itinerante. Ele fala besteiras às vezes, mas não é como o irmão. Ele não mataria uma mosca, muito menos alguém de um jeito tão horrível.

Jake forçou sua mente para tentar entender o que estava escutando.

Ele desejou que Tallhamer tivesse lhe contado sobre Harvey Cardin desde o início.

Tiras de cidades pequenas, pensou. Alguns deles têm tanta certeza de que sabem tudo sobre todo mundo que podem deixar passar algo importante.

Jake disse ao xerife Tallhamer:

- Quero falar com Harvey Cardin.

O xerife encolheu os ombros, como se achasse que aquilo seria uma perda de tempo. Ele disse:

- Bom, se você quer, tudo bem. Harvey mora só a algumas quadras daqui. Vou levar você lá.

Ao caminhar com o xerife, Jake viu que Gibson estava os seguindo. A última coisa que ele precisava naquele momento era de um viúvo cheio de raiva atrapalhando seu interrogatório com um possível suspeito.

Da maneira mais delicada possível, ele disse:

- Dr. Gibson, o xerife e eu precisamos que você nos deixe fazer nosso trabalho.

Quando Gibson abriu sua boca para protestar, Jake acrescentou:

- Quero falar com você em breve. Onde posso lhe encontrar?

Gibson ficou em silêncio por um momento.

- Estarei no meu consultório – ele disse. – O xerife pode lhe dizer onde fica.

Gibson virou-se e saiu, ainda com raiva.

Jake e Tallhamer caminharam uma curta distância até chegarem a uma pequena casa branca, onde Harvey Cardin morava. Era um cabana velha, com um gramado descuidado.

Tallhamer bateu na porta da frente. Ninguém respondeu, ele bateu novamente, e seguiu sem resposta. O xerife disse:

- Provavelmente ele está fora, talvez trabalhando em outra cidade. Vamos ter que falar com ele outra hora.

Jake não queria esperar “outra hora”. Ele olhou por um dos vidros na porta da frente. Pode ver alguns móveis simples e pouca coisa lá dentro—sem nenhuma decoração especial. Parecia o tipo de lugar que era alugado mobiliado, mas não havia sinais de que alguém morava ali.

Jake imaginou que Harvey Cardin estava de fato fora da cidade...

Mas ele voltaria em algum momento?

Seus pensamentos foram interrompidos pela voz de um homem, na porta ao lado.

- Posso ajudá-lo com algo, xerife?

Jake virou-se e viu um homem parado no gramado. Tallhamer disse ao homem:

- Esse agente do FBI e eu estamos procurando Harvey Cardin.

O homem balançou a cabeça e disse:

- Você está sem sorte, eu acho. Eu vi ele carregando um caminhão há uma semana—logo depois que o irmão dele foi preso por matar Alice Gibson. Parecia que ele estava levando tudo o que tinha, que não era muita coisa. Perguntei para onde ele ia, e ele disse ‘qualquer lugar que não seja Hyland. Estou cheio dessa porra de cidade’.

Jake sentiu um alarme tocando em sua mente.

Um possível suspeito havia desaparecido.

- Vamos lá – Jake disse a Tallhamer. – Precisamos falar com algumas pessoas.

*

Jake e o xerife Tallhamer passaram o resto do dia conduzindo interrogatórios inúteis, começando pela vizinhança onde Harvey Cardin morava. Tudo o que os vizinhos de Harvey sabiam era que ele não era visto desde que tinha deixado a cidade, semanas antes.

Eles não tiveram mais sorte com os parentes e amigos de Alice. As colegas de trabalho dela no salão de beleza concordaram que a cena feita por Phil Cardin havia sido assustadora e terrível, exatamente no dia em que ela fora morta.

Quando Jake e Tallhamer pararam no Mick’s Diner, o dono disse que Phil Cardin havia sido demitido de seu trabalho como cozinheiro de pequenos pedidos por vários motivos—faltar ao trabalho, chegar bêbado e brigar com outros funcionários.

Nenhuma daquelas pessoas tinha ideia sobre onde Harvey, o irmão de Phil, poderia estar.

Por fim, Jake e o xerife pararam no consultório do médico Earl Gibson. Ele ainda estava nervoso por conta da soltura de Phil Cardin, e ficou mais ainda ao escutar que Harvey havia desaparecido. Jake conseguiu acalmá-lo o suficiente para fazer algumas perguntas, mas Gibson não pode dar nenhuma pista sobre quem mais poderia querer matar sua mulher.

As conversas apenas aumentaram o mistério, até onde Jake percebera. Ele estava procurando alguma indicação de que os irmãos Cardin haviam

cometido os dois assassinatos, ou mesmo de que o desaparecido Harvey Cardin poderia ter cometido ambos.

Mas e se eles não fossem culpados?

Jake ainda não tinha cenários alternativos. Ele não tinha nenhuma intuição sobre ninguém mais em Hyland que pudesse ter cometido nenhum dos dois crimes. Alice parecia ser bem-quista por todas as pessoas com quem eles haviam conversado, e ninguém ali parecia conhecer Hope Nelson, a não ser pelo nome. Aparentemente, Alice Gibson também não a conhecia. As duas mulheres eram da mesma região do estado, mas haviam passado suas vidas em cidades diferentes e círculos sociais totalmente diferentes.

Quando voltaram à estação policial após um dia inútil, Jake disse ao policial subordinado à Tallhamer para ficar de olho em Phil Cardin, especialmente para que ele não tentasse deixar a cidade.

- Só mais uma parada – ele disse a Tallhamer, – e depois encerramos por hoje.

O xerife levou Jake à cena do primeiro crime.

O sol estava descendo no momento em que eles chegaram lá. O poste onde o corpo de Alice Gibson fora encontrado pendurado estava marcado por um “X”, feito pelos comandados do xerife Tallhamer. Assim como o local onde o corpo fora encontrado, a cerca era o limite de um pasto levemente ondulado.

Jake segurou um suspiro ao imaginar o pacote pendurado ali.

Seria um lugar legal de visitar em outras circunstâncias.

Deu-se conta de que era preciso ser alguém muito sujo para deixar um objeto tão grotesco em um lugar tão bonito.

Phil Cardin era um homem assim?

Talvez seu irmão fosse assim?

Jake abaixou-se ao lado do poste e respirou fundo e devagar, esperando ter alguma intuição sobre o que havia acontecido ali. Ele era conhecido por ter ideias intuitivas em cenas de crimes, muitas vezes tendo uma sensação estranha de pensar com a mente do criminoso. Ele não conhecia ninguém mais com aquela capacidade—com exceção da jovem Riley Sweeney, e os instintos dela ainda eram erráticos e sem disciplina.

Naquela manhã, na cena do segundo crime, ele não havia conseguido encontrar uma conexão—não com toda a confusão ao seu redor e com a chegada do helicóptero da TV.

Será que consigo agora? Ele se perguntou.

Jake fechou os olhos e se concentrou, tentando capturar alguma intuição. Não conseguiu pensar em nada.

Quando abriu os olhos, viu seis vacas Black Angus, três pretas e três brancas, pastando por perto e olhando para ele de um jeito curioso. Perguntou-se—será que elas viram o que havia acontecido naquela noite? Se sim, será que a cena havia tido algum impacto nelas?

- Se vocês pudessem falar – Jake disse às vacas, murmurando.

Levantou-se, sentindo-se totalmente desencorajado.

Era hora de voltar a Dighton e conversar com os peritos. Ele leria as anotações do dia, dormiria um pouco no único hotel da cidade, e então começaria novamente no dia seguinte. Jake havia deixado tarefas inacabadas em Dighton, incluindo uma conversa séria com o marido de Hope Nelson, o prefeito. Mason Nelson estava muito em choque para conversar quando Jake havia o encontrado na cena do crime.

Para tentar descobrir o destino de Harvey Cardin, Jake sabia que não poderia contar nem com os tiras locais, nem com a equipe de peritos que havia trazido consigo. Teria que ligar e pedir ajuda técnica, em Quantico. Ele disse ao xerife Tallhamer:

- Leve-me de volta ao carro. Vou embora.

Mas antes que pudesse entrar no carro do xerife, Jake viu uma van se aproximando com a logomarca de uma estação de TV plotada. A van parou ali perto, e uma equipe saiu dela com luzes, câmeras e um microfone.

Jake suspirou em desespero.

Não haveria como fugir da mídia dessa vez.

CAPÍTULO NOVE

Riley estava decepcionada quando chegou à sala dos computadores após um dia de tours, aulas e seu primeiro jantar na cafeteria da Academia. Ainda não havia nenhum e-mail de Ryan. Naquele momento, ela ignorou as outras mensagens em sua caixa de entrada.

Na noite anterior, ela havia enviado um e-mail a Ryan para avisá-lo de que chegara em Quantico e estava se ajeitando. Ele não respondera. Riley perguntou-se se deveria enviar outra mensagem, contando sobre seu dia. Ou quem sabe deveria telefonar?

Ela suspirou fundo e tentou encarar a verdade.

Ele ainda está bravo.

Perguntou-se se talvez teria cometido um erro ao pegar o primeiro trem para Quantico. Talvez ela devesse ter voltado para casa antes para conversar com ele, e descobrir exatamente como as coisas estavam entre eles. Ela não sabia sequer o que fazer, com os dois tão separados assim.

Mas não pode deixar de pensar...

Se eu tivesse voltado para casa ontem, provavelmente ainda estaria lá.

Decidiu que era melhor não tentar nada naquele momento. Talvez na manhã seguinte, ela mandaria outra mensagem para Ryan.

Um outro e-mail na caixa era spam e foi deletado. Mas quando abriu a última mensagem, Riley sentiu-se desconfortável e alarmada.

- Brant Hayman – ela sussurrou, arrepiada.

Hayman era o professor que matara suas duas amigas da faculdade em Lanton. Ele havia tentado matá-la também.

O e-mail era da corte de Virginia, convocando-a para ser testemunha do julgamento dele por assassinato, que já estava em andamento, na semana seguinte.

Riley engoliu em seco ao lembrar-se quão perto da morte chegou a estar nas mãos de Hayman.

Sem dúvidas, ela teria que encará-lo ao dar seu testemunho.

Ela teria coragem para fazer isso?

Encolhendo levemente os ombros, pensou...

Você não tem outra escolha.

Além disso, testemunhar contra Hayman poderia ser um tipo de fechamento, dando a sensação de que aquilo finalmente terminara. Riley imprimiu o e-mail e saiu da sala de computadores.

De volta em seu pequeno dormitório, sua colega de quarto, Frankie, estava sentada na cama, mexendo nos materiais da pasta de orientações.

Frankie a olhou e disse, com um leve sorriso:

- Ainda está agoniada para saber se seu noivo ainda está irritado, né?

Riley surpreendeu-se. Ela e Frankie haviam conversado pouco desde que tinham se conhecido. Riley certamente não mencionara que era noiva, muito menos qualquer problema entre ela e Ryan.

- Como você sabe? – Riley perguntou.

Frankie riu e respondeu.

- Ah, não é preciso ser detetive. Seu anel de noivado foi quase a primeira coisa que percebi em você. E você foi à sala de computadores três vezes ontem à noite, e hoje de manhã também. Eu poderia apostar nisso já. Podemos chamar isso da clássica “preocupação das namoradas”. Qual o nome dele?

- Ryan – Riley disse, sentando-se em sua cama.

- Bom, não me diga que Ryan tem sentimentos ambíguos sobre o trabalho que você escolheu. Estou certa?

Riley balançou a cabeça levemente.

- Ambíguos – ela disse. – Sim, acho que essa é a palavra—mas acho que desaprovação resume melhor.

Frankie deixou escapar uma risada sincera.

- Bom, não peça meus conselhos. Tenho uma visão preconceituosa dos homens em geral. Fui casada por quatro anos—e já foi demais, eu acho.

Então, Frankie apontou para o anel de Riley e acrescentou:

- Mas eu acho que você deveria tirar isso aí e colocar em uma gaveta, pelo menos nos próximos dias. Isso pode te distrair, e você vai precisar de toda a concentração possível.

Riley olhou para o anel e mexeu nele em seu dedo. Ela disse:

- Não sei se posso fazer isso.

Frankie balançou a cabeça e respondeu:

- Você é quem sabe. Mas enfim, me fale sobre você. Não tem muitos jovens da sua cidade na academia. O que trouxe você aqui?

Riley suspirou profundamente.

Por onde eu começo?

Ela mostrou a Frankie o e-mail do tribunal e contou rapidamente a história sobre como havia se envolvido em um caso de assassinato em Lanton. Então, explicou como havia trabalhado no caso do Palhaço Assassino meses antes, naquele verão. Os olhos de Frankie arregalaram-se e ela perguntou:

- Você está dizendo que *trabalhou* com o Agente Especial Jake Crivaro?

Riley surpreendeu-se com a pergunta. Ela disse:

- Bom, não foi exatamente ideia minha. As coisas foram acontecendo. O Agente Crivaro é meio que meu... mentor, eu diria. Eu não estaria aqui se não fosse por ele.

Frankie seguiu olhando para Riley por um instante, e então disse:

- Uou! Digo, você *sabe* que Jake Crivaro é uma lenda viva nas forças da lei, certo?

Riley não sabia o que dizer. Ela sabia que Crivaro era conhecido por ser um agente excepcional, mas...

Uma lenda?

Frankie continuou:

- Dizem que ele tem o melhor instinto. Tipo, uma intuição incrível. Estou impressionado. Digo, Jake Crivaro... *com certeza* é um nome que você pode usar por aqui se quiser impressionar as pessoas.

Era estranho escutar Frankie falando daquele jeito. Até então, Riley sentira-se uma anônima em Quantico—bem diferente do que havia passado no programa de verão, em Washington. Lá, todos os outros alunos sabiam que ela já havia trabalhado em dois casos de assassinato. Possivelmente, ela era a única estagiária com aquela experiência, o que causara muita inveja e ressentimento. Ali, em Quantico, ela era uma das NATs com menos experiência. Quem ligaria para o fato de ela ter trabalhado em alguns casos de assassinato?

Lembrou-se de como Crivaro elogiara seus instintos e a convidara para entrar no programa.

“Você percebe o quanto isso é incrível para alguém sem experiência nas forças da lei?”

Agora, Riley não pode deixar de se perguntar—o que significava para *ela* ter uma lenda viva dizendo que ela tinha uma excelente intuição?

Cuidado, disse a si mesma. *Não se deixe levar por isso.*

Além disso, rapidamente decidiu que falar sobre Crivaro em Quantico

não seria uma boa ideia. Provavelmente seria melhor manter-se anônima para todos, pelo menos até que começasse a provar suas próprias capacidades.

Se isso chegar a acontecer.

Riley perguntou a Frankie:

- E você? Tenho certeza que tem muito mais experiência que eu.

Frankie olhou para as paredes por um instante, e então respondeu:

- Bom, sim, acho que podemos dizer que sim. Fui tira por muitos anos em Cincinnati. Não acabou bem—assim como meu casamento, podemos dizer.

Sentindo o desconforto de Frankie, Riley disse:

- Você não precisa falar sobre isso. Digo, provavelmente não tenho nada a..

Frankie interrompeu.

- Não, provavelmente é melhor eu te contar. Vamos passar muito tempo juntas nesse programa. É melhor você saber.

Frankie suspirou profundamente e continuou.

- Passei seis meses trabalhando disfarçada, derrubando traficantes.

Riley quase engasgou de espanto. Ela havia visto na TV histórias sensacionais sobre agentes disfarçados que trabalhavam infiltrados com os traficantes, mas nunca pode imaginar como de fato era aquele trabalho.

Frankie hesitou por um momento, mas então continuou.

- Eu era boa nisso, caso você esteja imaginando. E eu fiz de tudo, morei na rua, fingi ser uma sem-teto drogada. Eu chegava no traficante, ou ele chegava em mim, e eu comprava algo. Então entregava ele para o esquadrão de drogas e eles prendiam o cara. Claro que o truque era fazer do jeito certo, para ninguém perceber minha conexão com as prisões.

- Deve ter sido difícil – Riley disse.

Frankie encolheu os ombros levemente e respondeu:

- Como eu disse, eu era boa nisso. “Indigo” era meu nome nas ruas. E eu aprendi todos os tipos de truques e manobras. Lembro da primeira vez que um traficante suspeitou de mim, perguntou direto se eu era tira. Fiquei com muito medo, mas consegui não demonstrar. Fingi que estava ofendida, disse que não era dessas, e que se ele pensava aquilo de mim, podia ir embora que eu não queria comprar mais nada dele.

Frankie deu uma risada e continuou:

- Fiquei aliviada quando deu certo, e um pouco impressionada também. Um dia eu estava sentada com outro mendigo que me perguntou, ‘é verdade

que tiras disfarçados têm que falar a verdade se você perguntar se eles são tiras? Está na lei?’

Frankie tossiu e disse:

- Bom, não está na lei. Mas eu disse para o cara: não sei, vamos perguntar para alguém. Fui com ele até o traficante mais próximo, e perguntei a ele se tiras disfarçados tinham que dizer a verdade ou não. O traficante disse que não, e que nós devíamos sempre ficar atentos, porque eles poderiam estar em qualquer lugar. Enfim, esse tipo de comportamento dava certo para mim. Depois de um tempo todo mundo parou de me perguntar se eu era tira.

Frankie franziu a testa, mexeu os pés e acrescentou:

- Você provavelmente já ouviu todos os tipos de histórias loucas sobre trabalhar disfarçado—que você tem um tipo de licença para burlar as leis aqui e ali, usar todo tipo de drogas, talvez até matar pessoas, qualquer coisa para se manter disfarçado, até que você acaba mesmo se tornando criminoso e viciado. Nada disso é verdade. Você não pode fazer nada ilegal. Nem sequer usar drogas. Não é fácil fazer isso quando você está rodeado de viciados que esperam que você faça o que eles fazem.

A mente de Riley viajou, imaginando como aquilo devia ser complicado e perigoso.

- Como você fazia isso? – Ela perguntou.

- Desenvolvi minhas próprias táticas, aprendi a fingir. Fiz uns experimentos com incenso e colônias até achar uma receita que cheirava exatamente como maconha. Deixava minhas roupas sempre com aquele cheiro, e as pessoas acabavam achando que eu estava sempre chapada. Cheguei ao ponto de ninguém prestar muita atenção se eu estava usando ou não.

A expressão de Frankie ficou mais séria, e ela continuou:

- Mas um dia chegou um traficante que chamava a si mesmo de Wormwood. Desde o momento que eu o conheci, vi que ele podia saber quem eu era. Eu não devia ter mexido com ele. Ele sempre tinha três grandões com ele, como se fossem guarda-costas, algo assim. – Frankie respirou fundo e continuou. – Enfim, comprei heroína dele. Mas antes que eu pudesse me virar, ele me pegou pelo braço com força e mandou eu usar a droga na frente dele. Eu tentei sair, dei desculpas, até que um dos guarda-costas puxou uma faca gigante e colocou na minha garganta. Eu tive que usar a droga ali mesmo para não morrer.

Frankie suspirou profundamente.

- E eu—eu usei. Antes de injetar a agulha na veia, fiquei com muito medo. Imaginei que Wormwood e os capangas iriam provavelmente me matar depois que eu estivesse chapada. Mas então eu senti a droga fazendo efeito e...

Para a surpresa de Riley, Frankie deixou cair uma lágrima.

- Eu não me importei mais se iria viver ou morrer – Frankie disse. Ela segurou um soluço e continuou. – Riley, você não tem ideia do que é isso—a euforia, a felicidade, como se de repente tudo no mundo fosse perfeito e lindo. Se eu tivesse morrido ali, teria morrido feliz.

Frankie parou por um momento para se acalmar. Depois, disse:

- Por algum motivo, Wormwood e os capangas não me mataram. Fiquei deitada ali, como uma mulher morta, no meu tapete de papelão e rodeada por outros mendigos, até que o efeito passasse. Depois fui direto para a estação policial e contei o que havia acontecido. Foi o procedimento correto, e eu não fui reprimida. Na verdade, fui elogiada por todo o trabalho que tinha feito até então. Todos entendem que qualquer agente disfarçado pode passar por essa situação mais cedo ou mais tarde. Você não pode usar drogas só para manter o disfarce, mas pode fazer isso se for uma questão de vida ou morte. E com certeza aquela era uma situação de vida ou morte para mim.

Frankie encolheu os ombros e continuou:

- Aquele foi o fim. Eu fui tirada daquela posição, é claro. Eles não queriam nenhum tira lá que já tivesse usado uma droga como heroína. Isso te elimina desse tipo de trabalho. É muito perigoso. Você pode acabar se viciando. – Frankie pensou por um momento, e então continuou. – Sabe, até aquilo acontecer, eu pensava que estava fazendo um bom trabalho. Mesmo sendo assustador às vezes, eu gostava da emoção. Mas depois de ficar chapada daquele jeito... Eu percebi que a missão inteira estava errada—a “Guerra às Drogas”, eu digo. É uma guerra que não pode ser vencida. Tem que ter algum jeito de lidar com toda essa dor e sofrimento. Mas prender pessoas não é esse jeito. Tudo o que eu de fato consegui durante aqueles seis meses na rua foi tornar pior a vida de pessoas que já eram miseráveis.

Frankie acenou com a cabeça e disse:

- Por isso eu vim para a Academia. Talvez aqui eu tenha a chance de começar a fazer algo que realmente ajude as pessoas. É isso o que eu quero da vida.

Frankie seguiu sentada, olhando para o nada.

Riley estava impressionada com o que acabara de ouvir. Mesmo tendo passado por situações traumáticas nas mãos de assassinos, elas pareciam nada em comparação ao que Frankie passara.

Por fim, Frankie riu de um jeito nervoso e completou:

- Da próxima vez que eu começar a falar, me diga para calar a boca.
- Estou feliz por você ter me contado – Riley disse.

Frankie levantou-se e disse:

- Vamos lá, vamos no salão comum, pegar um lanche e ver o que está na TV.

Riley e Frankie caminharam pelo corredor até o salão comum. Muitos outros NATs estavam por ali, pegando lanches na máquina e assistindo a um canal de notícias 24 horas.

Na TV, um repórter estava em um campo aberto. A manchete na parte inferior da tela dizia:

FBI CHAMADO PARA INVESTIGAR SEGUNDO ASSASSINATO EM WEST VIRGINIA

O repórter estava segurando o microfone no rosto de um homem.

Riley o reconheceu imediatamente.

Ela cutucou Frankie e sussurrou:

- Esse aí é Jake Crivaro.

CAPÍTULO DEZ

Dirigindo a viatura emprestada até a casa do Prefeito Nelson, ao lado da cidade de Dighton, Jake não conseguia tirar da mente a experiência ruim com a mídia no dia anterior. As lembranças ainda o arrepiavam.

A equipe da imprensa havia o encontrado quando ele estava vendo a cena do crime perto de Hyland. Eles haviam praticamente o engolido com seus equipamentos, e o repórter havia feito muitas perguntas. Jake fizera seu melhor para seguir as regras e não dizer nada que causaria pânico na população.

“Não temos informações suficientes para compartilhar nesse momento”, ele dissera quando perguntado se havia um assassino em série agindo na região.

Mas o repórter havia seguido fazendo mil perguntas a Jake enquanto ele e o xerife estavam tentando chegar ao carro. Ele dizia...

“Por que vocês não nos contam? O que vocês estão escondendo?”

Jake reclamou sozinho ao lembrar daquela cena. Ele conhecia aquele tipo de repórter muito bem—um local qualquer que se achava um investigador, louco para fazer seu nome ameaçando autoridades para, quem sabe um dia, ganhar uma vaga em algum programa de TV famoso.

Quando Jake tentara sair, o repórter havia entrado em seu caminho, e ele não pode deixar de esbarrar—aquele fora um movimento proposital, Jake tinha certeza. O repórter quase caíra no chão, fazendo parecer que Jake havia tentado derrubá-lo.

Mais tarde, naquela noite, após ter se hospedado em um quarto de hotel e quando estava assistindo aos noticiários, ele assistira à matéria—um agente do FBI havia atacado um repórter que estava apenas tentando fazer seu trabalho.

Obviamente, o Agente Especial Erik Lehl já havia ligado para Jake para reclamar sobre aquilo.

Jake sabia que Lehl não aceitaria desculpas, e que não faria sentido tentar explicar a ele que nada daquilo fora sua culpa. Então, ele apenas seguiu as ordens. Ligou para a rede de TV no primeiro horário da manhã para pedir desculpas.

Perguntou-se se aquelas desculpas estariam no noticiário do dia.

Aquele fora um começo nada bom para o que se tornaria um dia bem complicado.

Agora, quando apenas metade da tarde havia passado, Jake sentia que já havia interrogado metade da população de Dighton. Ele havia perguntado a todos sobre a vítima local, Hope Nelson, e seu marido, o prefeito.

Recebera vários tipos de resposta.

A maioria das pessoas, é claro, estavam chocadas com o que acontecera com Hope—chocados e com medo. As mulheres, principalmente, falaram sobre o medo de sair de casa à noite. Da forma mais gentil possível, Jake sugerira que elas deveriam ficar em casa.

Algumas pessoas pareciam estar de fato de luto, expressando apenas admiração pelos Nelson. O diretor da escola, por exemplo, falou sobre como o casal havia revitalizado a economia da cidade, trazendo gados orgânicos para a região. Mudando dos métodos tradicionais para os orgânicos, muitas fazendas familiares nos arredores foram salvas da falência.

Outras pessoas não gostaram muito das mudanças. O barbeiro da cidade tinha uma opinião diferente sobre a chegada “daqueles fazendeiros hippies”, como Guy Dafoe. Jake pode entender que o barbeiro não gostaria que cabelos compridos e barbas longas se tornassem moda na cidade.

Os funcionários de Hope no mercado dos fazendeiros ainda estavam muito tocados, e Jake teve dificuldades em perceber o que eles achavam de sua chefe, enquanto viva. No entanto, ele tinha certeza de que nenhum deles a queria morta.

Na verdade, Jake não sentiu que ninguém em Dighton desejasse qualquer coisa grave aos Nelson. E ninguém com quem ele conversara havia ouvido o nome de Alice Gibson, o que mantinha a conexão entre os dois assassinatos um completo mistério.

Jake desacelerou o carro, olhou o mapa, e então virou em uma longa estrada privada, que levava à casa dos Nelson. Precisou passar por grandes pastos, onde gados de Black Angus pastavam dentro de terrenos limitados por cercas de arame farpado.

Ironicamente, pensou...

Que bom ver arame farpado sendo usado do jeito certo.

A estrada o levou a uma impressionante casa branca, na fazenda, cercada por meia-dúzia de outras construções. Ele estacionou em frente à ampla e

acolhedora entrada.

- Bem na hora – um homem disse, recebendo-o.

Jake saiu do carro para apertar a mão do Prefeito Nelson. Percebeu que ele mal parecia aquele homem atordoado e triste que ele havia encontrado na cena do crime, no dia anterior. Pelo contrário, ele estava agindo suavemente, definitivamente como um político educado. Nelson disse:

- Sinto muito por não ter falado com você até agora. Andei ocupado com —bem, com os assuntos da morte dela, podemos dizer. Eu tinha esquecido como a parte burocrática de perder um ente querido pode ser. Também estava preparando tudo para a pequena cerimônia que vamos fazer aqui amanhã.

Enquanto o prefeito o levou até a porta, Jake percebeu que não havia sido convidado para a cerimônia. Não havia nada de suspeito naquilo. Pessoas de luto tendiam a se sentir desconfortáveis com um Agente do FBI por perto. Ainda assim, Jake normalmente aparecia no funeral das vítimas, sempre que podia, apenas para observar as lamentações e analisar a sinceridade dos atos.

Mas não fazia sentido participar da cerimônia do dia seguinte. Se ele não fosse bem-vindo lá, as coisas só piorariam.

Caminhando pelo amplo corredor com piso de madeira e tábuas largas, Jake sentiu como se estivesse voltando no tempo. Eles passaram por uma mesa pela qual ele teve certeza de que se tratava de um móvel antigo—e caro. Numa moldura dourada, mais acima, havia uma pintura a óleo. Jake não tinha ideia se o quadro era de algum famoso, mas com certeza parecia muito valioso. O lugar inteiro parecia estranhamente quieto, exceto pelo som de seus passos. Jake perguntou-se se havia mais alguém ali, na casa inteira.

Por fim, o prefeito levou Jake a uma sala muito diferente do corredor, sobre a qual ele precisou se segurar para não fazer comentários. Aparentemente o estúdio ou recanto do prefeito, a sala era mobiliada com sofás de couro vermelhos e tapetes que Jake imaginou serem nada autênticos. Havia lâmpadas modernas cheias de pontas penduradas no teto. O crânio de um animal com chifres compridos estava pendurado em uma das paredes.

Em outra parede, havia uma série de fotografias, todas retratos de homens com expressão séria. A foto mais velha parecia ser muito antiga, possivelmente da época da Guerra Civil ou até antes. Jake deu-se conta de que aqueles deveriam ser os ancestrais do Prefeito Nelson, e provavelmente o fundador de Dighton estava entre eles. Os Nelson claramente eram a

família que mandava naquela pequena cidade.

Nelson ofereceu uma cadeira a Jake, e então se aproximou de uma bancada com copos e garrafas. Ele serviu um pouco de whisky em seu copo de cristal e disse:

- Fique à vontade para tomar um bom whisky, se você gostar—mas imagino que já que você está trabalhando—

- Obrigado, mas não quero – Jake disse.

Jake reconheceu o rótulo da garrafa que Nelson estava segurando. Era um whisky raro e caro, de 25 anos, que com certeza custava várias centenas de dólares.

Jake perguntou-se—Nelson estaria querendo se mostrar para ele?

Não, parecia mais que Nelson simplesmente gostava das coisas que considerava mais finas na vida.

Whisky caro e crânios de gado antigo, pensou.

Quando Nelson sentou-se perto dele, Jake disse:

- Primeiro, preciso dizer que sinto muito por sua perda.

Nelson respondeu:

- Sim, acho que você tentou me dizer isso ontem. Desculpe, eu não estava muito... comunicativo naquela hora.

- Posso entender completamente – Jake respondeu.

Nelson suspirou profundamente e disse:

- Imagino que você esteja se perguntando se eu conheço alguém que poderia querer matar Hope. Não conheço. Você sabe, como figuras proeminentes da cidade, eu e minha esposa não somos idolatrados por todo mundo. Essas picuinhas e diferenças de cidade pequena, você sabe. Mas eu não consigo pensar em ninguém que possa nos odiar o suficiente para fazer algo desse...

Sua voz enfraqueceu, e ele olhou para os retratos na parede, como se buscasse ajuda de seus antecessores. Nenhum deles parecia muito simpático, até onde Jake tinha analisado. Então, ele continuou:

- Foi tudo culpa minha.

Jake sentiu uma ponta de expectativa.

- Como assim? – Ele perguntou.

Nelson olhou para seu whisky e respondeu:

- Depois que aquela mulher foi morta em Hyland, há uma semana mais ou menos, eu deveria saber... Eu deveria ter deixado a cidade em alerta de perigo, especialmente Hope.

Jake respondeu:

- Você não tinha como saber. A polícia local de Hyland achou até que já tinha um suspeito.

- Imagino – Nelson disse. - Mas eu levo meus deveres cívicos muito a sério. Coisas assim... bem, elas não acontecem aqui em Dighton. Nunca aconteceram, não que eu me lembre. Anos atrás, algumas crianças roubaram um carro e fizeram vandalismo, só de sacanagem. Eu nunca soube de furtos, sequestros, assaltos. O único caso de homicídio aconteceu quando alguns bêbados brigaram em um bar e um deles acabou morrendo—um acidente estúpido, na verdade.

Nelson curvou os ombros e continuou:

- Ainda assim, eu deveria ter sido mais atento. – Com um gesto em direção aos retratos, ele acrescentou: - O dever é parte da minha herança, podemos dizer. Hope sentia o mesmo. Ela tinha uma ética rigorosa no trabalho. E inspirava os outros a trabalhar tão duro quanto ela.

Nelson então se calou. Jake tinha várias perguntas para fazer. Mas por sua experiência, ele podia ver que Nelsonalaria muito por conta própria—provavelmente sobre seu casamento, que era o que Jake queria ouvir.

De repente, a expressão de Nelson endureceu, e ele quase se engasgou.

A verdade está o atingindo, Crivaro pensou.

Jake já havia visto aquela cena com muitas pessoas que interrogara ao longo dos anos. O luto costumava vir em ondas terríveis, quando a ficha de ter perdido um ente querido começava a cair.

Com a voz em choque, Nelson continuou:

- Eu amava ela—claro. Mas mais do que isso, eu a admirava. Ela tinha um espírito raro—especialmente em uma cidade monótona como essa. Nós nos casamos quando ela tinha 18 anos, e eu 35. – Ele riu levemente e continuou. – Eu sei, parece aquele estereótipo—um cara velho casando com uma novinha. Mas não foi assim. Cerca de quinze anos atrás, quando eu me tornei prefeito, Warren Gardner veio até Dighton fazer campanha para sua primeira tentativa de se tornar senador dos Estados Unidos por West Virginia. Eu apoiei Gardner, mas a maioria aqui na região não gostou da ideia no começo. Foi Hope que fez da visita dele um grande evento local, conseguindo muito apoio para ele. Eu e ela trabalhamos lado a lado durante a campanha.

Ele sorriu, balançou a cabeça e disse:

- O tempo todo, eu ficava pensando: que jovem! Eu conhecia ela a vida

inteira, mas a campanha do Gardner fez eu me apaixonar por ela, e ela por mim. Quando Gardner ganhou a eleição, nós comemoramos nos casando. E em todos os anos desde então...

Ele pausou, como se não pudesse encontrar as palavras para descrever a felicidade dos dois.

Depois, olhou nos olhos de Jake e disse:

- Ela era—foi—minha parceira em tudo, muito mais do que só política. Fizemos alguns negócios por aqui, compramos várias propriedades. Eu lidava com o lado político das coisas, mas ela comandava a maioria dos assuntos financeiros. Ela era melhor para esse tipo de coisa do que eu. E agora que ela se foi... bom, eu nem consigo imaginar como vou lidar com isso sozinho.

Nelson tomou um gole de seu whisky e apontou para um foto na mesa à frente deles. Ela mostrava um adolescente bonito, sorrindo, vestindo um uniforme escolar. Ele disse:

- Esse é nosso filho, Ethan. Ele acabou de entrar na Liggett Academy, esse ano.

Jake assustou-se um pouco.

Liggett Academy!

Era uma das escolas preparatórias mais exclusivas e caras de Washington. Um ou dois dos últimos Juizes da Suprema Corte haviam frequentado aquele lugar. Nelson continuou:

- Ethan está vindo para casa para a cerimônia de amanhã. Quando eu contei a ele, ele ficou muito mal, é claro. Mas ele é forte e resiliente, como a mãe. Ele vai passar por essa. E eu, vai ser outra história. Não sou jovem, não sou mais tão resiliente.

Jake fez mais algumas perguntas a Nelson, mas o prefeito não deu nenhuma resposta reveladora. Jake agradeceu-o pela ajuda, e então entrou em seu carro emprestado e saiu da casa dirigindo.

Ao chegar perto do portão de entrada da propriedade, viu um carro da imprensa parado do lado de fora. A mídia estava ali fora, com todo seu equipamento pronto para gravar.

Jake resmungou alto. Ele havia tentado escapar o dia todo, mas obviamente fora fácil para eles descobrir onde ele estava agora.

O repórter com quem ele havia trombado no dia interior jogou-se em frente a seu carro, e Jake parou abruptamente.

Jake buzinou. Por um momento, ninguém se moveu.

Jake lembrou a si mesmo:

Atropelar ele não é uma opção.

Então, para seu alívio, o repórter saiu do caminho, ainda segurando o microfone e fazendo uma pergunta inaudível.

Sem olhar na direção do homem, Jake passou por ele e pegou a estrada. Quando olhou no retrovisor, viu todos juntando os equipamentos e entrando no carro, para tentar segui-lo.

Jake permitiu-se sorrir. Ele já estaria de volta em Dighton quando eles conseguissem sair.

A próxima parada seria a estação de polícia de Dighton, onde ele devolveria o carro emprestado, encontraria os peritos e arranjaría um helicóptero para voltar para Quantico. Sua equipe havia ido à cena do crime de Hyland naquele dia, mas Jake sabia que eles não tinham encontrado nenhuma evidência por lá, não uma semana depois do crime.

Na manhã seguinte, ele teria uma reunião com o Agente Especial Erik Lehl para passar suas informações.

Não que eu tenha muito o que informar.

Jake sabia que não estava indo a lugar nenhum com aquela investigação.

Estou deixando algo passar, pensou.

Mas o que era? Algo sobre o prefeito? O luto do homem e seu amor por sua esposa pareciam sinceros. Além disso, que conexão Nelson teria com o outro crime?

Jake suspirou lentamente. Sua intuição, geralmente confiável, não estava ajudando naquele caso. Ele quase desejou ter um parceiro para ajudá-lo, talvez trazer novas ideias.

Lembrou-se novamente dos repórteres perguntando se haveria novos assassinatos, e dele respondendo que não tinha informações suficientes para responder com certeza.

Mas pelo menos uma pessoa sabia—alguém que gostava de causar dor e não abandonaria seus prazeres...

Até eu pará-lo.

CAPÍTULO ONZE

Riley lutou contra a tontura que ameaçava atrasá-la. Ela estava ficando sem ar e seu coração estava disparado. Ainda assim, continuou correndo.

Estava determinada a completar o exercício.

Correndo pelo ginásio, agachando ao lado do cone, levantando-se, girando na outra direção, correndo de novo—Riley estava fazendo um caminho total de 110 metros. Correr era algo difícil depois do trabalho extenuante que ela havia feito naquela manhã, e as paradas e piques tornavam tudo mais complicado. Ao chegar a seu ponto final, ela se abaixou e colocou as mãos nos joelhos, forçando para buscar o ar e respirar fundo.

Riley secou sua testa, sentindo-se feliz consigo mesma. Antes da corrida, ela havia completado o percurso de dois quilômetros sem problemas. Aquilo não fora uma surpresa. Em Washington, havia corrido 1,5 quilômetros, obrigatórios para entrar na Academia. Também havia passado algum tempo treinando na academia durante o verão. Ela estava confiante para os testes daquele dia.

Então, ouviu o apito e apressou-se para se alinhar ao restante do grupo no outro lado do ginásio. Os alunos estavam prestando atenção enquanto o instrutor Marty Glick passava em frente a eles.

Ele não parecia contente.

Depois de vários momentos de silêncio, ele disse:

- Juro por Deus, vocês são um grupo de NATs muito ruim, e eu estou falando sério. Alguns de vocês ainda nem terminaram as corridas—e os que terminaram foram lentos como lesmas. Que porra eu vou ter que fazer com vocês? – Ele pausou e em seguida acrescentou: - Alguém pode me dizer?

Com o grupo todo prestando atenção, ninguém respondeu ou sequer se mexeu.

Riley perguntou-se se estaria incluída na crítica de Glick.

Ela achava que estava se saindo bem.

O que havia feito de errado?

Seria ela devagar como uma lesma, como Glick dissera?

Glick balançou a cabeça e olhou para sua prancheta. Ele disse:

- Ainda temos flexões e abdominais. Vocês todos vão ter que se sair

melhor.

Um por um, ele viu cada aluno fazer o máximo de flexões possível antes de parar. Na vez de Riley, ela sentiu-se insegura de si mesma.

Forçou seu corpo cansado o máximo que pode, e conseguiu fazer 14 flexões. Quando terminou, deitada no chão, ouviu Glick dizer:

- Descontei duas das suas, Sweeney. Você não abaixou o braço o suficiente.

Riley desanimou-se ainda mais. Na sua vez de fazer abdominais, ela tentou juntar toda sua energia e determinação restantes.

Dessa vez, o objetivo era fazer o máximo de abdominais possível em um só minuto—o que ela achava que seria mais fácil do que fazer repetições até que não pudesse mais, como fora com as flexões.

Quando Glick soltou o cronômetro, Riley colocou as mãos atrás do pescoço e começou os movimentos. A cada abdominal, ela precisava subir até que as costas ficassem perpendiculares ao chão, e então abaixar-se novamente até que os ombros tocassem o piso.

Ela moveu-se rapidamente, fazendo o máximo de abdominais na maior velocidade possível. Por alguns segundos, impressionou-se com o que estava fazendo.

Mas então o tempo começou a passar devagar. Riley mal podia acreditar que ainda não havia se passado um minuto.

Glick estaria a enganando o tempo todo?

Começou a sentir cada vez mais dificuldade em levantar seu corpo mais e mais vezes.

Finalmente, ouviu o apito, assinalando que o minuto acabara.

Caiu de costas e viu o instrutor olhando para ela.

- Só 32 – ele disse. – O número mínimo é 35.

Riley soltou um suspiro de desespero quando Glick virou-se para o próximo NAT.

Quando o último grupo terminou os abdominais, Glick os chamou em posição novamente.

- Muitos de vocês foram muito mal – ele disse. – Só alguns poucos foram bem. Vocês têm sorte porque não sou eu que faço as regras por aqui. Se fosse do meu jeito, aqueles que foram mal hoje estaria fora da Academia agora mesmo, com certeza. Colocar vocês NATs em forma vai tirar tempo das aulas e dos treinamentos. E odeio ver isso acontecendo.

Ele leu os nomes do grupo, dizendo quem havia passado e quem havia

reprovado.

Riley havia reprovado.

Desanimada e com o corpo doendo dos pés à cabeça, ela seguiu para o vestiário, para um banho quente.

Enquanto tirava sua roupa de academia, Frankie Dow apareceu e disse:

- Não fique desanimada com isso. Quando fizer o teste de novo, você vai se dar bem.

Riley suspirou e disse:

- É fácil para você dizer. Eu vi você passar sem nenhum problema.

Frankie riu e disse:

- Pode ser que tenha parecido, mas não foi nenhum pouco fácil. Eu treinei muito e duro para isso.

Riley e Frankie sentaram-se juntas no banco do vestiário.

Riley balançou a cabeça e disse:

- Eu não fazia ideia de que estava tão fora de forma.

Frankie deu um tapinha nas costas de Riley e respondeu:

- Você não está fora de forma. Eu vi você lá, tenho certeza que você está pelo menos tão em forma quanto eu. Eu sei, você me disse que treinou o verão inteiro. Mas alguns de nós temos uma vantagem. Nós estávamos treinando especificamente para passar nesse teste.

Riley deixou o queixo cair.

- Vocês estavam *treinando* para isso? – Ela disse. – Tipo, vocês sabiam exatamente o que iria acontecer?

Frankie encolheu os ombros e disse:

- Talvez seja uma vantagem injusta. Eu conheço algumas pessoas que passaram pela Academia. Eles me contaram todos os truques e segredos para sobreviver aqui.

- Inclusive como fazer abdominais? – Riley disse.

- Exatamente – Frankie disse. – E acredite, não é só uma questão de força.

- O que eu fiz errado? – Riley perguntou.

- Você começou rápido, tentando fazer o máximo de abdominais possível logo – Frankie disse. – Isso não funciona para os abdominais. Você estava perdendo toda sua energia em poucos segundos, perdeu o *timing*. Ao invés de se apressar, você tem que ter um ritmo. Se você fizer um abdominal a cada um segundo e meio, pode fazer o exercício completo sem se matar. Quando você pegar o ritmo, você vai ver como é fácil.

- Me fale mais – Riley disse.

Mas naquele momento, Marty Glick entrou no vestiário e chamou todos para sua primeira aula. Frankie prometeu a Riley que lhe contaria tudo o que sabia assim que elas tivessem tempo.

*

O restante do dia foi animado e assustador, com rápidas introduções sobre vários tópicos—incluindo leis, ética e ciência do comportamento. Em um workshop sobre treinamento operacional, Riley aprendeu coisas básicas sobre algemar, procurar e desarmar suspeitos.

Provavelmente, a sessão mais interessante para Riley foi a introdução às armas de fogo. A única vez em que ela havia segurado uma arma fora quando havia caçado com seu pai, perto da cabana onde eles moravam nas montanhas da Virginia. Ele a deixara caçar esquilos para praticar, mas apenas com um rifle calibre 22.

Toda a sessão foi voltada a carregar, limpar e cuidar de uma pistola Glock, semiautomática, .40—uma experiência totalmente nova para Riley. A primeira prática com alvo seria em alguns dias. Riley perguntou-se como se sairia naquele exercício.

Ao longo do dia, Riley ficou perto de Frankie. Como muitos outros NATs, sua colega de quarto já tinha experiência nas forças da lei, então um pouco do que eles estavam aprendendo já era familiar para ela. Quando voltaram para o quarto, após o jantar, Frankie deu a Riley uma série de dicas do que fazer e não fazer que poderiam ajudar nas dezoito semanas que viriam pela frente na Academia. Depois, as duas voltaram ao salão comum para ver o noticiário da noite na TV.

Naquela noite, não havia nada de novo sobre os assassinatos grotescos em West Virginia. A apresentadora disse apenas que o assassino seguia à solta, e que isso era definitivamente um perigo.

Então, a TV reprisou parte dos vídeos da noite anterior.

Naquele programa, Crivaro dissera ao repórter várias vezes:

“Não temos informação suficiente para passar nesse momento”.

Aquele repórter parecia terrivelmente insistente para Riley.

Por fim, Crivaro parecia ter chegado ao seu limite, e havia jogado o repórter no chão.

Ou pelo menos parecia ter jogado. E é claro que a TV local estava

repetindo aquela cena várias vezes, naquela noite.

Olhando novamente, Riley achou difícil ter certeza do quão agressivo o incidente havia sido. Ela sabia que Crivaro poderia ser brusco e até temperamental, mas nunca soube de nenhum episódio dele agredindo alguém fisicamente. Ela suspeitava que o repórter havia exagerado na queda.

Mas tanto o repórter quanto a apresentadora estavam fazendo uma grande cena com o incidente—tornando-o maior até que o próprio caso dos assassinatos.

Pobre Agente Crivaro, Riley pensou.

Quando deitou-se na cama, mais tarde naquela noite, Riley teve dificuldades para dormir. Ela continuou pensando em Crivaro. Perguntou-se como as coisas estariam andando naquele caso.

Trabalhar com ele para caçar e parar dois assassinos loucos tinha sido assustador às vezes—mas com certeza fora muito emocionante.

Surpreendeu-se ao se dar conta de algo:

Queria estar lá.

Obviamente, aquela não era uma opção.

Fora totalmente sem querer que Riley participara daqueles dois casos. Ela estava ali em Quantico para se tornar o tipo de agente que poderia ser, legitimamente, parceira de alguém como Jake Crivaro.

Ou pelo menos era isso o que esperava.

Mas ela sabia que a subida seria longa e complicada.

Reprovar no exame físico de fato abalara a confiança de Riley. E o restante das atividades e aulas do dia a fizeram perceber o quanto ela ainda precisava aprender.

Ela não pode deixar de se perguntar...

Eu quero isso mesmo?

E se eu reprovar?

Quando começou a cair no sono, vários rostos monocromáticos, cinzas e brancos, começaram a passar por sua mente. Ela levou alguns momentos para perceber quem eram aquelas pessoas.

Eram os agentes mártires, cujas fotos estavam no Hall de Honra.

Riley pode ouvi-los sussurrando para ela...

“Não nos decepcione”.

Riley queria responder...

“Não vou. Prometo.”

Mas ela poderia prometer aquilo?

Se ela reprovasse, como conviveria consigo mesma?

De repente, aqueles rostos e vozes começaram a girar em volta dela, e os pesadelos de Riley começaram.

CAPÍTULO DOZE

Quando Jake entrou no escritório de Erik Lehl na manhã seguinte, ele logo soube que o Agente Especial em Comando estava com um humor pior do que o normal. O homem alto e desengonçado demonstrava muito bem quando estava bravo.

- Sente – Lehl disse.

Jake obedeceu, desconfortável. Ele tinha certeza de que estava prestes a levar uma dura do chefe.

Lehl girou em sua cadeira por um instante, fazendo força de um lado para o outro com suas pernas compridas.

Depois, ele parou de girar, olhou diretamente para Jake, e disse:

- Me conte o que aconteceu.

Jake sabia, mesmo sem precisar escutar, exatamente o que seu chefe estava perguntando. Ele queria saber sobre o problema com o repórter. A estação de TV local não parava de repetir aquela filmagem, focando nas partes que faziam parecer que Jake havia derrubado o homem. Lehl tinha bons motivos para não gostar nada daquele tipo de exposição.

Jake segurou um suspiro de desânimo. Ele odiava ter que dar desculpas, mesmo quando elas eram verdadeiras. Talvez, ele pudesse engolir seu orgulho, aceitar a culpa e encerrar o assunto.

- Sinto muito, senhor – Jake disse. – Não vai acontecer novamente.

Lehl franziu a testa e repetiu:

- Me conte.

Jake respirou profundamente e se perguntou:

Ele vai acreditar na verdade?

Finalmente, disse:

- Senhor, eu não agredi aquele repórter. Ele estava me enchendo de perguntas, e tudo bem, estou acostumado com isso, ele só estava fazendo o trabalho dele. Mas quando eu tentei sair, ele se meteu na minha frente, e eu não consegui não esbarrar nele. A câmera fez tudo parecer pior do que foi. Tenho certeza que não derrubei ele. Ele fez uma cena ali.

Lehl estalou seus dedos compridos e disse:

- Entendi. – Ele fez uma pausa e continuou. – Não quero saber de quem

foi a culpa. Não pode acontecer de novo.

Jake engoliu em seco e respondeu:

- Não vai, senhor.

Ele esperava poder cumprir sua palavra.

Lehl disse:

- Agora, sobre o que falamos na última vez em que nos encontramos—você não acha que é melhor procurar um parceiro? Alguém que possa te ajudar a ficar longe dos problemas, pelo menos? Que poderia acelerar esse caso? Não gosto nada do jeito que as coisas estão indo com você sozinho até agora.

Jake chegou a gaguejar para responder:

- Eu—eu vou pensar sério nisso antes de sair de Quantico.

- É melhor você fazer mais que isso – Lehl disse.

Jake sabia que Lehl estava certo. Ele estava patinando naquele momento sem ninguém ao lado além de uma equipe de peritos. Mas quem Jake poderia escolher para trabalhar com ele naquele momento? Quem entre as pessoas disponíveis seria de fato um bom parceiro?

Jake encolheu-se por dentro e lembrou-se do que Lehl havia dito a ele dois dias antes.

“Está na hora de você aprender a se dar bem com os outros.”

Jake odiava admitir, mas era verdade.

Então, Lehl disse:

- Agora, me diga como esse caso está indo.

Jake contou a Lehl sobre tudo o que acontecera até então. Descreveu suas visitas às cenas dos dois crimes, e relatou os resultados das autópsias nos corpos das vítimas—que não haviam trazido nenhuma surpresa. O examinador médico havia encontrado traços de clorofórmio nos pulmões, então parecia que elas haviam sido raptadas inconscientes, mas não totalmente. Depois disso elas haviam morrido devagar, e com certeza com muita dor.

Ele também descreveu os várias interrogatórios que conduzira até então em Dighton e Hyland, inclusive com Philip Cardin na cela da prisão e com o Prefeito Nelson, em sua casa gigante. Também contou sobre o irmão desaparecido de Philip Cardin, Harvey, e sobre a equipe de Quantico não ter conseguido encontrá-lo.

Lehl perguntou:

- Você acha que Harvey Cardin é um suspeito?

- Eu queria saber – Jake disse.

Jake não se surpreendeu ao ver Lehl franzir a testa novamente.

Essas eram as últimas palavras que ele queria ouvir agora.

Lehl ficou em silêncio por um bom tempo. Então, ele disse:

- Me conte sobre o arame farpado.

Jake disse:

- Os peritos analisaram o máximo que puderam. Está meio gasto, então com certeza era usado, provavelmente em uma cerca ao ar livre, por pelo menos uma década, e...

Lehl interrompeu.

- Que *tipo* de arame farpado é?

Jake surpreendeu-se com uma pergunta tão específica. Ele respondeu:

- Fio de aço revestido de zinco. O zinco estava deteriorado, o que explica a ferrugem e deu aos peritos uma ideia que quanto tempo tinha.

Lehl perguntou:

- Qual a linha dele? Primeira, segunda, terceira?

Jake seguiu surpreso.

- Primeiro linha, acredito – ele disse.

Lehl assentiu e disse:

- Arame padrão de baixo carbono. Isso explica a deterioração. Acho que seus caras estão certos sobre o tempo de uso. Conheço bem esse tipo.

- Desculpe?

Lehl girou em sua cadeira novamente, então disse:

- Acho que você não sabe que eu cresci em uma fazenda em Nebraska. Passei um verão inteiro com meu pai, cercando nossa propriedade inteira, cavando buracos para os postes e passando quilômetros de arame farpado nos postes. Um trabalho duro, especialmente nos postes das esquinas. O fio tem que ser muito esticado.

Lehl respirou profundamente, e continuou:

- Cara, eu odeio arame farpado.

Jake ficou verdadeiramente surpreso. Era quase impossível escutar Lehl expressando seus sentimentos pessoais sobre qualquer coisa.

Lehl acrescentou:

- Mesmo assim, eu me tornei meio obcecado com isso desde que coloquei todo aquele arame com meu pai naquele verão. Estudei a história— e é uma história muito feia. Antes de ser inventado, ninguém achava que era possível regular as planícies no Oeste.

Jake pensou: *Talvez não tenha sido uma boa invenção, então.*

Lehl parecia pensar o mesmo:

- O arame farpado dividiu as planícies em pequenos pedaços de terra.

Isso levou a muitos problemas entre donos de gado e fazendeiros, até a fatos violentos. Foi terrível para os nativos, que dependiam de caçar grandes manadas de búfalos.

Ele olhou para Jake e continuou.

- A maioria das pessoas acha que as manadas de búfalos desapareceram pela quantidade de caça. É verdade. Mas o arame farpado também contribuiu. Acabou com os locais de pastagem dos búfalos, e eles morreram de fome. – A expressão de Lehl ficou mais séria quando ele acrescentou: - E então veio a Primeira Guerra Mundial, quando o arame farpado tornou a guerra de trincheiras ainda mais horripilante. E então a Segunda Guerra, quando foi usado nos campos de extermínio.

Lehl sorriu levemente. Ele continuou:

- Lá de onde eu vim, os caras às vezes chamam arame farpado de “a corda do diabo”. Um nome apropriado, na verdade. Podemos dizer que arame farpado me deixa nervoso. Eu nunca tinha ouvido de um assassinato envolvendo isso. Mas agora que temos um, não estou surpreso. Arame farpado é cruel e violento. É algo odiável.

Lehl fez uma pausa, e então repetiu suas próprias palavras:

- A corda do diabo.

Jake engoliu em seco e disse:

- Entendo, senhor.

Mas a verdade era que ele não tinha certeza se havia entendido, pelo menos não tudo.

Ele achava que Lehl não havia dito algo importante.

Jake encheu-se de coragem e perguntou:

- Senhor, você sabe de algo sobre esse caso que você ainda não me contou? Algo que eu deveria saber?

Lehl ficou em silêncio por vários segundos.

Depois, olhou dentro dos olhos de Jake e respondeu:

- Crivaro, você tem que resolver esse caso rápido—e com jeito.

Jake olhou-o de volta, esperando uma explicação.

Com jeito? Perguntou-se.

Lehl disse:

- Estou recebendo pressão de alto escalão. Prefiro não entrar em

detalhes...

Jake interrompeu, gentilmente:

- Senhor, eu acredito que devo saber.

- Tudo bem – Lehl respondeu. – Mas o que eu estou prestes a dizer nunca pode sair dessa sala.

Jake sentiu-se perturbado.

Por que pessoas “de alto escalão” se importariam com dois assassinatos em cidades pequenas da área rural de West Virginia?

Jake escutou quase sem respirar quando Lehl começou a falar.

CAPÍTULO TREZE

Rostos vagamente familiares giravam em torno de Riley. Suas bocas se moviam, chamando-a. Ela lutava para ver quem eles eram e escutar o que eles diziam.

Então, ela percebeu que eram os rostos dos antigos agentes do FBI, mortos em campo.

Agora, ela podia ouvi-los dizendo...

“Não nos decepcione.”

Novamente, Riley abriu a boca para responder, mas não disse nenhuma palavra. Ela deu-se conta de que não sabia o que dizer.

Então, os rostos começaram a se afastar, mas ela ainda podia ouvir os sussurros...

“Não nos decepcione.”

Quando os rostos sumiram na escuridão, Riley sentiu-se menor e mais jovem.

De repente, ela era uma garotinha novamente, e encontrou-se em um lugar familiar...

Era uma loja de doces, e sua mãe estava comprando vários doces para ela.

A pequena Riley ria de alegria.

Era lindo ver a mamãe novamente.

Mas onde ela estivera todos aqueles anos?

Mas o que isso importava?

Era tão lindo ter a mamãe de volta em sua vida—e lhe dando tantos doces!

Então, um homem caminhou em direção a elas—um homem com um jeito estranho, sem face, como se fosse um manequim de uma loja de roupas.

Rapidamente, a pequena Riley deu-se conta...

Ele tem uma meia na cabeça.

E ele tem uma arma.

Ela sentiu seu corpo inteiro estremecer de medo.

O homem apontou a arma para sua mãe e gritou para ela.

“Sua bolsa! Me dê sua bolsa!”

Riley olhou para sua mãe, que estava pálida e tremendo.

Riley se perguntou...

Por que a mamãe não faz o que ele quer?

Ela não entende que está em perigo?

Riley queria alertá-la, mas novamente as palavras não saíram de sua boca.

O homem parecia assustado consigo mesmo.

Sua mãe cambaleou, como se quisesse correr, mas não conseguia mover as pernas.

Então um barulho forte e uma luz brilhante surgiram da arma, e sua mãe caiu no chão, com um líquido vermelho saindo de seu peito, encharcando sua blusa e se espalhando pelo chão.

Riley gritou, aterrorizada.

Não parou de gritar até que não tivesse mais forças.

Então, escutou algo atrás dela—um som alto, profundo.

Ela se virou—e ali estava seu pai.

Ele tinha um machado na mão, que estava usando para cortar o tronco de uma árvore em pequenos pedaços.

Estava vestindo um uniforme completo da Marinha.

Ela apontou para o corpo de sua mãe e disse...

“Papai, faça algo por favor! Ajude a mamãe!”

Seu pai franziu a testa e cortou mais um pedaço do tronco.

“É tarde demais para fazer algo, garota. Ela está morta. Você a decepcionou. Você a deixou morrer.”

Riley engasgou-se com o horror daquelas palavras.

Então, ela ouviu aquelas vozes mais e mais vezes...

“Não nos decepcione... não nos decepcione... não nos decepcione...”

Riley perguntou a seu pai e aos agentes mortos do FBI...

“O que eu posso fazer? Sou só uma garotinha.”

Seu pai cortou mais um pedaço de madeira e disse...

“Não, você não é. Não mais. Você cresceu. É hora de agir como gente grande.”

Então Riley percebeu—era verdade. Ela não era mais uma garotinha. Ela era uma mulher de vinte e poucos anos.

Mas o que ela poderia fazer naquele momento?

Não havia maneira de ressuscitar sua mãe.

Quando uma escuridão terrível tomou conta de tudo a seu redor, Riley gritou...

“O que eu posso fazer?”

Riley sentou-se cama, ofegante e suando.

Um sonho, ela percebeu. Era só um sonho.

A luz do sol estava começando a aparecer pela janela do dormitório.

Ela viu que Frankie não estava em sua cama. Ela sabia que sua colega de quarto gostava de acordar e correr antes das aulas. Mas geralmente, Riley acordava junto.

- Meu Deus! – Ela disse em voz alta. – Que horas são?

Procurou o despertador no criado-mudo, mas ele não estava ali. Pulou da cama e viu o despertador caído, quebrado no chão. Provavelmente ela havia o derrubado da mesa durante um de seus pesadelos daquela noite.

Começou a andar pelo quarto procurando o relógio de Frankie.

Merda!

Ela estava atrasada.

A primeira atividade do dia já teria começado àquela hora. Todos seus colegas já estariam lá.

Riley colocou suas roupas e correu pelo corredor e pelos três andares de escada. Ao sair, hesitou por um momento para se lembrar do local da aula da manhã.

Então, correu.

Finalmente, chegou a uma placa de dizia:

BEM-VINDO AO BECO HOGAN
FRONTEIRA DA CIDADE

Abaixo, havia a palavra “CUIDADO”, e outras palavras, em letras menores.

Ao fim, em letras grandes, a placa também dizia:

TENHA UM BOM DIA

Riley passou cautelosamente pela placa e chegou a uma área chamada de Beco Hogan. No passeio introdutório, no dia anterior, ela ficara impressionada com o quão pitoresca era aquela pequena cidade, com sua

barbearia, farmácia, clube de sinuca, um cinema que se chamava Biograph, um hotel chamado Dogwood Inn, fileiras de lojas e carros estacionados na rua. Havia até uma cabine telefônica em uma esquina—algo que estava se tornando raro na era dos celulares.

No dia anterior, algumas pessoas estavam passando pelas ruas. Mas naquele dia, Riley não viu ninguém a princípio. O sol da manhã estava batendo em seu rosto, e ela levou alguns minutos para que seus olhos se acostumassem.

Então, percebeu que estava quase sozinha.

Uma viatura estava estacionada um pouco mais à frente. Frankie estava em pé ao lado do veículo, com mais alguns NATs do grupo de Riley, todos vestindo uniformes do FBI. Frankie estava segurando um megafone elétrico, e os outros tinham pistolas nas mãos. Outros NATs estavam escondidos atrás de carros, e alguns estavam agachados em alguns telhados. Alguns deles seguravam armas de atiradores profissionais.

Todas as armas pareciam estar apontando para ela.

Riley engasgou-se, pensando...

No que eu acabei de entrar?

Então Frankie falou no megafone...

- O local está cercado, Ivor. Isso não precisa terminar mal. Apenas saia com as mãos para cima.

Riley olhou para a esquerda para ver com quem Frankie estava falando. Percebeu que estava parada na esquina bem ao lado do banco da cidade.

Ela viu duas pessoas saírem do banco. Um era um homem, que segurava uma mulher que parecia assustada pelo braço. Ele tinha uma arma apontada para a cabeça da mulher.

- Tenho uma refém! – Ele gritou de volta para Frankie.

Riley então entendeu—as armas não estavam apontadas para ela, e sim para a porta da frente do banco.

Frankie hesitou por um momento, e então falou no megafone:

- Estou vendo, Ivor. Vou dizer o que nós vamos fazer. Vamos enviar um negociador de reféns e...

O homem chamado Ivor a interrompeu com uma gargalhada assustadora.

- Sem chance! Eu é que mando aqui! Eu vou sair daqui tranquilo, e vocês não vão fazer nada, ou essa refém morre! Você entendeu?

O silêncio tomou conta do local.

Ninguém parecia saber o que fazer—inclusive o homem, que estava

parado, indeciso, com sua refém assustada.

Riley perguntou-se se alguém havia percebido a chegada dela no local.
Provavelmente não, pensou.

Ela estava no canto e, na verdade, todos ali estavam pensando em outra coisa. Ela ainda não tinha certeza de que algum de seus colegas NATs havia percebido sua presença. Mas tinha certeza de que o homem com a refém não fazia ideia de que ela estava ali.

Então, um pensamento surgiu em sua mente...

Se esse cara não faz ideia de que eu estou aqui...

Não, aquela era uma ideia maluca.

Nem pense nisso.

Afinal de contas, ela havia acabado de chegar. Tudo o que estava acontecendo ali não tinha nada a ver com ela. Ela havia chegado muito atrasada para fazer parte daquilo.

Por outro lado...

Lembrou-se de coisas que havia escutado sobre o Beco Hogan.

“Vale tudo.”

“Sem regras.”

“Tudo pode acontecer.”

“Você tem que aproveitar as situações ruins.”

E o mais importante...

“Se você tem uma ideia, faça.”

Riley, de fato, tinha uma ideia.

E talvez—somente talvez—ela poderia tirar vantagem do fato de ter chegado atrasada.

Enquanto pensava em sua decisão, a refém virou sua cabeça, e seus olhos encontraram os de Riley.

Ela parecia implorar silenciosamente...

“Me ajude! Por favor!”

De repente, Riley estava correndo pela calçada em direção ao criminoso e sua refém. Ela jogou um dos braços para frente e acertou o bandido com seu punho, fazendo a arma dele voar.

Ela segurou o criminoso com as duas mãos e arrancou-o da refém. Então, jogou o homem no chão.

Algo a acertou, fazendo um barulho. *Pop.*

Um líquido amarelo jorrou em sua roupa.

Uma bala de paintball, ela se deu conta.

Escutou outra bala, e olhou a tempo de ver a refém ser atingida no meio do peito, causando uma explosão de líquido azul.

Mas de onde aqueles tiros estavam vindo?

Riley virou-se e viu outro homem armado saindo da porta do banco, segurando sua própria arma.

Ele havia acabado de atirar em Riley e na refém.

De repente, os dois criminosos estavam lado a lado, abrindo fogo contra os NATs. Em poucos segundos, eles estavam cheios de tinta vermelha, azul e amarela. Mas antes de serem atingidos, eles haviam atirado em vários NATs com as balas de paintball de suas próprias armas.

Riley escutou uma voz feminina gritando:

- Código Vermelho!

Ela sabia que aquele era um sinal para parar o exercício—que já havia terminado de um jeito bem cruel.

A agente Aubrey Rogers, uma instrutora tática que Riley havia conhecido no dia anterior, veio diretamente na direção dela, dizendo:

- Quer tentar de novo, Sweeney? Você não conseguiu fazer com que *todo mundo* morresse.

Riley encolheu-se de vergonha. Algumas risadas nervosas puderam ser ouvidas vindas dos outros NATs, que agora caminhavam na direção de Riley e Rogers.

- Eu não ria, se fosse vocês – Rogers disse ao grupo. – Sweeney apareceu com uma surpresa do nada. Isso vai acontecer na vida real mais do que aqui. Não foi só uma cagada dela. Alguém chegou a pensar que o bandido podia ter um cúmplice dentro do banco?

A maioria dos NATs disse não. Rogers disse:

- Bom, se vocês tivessem pensado nisso, talvez isso não tivesse acabado nesse banho de sangue. Havia várias maneiras de lidar com essa situação. Nenhum de vocês conseguiu pensar nelas. Por hoje é só. Quando vocês voltarem para a próxima sessão, quero que cada um de vocês me diga o que poderia ter feito melhor—mesmo com Sweeney estragando todo o exercício.

Quando os NATs começaram a sair, Riley viu Frankie vindo em sua direção, balançando a cabeça com um sorriso. Riley também sorriu para Frankie e começou a caminhar na direção dela.

Mas a Agente Rogers interrompeu o encontro.

- Sweeney, você e eu temos que conversar.

Frankie olhou para Riley com pena, e ela seguiu a Agente Rogers pela

rua. Elas passaram por três atores pagos que haviam participado do exercício—os dois criminosos e a refém. Eles estavam rindo da quantidade de tinta na roupa uns dos outros.

Ao caminhar com Rogers, Riley olhou para o Beco Hogan—que era, claramente, uma simulação detalhada de uma pequena cidade, exatamente como o cenário de um filme. Um prédio, no entanto, não era só uma fachada. Ele abrigava uma sala de aula real, onde os alunos aprendiam táticas. Riley seguiu Rogers até a sala.

Ela sentou-se à mesa, enquanto Rogers caminhava para frente e para trás em sua frente, sem dizer nada por vários e tensos momentos. Finalmente, Rogers disse:

- Soube que você teve problemas com o teste físico ontem.

Riley engoliu em seco.

Ela não sabia que sua performance ruim já havia caído na boca dos outros instrutores.

- Vou fazer melhor na próxima vez – ela disse.

Rogers fez uma cara feia antes de responder:

- Na próxima vez.

Riley então sentiu muito medo.

Ah, não.

Talvez não haveria próxima vez.

Talvez ela seria expulsa da Academia naquele momento.

Rogers puxou uma cadeira e sentou-se na frente de Riley. Com a voz cheia de raiva, disse:

- Sweeney, juro por Deus, o que você fez foi tão estúpido, que quase foi bom. Mas quase não é suficiente, dizem. *E não foi bom.* Ficou muito longe de ser bom. Você estragou tudo, com força.

- Sinto muito – Riley disse, quase sussurrando.

- Não adianta ‘sentir muito’ na Academia – Rogers disse.

Ela pausou novamente, e então continuou:

- O Beco Hogan pode parecer um jogo, mas não é.

- Eu sei – Riley disse.

Rogers inclinou-se na direção de Riley e a olhou nos olhos.

- Não, não sei se você sabe mesmo. Deixe-me repetir—o Beco Hogan *não é um jogo.*

Riley a olhou em silêncio.

Então, Rogers continuou:

- Em 1986, houve um tiroteio sangrento de quatro minutos em Miami. Dois agentes do FBI foram mortos e cinco ficaram feridos. O FBI percebeu que os agentes precisavam de mais treinamento tático—algo realista, onde eles pudessem treinar situações de vida ou morte. Foi por isso que o Beco Hogan foi construído. Por isso que você e os outros NATs vêm até aqui para aprender.

Riley sentiu que seu coração pararia a qualquer momento.

Novamente, ouviu as vozes daqueles agentes mortos do FBI...

“Não nos decepcione.”

Agora, no segundo dia de seu treinamento, Riley sentia que já havia os decepcionado.

Rogers disse:

- Vou ter que reportar o que você fez aqui. Enquanto isso...

Rogers foi interrompida pelo som da porta se abrindo atrás de Riley.

Riley viu os olhos de Rogers arregalarem-se de espanto.

- Meu Deus! – Roger murmurou. – Agente Crivaro!

Riley virou-se e viu seu mentor parado na porta.

Rogers gaguejou:

- Eu não esperava... é uma honra...

Crivaro a interrompeu.

- Preciso falar a sós com Riley Sweeney.

CAPÍTULO QUATORZE

A surpresa inicial de Riley tornou-se felicidade logo em seguida. Por vários segundos, a Agente Rogers ficou parada ali, olhando para o Agente Crivaro sem saber o que dizer. A agente durona que havia acabado de criticar Riley duramente agora não conseguia falar.

Por fim, Crivaro disse:

- Você me escutou? Preciso falar com Riley Sweeney a sós.

Rogers gaguejou.

- S-sim senhor. Com certeza, senhor.

Ao ver a instrutora saindo nervosamente da sala, Riley lembrou-se do que Frankie dissera na noite anterior.

“Você sabe que Jake Crivaro é uma lenda viva nas forças da lei, certo?”

Riley havia pensado, naquele momento, que talvez Frankie estivesse exagerando.

Mas a julgar pela reação da Agente Rogers com a chegada inesperada de Crivaro, Frankie devia ter mesmo falado a verdade.

Crivaro parou e olhou para Riley por um instante, como se estivesse tentando pensar no que dizer a ela.

Parecendo um pouco evasivo, ele disse:

- Então. Beco Hogan. Eles não tinham isso quando eu fui treinado aqui. O que você achou?

Riley segurou um suspiro.

- Nesse momento, não é meu lugar favorito no mundo.

Crivaro riu e sacudiu a cabeça.

- Sim, eu estava assistindo tudo dali de perto. Senhor, que loucura de se fazer. Eu não te disse que você precisa aumentar seu controle e seus impulsos?

Riley disse:

- Pelo jeito não estou melhorando muito nesse quesito.

Crivaro respondeu:

- Não, não parece mesmo.

O silêncio tomou conta da sala.

Riley perguntou-se...

Ele veio aqui só para reclamar de como eu estou me saindo na Academia?

Se fosse, não fazia muito sentido enrolar.

Ela disse:

- Tenho que ir, ou vou me atrasar para a próxima aula.

Crivaro deu um passo em direção a Riley.

- Você não vai para a próxima aula.

Os olhos de Riley arregalaram-se de surpresa.

- Desculpe? – Ela perguntou, sentindo-se em pânico novamente. Crivaro estava ali para terminar de expulsá-la?

Crivaro disse:

- Falei com Marty Glick, o instrutor do seu grupo. Disse a ele que vou tirar você daqui por um ou dois dias.

Riley mal podia acreditar no que estava ouvindo.

- Você o *quê*? – ela disse.

Crivaro respirou profundamente e explicou:

- Você deve ter ouvido sobre os dois casos de assassinato recentes em West Virginia. As vítimas cheias de arame farpado.

Riley voltou a respirar normalmente. Ela respondeu:

- Sim, vi na TV.

Crivaro riu, envergonhado.

- Sim, você deve ter *me* visto na TV, também. De acordo com a mídia, eu também tenho meus problemas de controle. Mas aquela coisa minha com o repórter—acredite, não foi bem daquele jeito.

Crivaro pôs as mãos no bolso e olhou pela janela da rua encenada. Ele continuou:

- Enfim, preciso da sua ajuda. Nessa altura do caso, meus instintos geralmente já teriam aparecido e eu teria alguma intuição sobre o assassino. Mas não aconteceu dessa vez, e isso me preocupa muito. Tem um assassino em série por aí, e a única coisa que eu sinto é que ele vai matar de novo antes que eu o pegue. Mas se você vier comigo e ver as cenas dos crimes, tentando entrar na mente do assassino... bom, com seus instintos naturais, aposto que você vai pensar em algo muito rapidamente.

Riley sentiu-se esmagada por uma cachoeira de sentimentos confusos e contraditórios. Parte dela estava orgulhosa por Crivaro tê-la procurado ao invés de qualquer outro agente mais experiente. Mas, por outro lado, ela

sentiu-se irritada e ressentida.

Quem ele pensa que é para vir aqui e me tirar assim?

Não parecia certo.

- Não posso fazer isso – Riley disse. – Cheguei aqui antes de ontem, e já estou indo mal. Tenho que focar, melhorar. Se não, vou ser expulsa.

- Você não vai ser expulsa – Crivaro disse. – Glick me falou sobre o problema no teste físico. Você vai passar na próxima vez. E se você parar de fazer coisas estúpidas, como invadir uma simulação de crime, você vai se dar bem. Você é uma garota esperta.

Riley arrepiou-se por dentro.

“Uma garota esperta?”

Ela sabia que Crivaro havia dito aquilo como um elogio, mas não parecera. De qualquer maneira, ela não estava tão confiante quanto ele de que logo estaria se saindo bem na Academia. Ser expulsa parecia uma possibilidade real.

E além disso...

- Tem mais uma coisa – Riley disse. – Fui intimada para depor semana que vem. Não posso faltar.

Crivaro disse:

- Sim, eu também fui. Nós dois supostamente temos que ser testemunhas no julgamento de Brant Hayman. Não se preocupe, até lá nós já devemos ter acabado com esse caso. Com sorte, eu vou trazer você de volta amanhã ou depois de amanhã.

Crivaro olhou seu relógio e continuou:

- Enfim, temos que ir. Você precisa ir ao seu dormitório e pegar suas coisas, caso precise passar a noite em West Virginia. Vamos, logo.

Crivaro saiu da sala.

Riley ficou parada, olhando para ele por alguns segundos.

Não vou seguir ele, pensou.

Não vou deixar ele dizer o que eu tenho que fazer.

Então, Crivaro virou-se e a chamou:

- Vamos, garota. Temos vidas para salvar.

Aquelas palavras acenderam algo nela.

“...vidas para salvar...”

As palavras que ela havia escutado no sonho da noite anterior—as palavras dos agentes mortos do FBI—voltaram à sua mente...

“Não nos decepcione.”

Quem sabe, perder alguns dias de Academia não seria um grande problema.

Quando percebeu, Riley já estava caminhando na direção de Crivaro.

*

Pouco tempo depois, Riley estava dentro de um carro do FBI com Crivaro, indo para West Virginia. Enquanto Jake dirigia e ela contava mais sobre o caso, ela olhava uma pasta com os relatórios e fotos das cenas dos crimes.

Achou horripilante tanto o conteúdo da pasta quanto as palavras de Crivaro.

Parecia que havia sido ontem que ela e Crivaro tinham caçado o chamado “Palhaço Assassino”, o criminoso que vestia suas vítimas como palhaços e que quase matara Riley.

Ela nunca tinha imaginado que teria que encarar aquele tipo de pessoa novamente, mesmo se passasse a vida inteira nas forças da lei.

Mas esses assassinatos de agora eram tão inimagináveis quanto aqueles.

Ele enrola elas em arame farpado e deixa elas sangrarem até a morte.

Riley arrepiou-se só de pensar.

Quando Crivaro terminou sua história bizarra sobre o caso, ele disse em voz baixa:

- A corda do diabo.

- Oi? – Riley disse.

- Erik Lehl me disse que o arame farpado às vezes é chamado de ‘a corda do diabo’.

- Faz sentido – Riley disse, fechando a pasta.

Eles seguiram em silêncio por boa parte do caminho.

Então, Riley percebeu Crivaro olhando para sua mão esquerda.

- Você ainda está noiva, pelo jeito – ele disse.

Riley desejou ter escondido o anel de seu dedo.

Ela lembrou-se de Frankie recomendando que ela o tirasse.

“Isso pode te distrair, e você vai precisar de toda a concentração possível.”

Não pode deixar de se pensar...

Talvez eu devesse ter tirado.

Ela disse a Crivaro:

- Você parece surpreso.
- Só fiz uma observação – ele disse. – É o cara com quem você estava em Washington? Talvez eu possa conhecê-lo quando voltarmos de West Virginia.

Riley disse:

- Ryan não mora em Quantico. Ele ainda trabalha para um escritório de advocacia em Washington. Nós temos... ele tem um apartamento lá.

- Ah – Crivaro disse.

Riley percebeu muito significado naquela única sílaba, como se Crivaro já suspeitasse que as coisas não andavam bem entre ela e Ryan.

Mesmo assim, parecia que ele não iria falar mais nada sobre aquilo.

Riley deu-se conta de que também não deveria falar.

Mas encontrou-se imaginando onde, de fato, as coisas estavam com Ryan. Depois de dois dias cheios sem saber dele, ela havia recebido um e-mail no dia anterior. Fora uma resposta curta, porém educada, de seu e-mail anterior, falando principalmente sobre o trabalho dele na Parsons & Rittenhouse.

Ele tinha terminado o e-mail dizendo “Com amor, Ryan”, mas ela não sentira muito amor na mensagem. E simplesmente não soubera o que responder. Havia pensado em telefonar para ele no trabalho ou em casa, mas sabia que seria atendida por uma mensagem eletrônica—e que Ryan provavelmente não retornaria.

E se ele retornasse, eles estariam prontos para falar sobre suas diferenças?

Ela lembrou-se de algo que Ryan havia dito quando eles discutiram:

“Riley, você quase morreu duas vezes desde que eu te conheci.”

A escolha de carreira dela seria um obstáculo fatal para o futuro dos dois juntos?

Pensou em algo que Crivaro dissera, certa vez...

“Acredite, ser obcecado pelos lados mais obscuros da natureza humana causa estragos nos relacionamentos.”

Crivaro fora quase como um pai para Riley em momentos como aquele—mais do que seu pai de verdade. Ela sentia que podia conversa com ele sobre coisas que mais ninguém entenderia.

Por fim, Riley respirou profundamente e disse:

- A verdade é que eu não sei em que ponto eu e Ryan estamos. Nós brigamos antes de eu vir para Quantico, e não nos acertamos desde então.

- Sinto muito por isso – Crivaro disse. – Morar longe como vocês estão não deve ser fácil, especialmente quando vocês estão só começando uma vida juntos. Imagino que seu futuro dependa do quanto vocês querem um ao outro feliz, quanto esforço vocês vão fazer para isso.

Riley suspirou ao ver a paisagem de Virginia aparecendo pela janela. Ela disse:

- Acho que a única coisa que faria Ryan feliz é se eu desistisse de toda essa história de FBI, arranjasse um emprego das nove às cinco que não faz eu levar preocupações para casa e tivesse filhos o mais rápido possível.

Crivaro fez um barulho de desaprovação.

- Isso não é nada bom – ele disse. – A vida de agente do FBI é... bem, não é como as outras. É maluco e imprevisível—e não preciso te dizer que é perigosa. Já sobre ter filhos...

A voz de Crivaro diminuiu. Então, ele disse:

- Bom, eu não acho que deva te dar conselhos sobre isso. Meus relacionamentos nunca acabaram bem—nem os mais normais, com meus parceiros. – Ele riu e continuou. – Sabe, o Comandante Lehl me disse que eu preciso aprender a lidar com os outros.

Riley riu e disse:

- Que coisa estranha de um chefe dizer.

Crivaro balançou a cabeça.

- Não tão estranho – ele disse. – Eu afasto as pessoas, deixo elas longe, eu espero demais delas, fico impaciente. Fico me perguntando se talvez...

Ele parou, como se estivesse procurando pelas palavras certas.

- Talvez eu não saiba me relacionar com pessoas que não são tão apaixonadas quanto eu, tão comprometidas. Meu trabalho é tudo para mim. Minha esposa não era nenhum pouco assim, meu filho com certeza não é. Eles não entendem porque eu sou. E isso não é culpa deles. Ninguém tem culpa na verdade. Eles são totalmente normais, pessoas comuns. Ela está em um casamento feliz, e ele vai ser corretor. Eles vão ter vidas estáveis, normais. – Ele riu e disse. – Talvez eu *não consiga* ser normal.

Riley sorriu e um silêncio confortável tomou conta do carro. Ela se sentiu bem, falando abertamente assim. E sentiu que o Agente Crivaro sentiu o mesmo. Ele não era o tipo de homem que costumava baixar a guarda e falar sobre seus sentimentos.

Talvez nós podemos fazer bem um ao outro, ela pensou.

Riley estava começando a se sentir muito feliz por Crivaro tê-la tirado

de Quantico, pelo menos por um ou dois dias—feliz e mais do que especial.

Logo depois, quando estava andando pelas montanhas apalache, os dois passaram por uma placa que indicava a saída para a cidade de Milladore.

Riley disse a Crivaro:

- Meu pai vive numa cabana nas montanhas perto dessa cidade.

Crivaro disse:

- Uma cabana nas montanhas. Uou. Parece legal. Eu meio que invejo ele. Talvez eu possa conhecê-lo um dia.

Riley franziu a testa sem dizer nada.

Ela não se lembrava de querer apresentar seu pai a ninguém.

Se o Agente Crivaro tinha problemas “lidando com os outros”, com seu pai seria muito pior. Ele não se dava bem com ninguém—nem com Riley.

Viver a vida como um eremita nas montanhas era perfeito para ele.

Mas Riley imaginou... o que aconteceria se ela apresentasse Crivaro a seu pai? Os dois eram homens duros, rabugentos. Seu pai fora um apaixonado por servir a Marinha, assim como Crivaro era com o FBI.

Talvez eles se dessem bem.

Mas ela não se sentia pronta para descobrir.

Talvez um dia, pensou.

*

Pouco tempo depois de terem cruzado a fronteira para West Virginia, eles chegaram à pequena e pacata cidade de Dighton, onde Hope Nelson morara. Era um lugar menor que Lanton, a cidade de West Virginia onde Riley havia feito faculdade. Parecia mais com Slippery Rock, o local onde ela vivera quando criança.

Era difícil imaginar como dois assassinatos brutais tinham acontecido perto dali.

O Agente Crivaro passou pela cidade sem parar e continuou no sentido interior. Por fim, ele parou o carro ao lado de um pasto onde vários gados de Black Angus estavam pastando.

Eles saíram do carro e caminharam em direção à uma cerca, na beira do pasto.

Riley olhou para a cerca, até que seus olhos enxergaram um poste em particular.

Lembrando-se das fotos que havia visto durante a viagem, ela se deu

conta...

Foi bem aqui.

Foi aqui que o corpo de Hope Nelson foi encontrado.

Riley hesitou.

Ela queria mesmo ter alguma intuição sobre um assassino brutal que usava arame farpado em suas vítimas?

CAPÍTULO QUINZE

Parada ao lado da cerca de arame farpado, Riley começou a sentir como se uma escuridão profunda e misteriosa estivesse a seu redor. Mesmo sendo meio da tarde, era fácil imaginar como aquele lugar devia ser à noite, quando o assassino havia trazido o corpo de Hope Nelson. Ela encolheu levemente os ombros quando a imagem formou-se em sua mente.

Crivaro a tocou no ombro e disse.

- Você sabe o que fazer.

Riley assentiu. Ela sabia exatamente o que deveria fazer a seguir.

Nas outras vezes em que haviam trabalhado juntos, Crivaro havia descoberto que eles compartilhavam uma habilidade incomum. Eles conseguiam ir ao local de um acontecimento e, às vezes, saber exatamente o que um assassino tinha sentido e feito. Era uma intuição, uma combinação de percepção e imaginação. Ele havia ensinado a ela como usar esse talento.

Riley lembrou-se da primeira vez em que tinha feito isso. Fechar os olhos havia ajudado.

Mas dessa vez ela decidiu manter os olhos abertos, para que pudesse refazer os movimentos do assassino da melhor maneira.

Ela caminhou pela estrada e disse a Crivaro:

- Ele parou o carro aqui—provavelmente uma picape ou um SUV.

Imaginou ele abrindo a parte de trás do veículo.

Lá dentro, estava o corpo da pobre Hope, amarrado com fita adesiva, arame farpado e...

Algo mais?

Ele não teria conseguido apertar bem os braços ao redor do pacote cheio de pontas sem ter se machucado.

Ela olhou para baixo, no chão, entre si e a cerca.

Viu onde a grama parecia estar mexida, como se algo a tivesse arrastado. Mas a terra não parecia ter sido arrancada nem rasgada por ali. Riley disse a Crivaro:

- Acho que o corpo estava envolto em um lençol. Ele usou as pontas do lençol para ajudá-lo a tirar o corpo do veículo e levar pelo chão.

Riley caminhou pela grama mexida em direção à cerca, tentando

imaginar-se transportando a carga pesada com ela—abaixando-se e levantando-se com dificuldade. Ele era um homem forte, ela pensou, mas não necessariamente muito alto ou pesado.

Ao chegar ao poste, percebeu um prego grande fincado na parte de cima. Lembrando-se das fotos, continuou...

- Ele tirou o lençol do pacote e colocou esse prego aqui. Amarrou um pedaço de corda fina no pacote—um varal, talvez. Passou a linha pelo prego para tirar a vítima do chão. Então amarrou rápido. Ficou aqui olhando para seu trabalho e...

Riley parou, imaginando...

E o quê?

Uma sensação estranha tomou conta dela—ou uma falta de sensação.

Como se fosse um tipo de dormência emocional. Ela gaguejou:

- Acho que... que ele se sentiu exausto. Qualquer alegria ou excitação que ele sentiu enquanto estava torturando ela terminou quando trouxe ela aqui. Ela já estava morta, a emoção tinha acabado. Ele só estava finalizando. Ou...

Ela pausou novamente.

Crivaro disse:

- Ou o que?

Riley respirou fundo e respondeu:

- Ou talvez a dormência esteja só em mim. Talvez eu não esteja conectando com ele.

Crivaro tocou no ombro dela novamente.

- Tudo bem – ele disse. – Vamos tentar de novo.

Riley fez todo o exercício novamente, dessa vez com Crivaro falando mais pelo caminho. Mas tudo terminou da mesma forma—com a curiosa sensação de vazio ao tentar imaginar como o assassino havia se sentido olhando para seu grotesco trabalho manual...

Sem orgulho, sem culpa, sem vergonha...

- Eu não consigo sentir nada – ela disse, olhando para o poste novamente.

- Você pode estar certa – Crivaro disse. – Talvez ele também não sentiu nada. Como você disse, a parte mais emocionante para ele já tinha acabado. A sensação pode ter sido de decepção, algo que ele demoraria para superar. Ou... – Crivaro encolheu os ombros e continuou. – Ou talvez você está certa, e só não está conseguindo uma conexão. Não se cobre tanto. Eu também não

senti nada aqui. Você não vai fazer milagres. Não tem nada de mágica nisso. É tudo intuição—e às vezes a intuição não vem quando nós queremos.

Riley olhou para ele com uma expressão pensativa e disse:

- O que importa mesmo é como ele se sentiu quando estava engajado com a vítima, quando ela ainda estava viva. Quero dizer, era só crueldade e sadismo puros, como o Palhaço Assassino? Ou era... algo mais? Queria poder ir até onde Hope foi raptada, ou onde ele a empacotou e a torturou até a morte.

Crivaro murmurou, consternado.

- Infelizmente, não temos ideia de onde essas duas coisas aconteceram. Mas não se preocupe, ainda podemos ir à cena do outro crime. Você pode ter mais ideias lá. Antes, nós deveríamos ir até a cidade, falar com o Comandante Messenger, ver se o pessoal dele descobriu algo novo.

Crivaro dirigiu de volta até a pequena cidade de Dighton. Quando eles entraram na acanhada estação policial, alguns tiras olharam de suas mesas. Crivaro perguntou a eles onde ele e Riley poderiam encontrar o Comandante, e eles responderam que Messenger estava em sua sala.

A porta do escritório nos fundos da estação estava parcialmente aberta quando Riley e Crivaro caminharam em direção a ela.

Riley escutou uma voz masculina dizendo...

- Eu esperava que o Senador Gardner tivesse vindo à cerimônia para Hope ontem.

A voz de outro homem respondeu rapidamente.

- Por que você esperava isso?

Parecendo frustrado, o primeiro homem disse.

- Bom, eu só achei que..

O segundo homem interrompeu.

- Não pense nisso. E não fale sobre isso. Você sabe muito bem.

Crivaro bateu levemente na porta e a empurrou com jeito. Dois homens estavam em pé ali, parecendo assustados e chateados.

O mais baixo vestia um uniforme da polícia. Riley achou que ele se parecia um pouco com Crivaro. O mais alto vestia um terno que parecia ser bem caro.

Crivaro os apresentou como o Comandante Graham Messenger e o Prefeito Mason Nelson—o marido de Hope Nelson.

Enquanto Crivaro pedia novidades sobre o caso, Riley sentiu algo estranho entre o prefeito e o comandante—algo além de um traço de

ansiedade.

Os instintos de Riley não haviam ajudado na cena do crime, mas agora sua intuição estava lhe dizendo algo claro. O comandante havia acabado de dizer algo que o prefeito desaprovava—e agora os dois estavam desconfortáveis por terem sido ouvidos.

Nós chegamos na hora errada.

Escutamos algo que não deveríamos ter escutado.

Não havia nada novo sobre o caso, então Riley e Crivaro voltaram para o carro. Quando Crivaro virou a chave, Riley disse:

- Estava acontecendo algo ali.

- Não entendo o que você quer dizer – Crivaro disse.

Riley pensou por um momento, lembrando as palavras do comandante.

“Eu esperava que o Senador Gardner tivesse vindo à cerimônia para Hope ontem.”

Riley disse:

- Warren Gardner—não é um dos senadores de West Virginia? Então, ele está sempre falando sobre assuntos religiosos—rezas nas escolas, querendo colocar os Dez Mandamentos nos prédios públicos, todo esse tipo de coisa.

- Se você diz – Crivaro disse. – Não presto muita atenção em política.

Riley disse:

- Quando nós estávamos entrando, o Comandante Messenger disse algo sobre o senador não ter vindo ao funeral de Hope Nelson.

- Não escutei – Crivaro disse.

- Pois então, eu escutei bem – Riley respondeu. – E o prefeito ficou bravo por Messenger ter mencionado isso. E os dois pareciam irritados quando nós aparecemos naquela hora.

- Você está imaginando coisas – Crivaro disse.

Riley surpreendeu-se com a dureza na voz de Crivaro.

- Não, não acho que estou – ela disse. – Precisamos voltar lá.

Precisamos perguntar a eles...

Crivaro a interrompeu duramente.

- Não, não vamos. Seja lá o que eles estavam falando, nós não temos nada a ver com isso.

Riley começou a falar...

- Mas eu tenho a sensação de que...

Crivaro a interrompeu novamente, com a voz mais alta.

- Suas sensações não estão funcionando hoje. Você mesma disse. Seja lá

o que o comandante e o prefeito estavam conversando, não temos nada com isso.

- Mas—

- Deixa essa porra para lá, Riley. Um detetive tem que ignorar coisas estúpidas que não importam, mesmo quando sua intuição diz o contrário. Você tem que aprender isso. Você tem muito a aprender. – Falando mais baixo, ele finalizou: - Muito, mesmo.

Houve um longo silêncio entre eles. Riley ficou assustada com a repentina mudança de humor de Crivaro. Depois de alguns quilômetros, Crivaro voltou à rodovia interestadual, sentido leste, voltando para Virginia. Riley perguntou:

- Não vamos à cena do crime em Hyland?

- Não – Crivaro disse. – Terminamos por hoje. Vou levar você de volta para Quantico.

Riley sentiu um calafrio com o tom de Crivaro. Ela desejou que ele pudesse explicar porque estava sendo tão curto com ela. Mas sentiu que não seria útil tentar fazer com que ele falasse.

Ele está irritado o suficiente com isso.

No caminho, em silêncio, Riley lembrou-se do que o prefeito havia dito ao Comandante Messenger.

“Não pense nisso. E não fale sobre isso. Você sabe muito bem.”

Mesmo com a opinião contrária de Crivaro, Riley tinha certeza de que aquela conversa era de alguma forma importante.

Ela desejou saber o motivo.

*

Riley e Crivaro conversaram pouco durante o restante da viagem de volta até Quantico. Ela não conseguia entender o que tanto havia mudado entre eles durante um único dia. No caminho para West Virginia, a conversa fora tranquila, relaxada, mais do que amigável. Riley havia falado abertamente sobre seus problemas pessoais, e achava que Crivaro tinha falado também.

Na verdade, ele havia agido quase como o pai que ela sempre desejara.
Mas agora...

Riley suspirou profundamente.

Agora ele parecia exatamente como seu pai de verdade—frio, grosso,

nervoso e quieto.

Quando Crivaro a deixou no dormitório, Riley ficou olhando para o prédio com sua mochila nas costas. Não era tão tarde, e ela imaginou que Frankie estaria no quarto delas, estudando. Riley pensou em como ela e Frankie haviam surpreendentemente se tornado próximas em pouco tempo.

Talvez eu possa conversar com ela sobre hoje, pensou.

Mas então, lembrou-se do episódio humilhante no Beco Hogan—em como Frankie conduzira tudo profissionalmente, falando no megafone com o criminoso.

Riley, por outro lado, havia feito o que não deveria, e o exercício tinha terminado desastrosamente. Até Frankie havia sido “morta” na confusão.

Riley pensou...

Frankie não tem motivos para ser simpática comigo agora.

Ela sentou-se na entrada do prédio com sua mochila ao lado. Na verdade, nem ela estava se sentindo simpática consigo mesma naquele momento. Havia se saído mal nos exames do dia anterior, estragado o exercício no Beco Hogan e...

Não sabia o que realmente havia dado errado em West Virginia para deixar Crivaro tão nervoso. Mas talvez esse fosse o problema...

Eu cometo erros sem nem perceber.

Percebeu que não conseguiria entrar e encarar Frankie naquele momento.

Não tinha certeza se conseguiria encarar qualquer pessoa em Quantico na manhã seguinte.

Tomou o que parecia uma decisão fatídica, então pegou seu telefone e chamou um táxi.

Ela sabia para onde iria naquela noite.

O que ela não sabia era...

Será que um dia eu vou voltar?

CAPÍTULO DEZESSEIS

Já era noite quando Jake Crivaro cruzou a fronteira e entrou em West Virginia. Durante todo o caminho, ele havia pensado sobre Riley Sweeney. Sentiu-se mal por ter sido tão frio com ela no caminho de volta a Quantico, e sentia por não poder explicar a ela os motivos daquilo.

Mas era impossível.

Ele lembrou da ordem restrita de Erik Lehl durante a última reunião...

“O que eu estou prestes a dizer nunca pode sair dessa sala.”

E quando Lehl contara o que tinha para dizer, Jake havia entendido perfeitamente porque aquilo precisava ser mantido em segredo.

Infelizmente, Riley havia ouvido a conversa tensa entre o prefeito e o comandante Messenger, que dissera...

“Eu esperava que o Senador Gardner tivesse vindo à cerimônia para Hope ontem.”

E o prefeito Nelson não havia gostado do assunto.”

“Não pense nisso. E não fale sobre isso. Você sabe muito bem.”

Jake suspirou e murmurou para si mesmo...

- Por que ela tem que ser tão boa nisso?

Qualquer outro novato não teria pensado nada sobre o que ela ouvira. Mas Jake sabia muito bem que Riley Sweeney não era como os outros novatos.

Ela não deixava nada passar.

Na verdade, ele tinha certeza de que ela tinha instintos naturais tão bons quanto os dele. Por isso ele havia a levado ao Programa de Estágio de Honra de Versão e depois à Academia do FBI.

Mas, agora, o que ele faria com ela?

Ela é um diamante bruto, pensou.

Mas era muito mais bruta do que a maioria dos diamantes, propensa a tomar decisões precipitadas e, às vezes, sensível e atenta demais para o seu próprio bem. Jake seria bom o suficiente para lapidar aquele diamante?

Talvez não...

Talvez seja demais para mim.

Ele percebeu que estava se aproximando da saída da rodovia para

chegar a Milladore. Riley havia apontado para aquela cidade no caminho para Quântico.

“Meu pai vive numa cabana nas montanhas perto dessa cidade.”

Jake deu-se conta de que, na verdade, sabia muito pouco sobre Riley Sweeney—onde e como ela tinha crescido, o tipo de experiências que a haviam tornado quem ela era. E ele não sabia nada sobre seu pai.

Sem saber exatamente porquê, Jake pegou a saída e continuou no caminho para Milladore. Quando passou pela placa indicando o município, rapidamente percebeu que aquela era uma pacata cidade de Virgínia—parecida com aquelas, em West Virgínia, onde ele estava investigando os assassinatos. Milladore era maior do que Hyland, ele pensou, mas provavelmente menor do que Dighton.

Não que aquilo importasse...

O que eu estou fazendo aqui, afinal?

Deu-se conta de que estava dirigindo a horas, e talvez fosse o momento de descansar um pouco. Estacionou em frente a um pequeno bar chamado Roy's Tavern. Entrou no local cheio de fumaça e viu que tratava-se de um pequeno estabelecimento. Alguns homens estavam jogando sinuca, e outro estava sentado no bar, falando com o garçom. Não parecia haver mais ninguém ali.

Jake sentou-se no balcão de madeira e pediu uma cerveja. Enquanto o garçom enchia a caneca, Jake percebeu que o homem sentado a seu lado estava o olhando de canto.

Com uma voz suspeita, o homem disse:

- Imagino que você trabalhe na polícia.

Jake assentiu e mostrou seu distintivo.

- Agente Especial Jake Crivaro, FBI – ele disse. – Mas não se preocupe. Não estou aqui a trabalho.

O garçom e o homem riram.

- Bom, então podemos ficar aliviados – o garçom disse.

O homem disse:

- Se você não se importa, o que te traz a Milladore? As pessoas não costumam parar aqui sem um bom motivo.

Jake riu e levantou sua caneca. Ele disse:

- Eu só queria uma cerveja. Não é um motivo suficiente?

O garçom disse:

- Bom, acho que você veio ao lugar certo.

Jake tomou sua cerveja em silêncio por alguns momentos. Ele sentiu uma ponta de curiosidade, e então perguntou:

- Vocês conhecem um cara chamado Sweeney?

O garçom e o homem olharam-se, surpresos.

- Sweeney? – Ela disse.

- Você diz Oliver Sweeney? – O homem falou.

Jake encolheu os ombros e respondeu:

- Creio que sim. O Sweeney do qual estou falando vive em uma cabana não muito longe daqui.

O garçom riu e respondeu:

- Sim, estamos falando de Oliver Sweeney.

O outro cliente olhou para Jake e perguntou:

- Você tem certeza de que não está aqui a trabalho? Por que eu não lembro de ninguém vindo a Milladore e perguntando sobre Oliver Sweeney. Ele fez algo que não deveria, talvez?

Jake sentiu sua curiosidade crescendo.

- Não que eu saiba – ele disse. – O que você pode me falar sobre ele?

O garçom começou a secar alguns copos e disse:

- Não muito, acho. Não vemos ele muito aqui na cidade. Ele vem comprar um jornal, ou vai à sede dos veteranos de guerra às vezes—não que ele seja muito bem-vindo lá. Ele é meio temperamental. Tende a gostar de brigas.

Jake estava surpreso...

O pai de Riley—é um brigão?

Ele perguntou:

- Como posso entrar em contato com ele?

O homem balançou a cabeça.

- Acho que você não pode – ele disse. – E não sei se você iria querer. Ele é tipo eremita, não tem telefone. Você teria que subir a montanha e encontrar a cabana dele. – O homem riu e acrescentou. – É um caminho que eu não recomendo.

Os olhos de Jake arregalaram-se de interesse.

- Na verdade, acho que eu gostaria de fazer isso – ele disse. – Você pode me dizer onde é?

O homem parecia relutante.

- Ah, eu não sei onde fica, senhor – ele disse.

Mas o garçom resolveu ajudar. Ele apontou e falou:

- Dirija naquela direção, e logo você vai chegar à estrada Elk Hill. Vire à direita e continue até as montanhas por alguns quilômetros. Você vai ver uma caixa de correio à esquerda com as iniciais OS e alguns números pintados nela. Isso é o que marca a estrada que leva à cabana do Sweeney.

Jake engoliu o restante de sua cerveja e pagou, com gorjeta.

- Obrigado – ele disse. – Vou indo. Tenham uma boa noite.

O garçom chamou quando Jake estava saindo do bar:

- Espere aí, senhor. Você não está pensando em ir lá agora, está?

- Por que não? – Jake perguntou.

O outro homem encolheu os ombros e disse:

- É noite, por isso.

Jake sentiu-se surpreso.

Aquilo estava começando a se parecer com o começo de um filme do Drácula.

Esse Sweeney seria um vampiro?

O garçom disse:

- Espere até de manhã, não? Tem um pequeno hotel aqui na cidade.

Sempre tem vagas. Passe a noite nele.

Jake sorriu e respondeu:

- Vou fazer isso. Obrigado novamente.

Obviamente, ao deixar o bar e entrar em seu carro, Jake não tinha intenção de passar o resto da noite em Milladore. Ele precisava voltar à Dighton antes do amanhecer. Dirigiu até à estrada Elk Hill e virou à esquerda. Era uma estrada de cascalho, ao lado de uma encosta íngreme.

A noite estava muito escura. Jake dirigiu por alguns quilômetros e percebeu que estava no meio do nada.

Será que me perdi? Ele se perguntou.

Finalmente, encontrou o que estava procurando—uma caixa de correio com as letras e números pintados. A estrada à frente da caixa era escura.

Ele passou por ela e continuou pela estrada, ruim e cheia de curvas. Por um momento, pensou que os caras no bar haviam lhe mandado para o lugar errado.

Por fim, os faróis de seu carro revelaram uma pequena cabana. Não havia luz dentro dela. Novamente, Jake perguntou-se se havia sido mandado até ali de sacanagem. Mas Riley havia dito que seu pai morava em uma cabana no meio da floresta, exatamente o que ele estava vendo naquele

momento.

Estacionou, desligou o motor e saiu do carro.

Na escuridão, ouviu a porta da cabana abrir e uma voz dizer:

- Quem é você? Que porra você quer?

Jake respondeu, com a voz tranquila:

- Só vim para uma visita amigável.

- Não acredito – a voz respondeu.

Então, Jake viu um flash de luz vindo da porta e ouviu o barulho de uma arma.

Ele está atirando em mim!

CAPÍTULO DEZESSETE

Já era tarde quando Riley estava caminhando pelas calçadas da cidade. As poucas outras pessoas na rua não pareciam muito amigáveis, mas as ruas do bairro eram familiares, e não mais ameaçadoras, como outrora.

Antes, ela pensou.

No verão, quando eu morei aqui.

Com Ryan.

Ao chegar perto de seu destino, ela se perguntou...

O que eu estou fazendo aqui agora?

Sentiu como se tivesse sido levada por um impulso desde que Crivaro a deixara em frente a seu dormitório. Ao invés de voltar para o quarto, ela tinha tomado um táxi para a estação de Quantico, pegado o primeiro trem para Washington e então pegado o metrô para chegar até ali.

Descobriu que não tinha resposta para sua própria pergunta sobre o que estava fazendo ali. Tudo o que sabia era que queria resolver *algo* naquele dia terrível—que havia começado com sua performance no Beco Hogan e terminado com sua falha em ter intuições sobre a cena do crime em West Virginia.

Pior ainda, ela não sabia exatamente porque o Agente Crivaro estava tão irritado, e ele não parecia ter interesse em explicar.

Pensou que talvez Ryan estivesse certo o tempo todo.

Talvez eu não pertença ao FBI. Talvez ir para a academia tenha sido um erro enorme.

Lá no fundo, ela ainda não queria acreditar naquilo, mas precisava resolver algo. E a única coisa que esperava poder resolver naquela noite era ajustar as coisas com Ryan.

O que “ajustar as coisas” significava, Riley não sabia.

Tudo o que ela sabia era que a resposta do e-mail que enviara a ele em sua primeira noite em Quantico fora totalmente fria. Era difícil imaginar como exatamente as coisas estavam entre eles.

Ao chegar perto do prédio, viu que as luzes estavam acesas no apartamento.

Parou por um momento.

Ele está em casa, pensou.

Parte dela estava esperando que Ryan ainda estivesse no escritório, trabalhando até tarde. Isso a daria algum tempo sozinha no apartamento para pensar no que exatamente ela queria dizer a ele.

Porque eu não tenho certeza agora.

Riley pegou suas chaves e abriu a porta de fora do prédio. Então, desceu as escadas até o corredor do porão e chegou à porta de seu apartamento.

Ela pode ouvir um jazz tocando lá dentro. Imaginou que Ryan deveria estar sentado na mesa da cozinha, trabalhando em coisas que trouxera para casa.

Hesitou novamente e perguntou-se...

O que eu vou dizer?

Colocou o dedo em seu anel de noivado e considerou uma chegada ousada.

Ela tiraria o anel, o entregaria a Ryan e diria:

“Você que isso de volta? Porque é hora de decidir.”

Suspirou ao perceber que simplesmente não tinha coragem de fazer aquilo—e além disso, a iniciativa poderia ter resultados catastróficos.

Mas qualquer coisa que ela fizesse ou falasse poderia dar errado.

Então, percebeu...

Tenho que deixar acontecer.

Riley respirou fundo e tomou coragem.

Devo bater na porta?

Claro que não, é meu apartamento também.

Colocou sua chave na fechadura, virou e abriu a porta.

Então, deu um passo atrás ao ver aquela cena.

Deixou sua mochila cair no chão.

Ryan estava sentado no sofá, e uma jovem estava sentada ao lado dele.

Eles pareciam tão surpresos quanto Riley.

Ryan disse:

- Riley! Não esperava você em casa!

É óbvio, Riley pensou.

Mas ela não sabia o que dizer, então ficou apenas parada ali, olhando.

Havia papéis espalhados na mesa central, com anotações à mão e rascunhos.

Ryan saiu cambaleando do sofá, correndo em direção a Riley e tentando abraçá-la.

Ela não o abraçou.

A mulher também se levantou, e sorriu sem jeito para Riley. Assim como Ryan, ela estava de jeans e camiseta. Tinha cabelos curtos e um rosto atraente, além de usar óculos.

A mulher disse:

- Prazer em conhecê-la, Riley. Sou Briggite Carr, outra advogada iniciante na Parsons & Rittenhouse. Eu e Ryan temos trabalhado muito juntos.

Ryan estava com o rosto vermelho e claramente envergonhado, e obviamente Riley estava profundamente frustrada. Por outro lado, Brigitte parecia totalmente tranquila.

Sem que pudesse reagir, Riley estava apertando a mão da mulher.

Ryan disse:

- Hum—estou feliz em te ver. Por que você veio para casa?

Riley sentiu toda a esperança de ajustar as coisas com Ryan indo embora.

Vai ser impossível isso acontecer agora.

Riley gaguejou:

- Eu—eu percebi que... esqueci de levar umas coisas. Voltei para pegar.

Ela correu para o quarto e fechou a porta. Percebeu que estava com a respiração afobada e tentou se controlar.

O que está acontecendo aqui? Perguntou-se.

Olhou em volta no quarto, procurando por sinais de que Ryan e Brigitte poderiam estar dormindo juntos. A cama estava desarrumada, o que não era uma surpresa. Ryan raramente a arrumava. Ela não viu nenhuma roupa suspeita...

Seria possível que Brigitte realmente estava ali só para trabalhar com Ryan?

Sem entender muito bem porque, ela murmurou para si mesma...

Importa “porque” ela está aqui?

De certa maneira, Riley sentiu que a presença da mulher não poderia ser algo bom—nem mesmo se a visita fosse totalmente inocente.

A porta do quarto se abriu e Ryan entrou.

Com a voz agitada, ele perguntou:

- Riley, o que está acontecendo?

Riley respondeu:

- Eu estava me perguntando o mesmo.

Ryan disse:

- Não é nada do que você está obviamente pensando. Eu e Brigitte trabalhamos muito próximos, e estamos com muito trabalho. Precisávamos trabalhar até tarde e decidimos fazer isso aqui. É isso o que está acontecendo. De verdade.

Riley olhou nos olhos dele, tentando determinar se ele estava falando a verdade.

Sentiu um arrepio estranho ao perceber...

Não sei dizer.

Não era a primeira vez em que seus instintos a deixavam na mão naquele dia. Mas, dessa vez, ela sentiu-se pior do que quando não conseguiu se conectar ao assassino na cena do crime em West Virginia. Se ela não conseguia saber nem se seu noivo estava mentindo, que tipo de Agente do FBI ela esperava ser? Ela disse:

- Olhe, eu vim aqui para conversar, para descobrir como as coisas estavam entre nós. Obviamente não cheguei em boa hora.

Ryan respondeu:

- Não, não mesmo. Você está certa, nós *precisamos* conversar, mas...

Ele encolheu os ombros e ficou em silêncio.

Ela mal conseguiu ouvir ele dizendo:

- Não agora.

- Eu pensei... – Riley começou.

Mas então, percebeu que não sabia exatamente o que havia pensado. Ela havia acreditado que tudo voltaria ao normal entre eles?

Ryan disse:

- Nos dê só um tempo para terminar. Então eu e você podemos sentar e conversar.

Uma tempestade de sentimentos tomou conta de Riley. Ela não conseguia entender porque estava triste, mas sabia que não podia ficar ali mais nenhum segundo.

- Estou indo agora – ela disse, com o máximo de dignidade que pode. – Vamos conversar em breve.

Ela saiu do quarto e seguiu para a sala, na direção da porta.

Brigitte ainda estava ali, folheando os papeis. Ela olhou para Riley por cima de seus óculos.

- Você já vai? – Brigitte perguntou.

- Sim, preciso ir – Riley disse, quase sem ar.

- Prazer em te conhecer – Brigitte disse, feliz.

Riley pegou sua mochila e saiu do apartamento.

Sentindo-se perdida e atordoada, ela seguiu para a estação de metrô e pegou o primeiro trem para a Union Station. Ao se sentar, Riley não conseguia entender o que havia acabado de acontecer, o que havia acabado de ver.

E principalmente, por que ela estava tão triste com aquilo?

Ryan e aquela mulher estavam dormindo juntos? Ou...

- Pare com isso – ela disse a si mesma em voz alta.

Por fim, uma verdade inconveniente surgiu em sua mente.

Não importava se Ryan estava tendo um caso com alguém. De certa forma, seria até melhor se ele estivesse.

O que importava era que ele estava passando a noite com alguém que tinha os mesmos interesses e objetivos dele...

No nosso apartamento.

Eles estavam conversando sobre coisas das quais Riley não sabia nada.

E Ryan certamente não sabia e nem se importava com nada da vida de Riley.

A lição dos últimos dias finalmente pareceu ficar clara...

Nós não temos nada em comum.

Não havia nem assunto entre eles.

Quando o metrô começou a andar, Riley olhou novamente para seu anel e pensou...

Eu deveria ter devolvido.

Mas ela não poderia parar o trem e voltar ao apartamento para fazer aquilo.

Talvez eu diga isso para ele por e-mail ou algo assim.

Ou talvez ela pudesse entregar o anel a ele quando voltasse para pegar suas coisas—seja quando fosse.

Naquele momento, o futuro de Riley parecia ser um buraco negro, que não levava a lugar nenhum.

CAPÍTULO DEZOITO

Jake sentiu um surto de adrenalina ao se jogar para trás de seu carro e sacar sua própria arma. O tiro havia vindo da cabana.

Agora, a luz forte de uma lanterna estava vindo da porta, procurando por ele.

No que eu me meti? Jake imaginou.

Pensou que pudesse ter chegado à cabana errada com as direções dadas. Ou talvez os caras do bar tivessem o mandado para aquele lugar perigoso de propósito. Aquilo poderia ser o esconderijo de algum traficante ou de outro tipo de criminoso?

Porque se fosse o pai de Riley, por que ele seria tão hostil?

A voz grossa surgiu da cabana novamente:

- Vou perguntar mais uma vez antes de explodir sua cabeça—quem é você?

- Meu nome é Jake Crivaro – ele disse, e hesitou antes de continuar... – Sou um Agente Especial do FBI.

O homem respondeu:

- FBI? Bom, com certeza você está procurando o cara errado, então.

- Não estou aqui para te prender – Jake gritou. – Não estou aqui pelo FBI. Você é Oliver Sweeney?

Jake ouviu uma risada alta vindo da porta.

- É *Capitão* Oliver Sweeney, para você—aposentado da Marinha Americana, veterano de guerra, e se você perguntar por aí, vai saber que sou meio antissocial. Agora saia daqui. Eu dei o primeiro tiro para cima. Essa é uma espingarda Browning Citori, eu tenho outro cartucho cheio e estou com uma coceira no dedo querendo apertar esse gatilho dourado. Não vou errar da próxima vez.

Jake respondeu:

- Como falei, essa é só uma visita amigável.

- Eu não estou afim de visita nenhuma – o homem respondeu.

A luz da lanterna encontrou os pés de Jake. Mesmo atrás do carro, ele sabia que Sweeney podia vê-lo. Se saísse dali, ele seria um alvo fácil.

Não é uma boa ideia, pensou.

Seria melhor sair dali antes que as coisas perdessem o controle.

- Ok, tudo bem, não estou aqui para arranjar problemas – Jake disse, guardando sua arma. – Vou levantar devagar com minhas mãos para o alto, então não atire.

Jake levantou-se com as mãos para o alto e caminhou até a porta do carro. Ele acrescentou:

- Vou entrar no carro e ir embora. Tenha uma boa noite, ok? Desculpe por incomodar.

Quando Jake colocou a mão na maçaneta do carro, Sweeney disse:

- Espere aí. Você não me disse para que veio.

Forçando a vista através da luz da lanterna, Jake pode ver que Sweeney havia baixado sua arma. Ele disse:

- Pensei que pudéssemos conversar sobre sua filha, Riley.

Sweeney riu de um jeito grosseiro.

- Sobre o que? – Ele disse. – Você quer pedir ela em casamento? Você é meio velho para ela—não que eu ligue. Ela pode casar com quem quiser, se depender de mim.

Com as mãos ainda para cima, Jake começou a caminhar cautelosamente em direção à cabana.

- Não sou desses – ele disse. – Sou uma espécie de mentor dela, poderíamos dizer. Ela está treinando para se tornar uma agente do FBI, caso você não saiba.

- Não, eu não sabia – Sweeney disse. – Na última vez que soube dela, ela ainda estava na universidade, em Lanton. Um das amigas delas foram mortas por um psicopata. Ela veio aqui e me contou, e eu ensinei Krav Maga para que ela pudesse se defender. Eu soube que o assassino foi pego.

- Ela foi a principal responsável por pegar o assassino – Crivaro disse.

Nessa hora, Jake estava em frente a Sweeney. Ele viu que o capitão aposentado tinha um corpo musculoso, que ainda mantinha seu porte militar. Crivaro notou um lampejo de orgulho naquele rosto envelhecido.

- Não diga – Sweeney disse. – Entre, sente e descanse um minuto.

Jake seguiu Sweeney para dentro da cabana, que tinha apenas um quarto iluminado por lanternas a gás. Ele sentou-se em uma cadeira desconfortável. Sweeney pegou uma garrafa e dois copos de um armário. Ele disse:

- Não tenho nada para tomar além dessa cidra fresca. Pego minhas próprias maçãs em um pomar que fica mais ali no alto.

- Tudo bem – Jake disse, pegando o copo que Sweeney o entregou.

Ele tomou um gole da cidra e foi surpreendido pelo gosto.

Cidra forte.

Jake percebeu que deveria ir devagar se quisesse fazer o caminho de volta sem problemas.

Sweeney pegou outra cadeira e sentou em frente ao Agente. Sob a luz da lamparina, Jake pode ver que o homem se parecia muito com Riley. Sweeney disse:

- Então, o que ela fez? Saiu da faculdade? Se sim, fico feliz. Um diploma de psicologia—para que isso serve?

Jake quase começou a contar que Riley não havia saído de Lanton—que ela havia se formado alguns meses antes. Mas então, lembrou-se...

Ele não estava na formatura dela.

Até onde Jake sabia, Riley não havia sequer o convidado. Ele disse:

- Sua filha tem habilidades naturais incríveis. Eu percebi isso quando ela me ajudou a pegar o assassino. Ela tem instintos raros, e eu quero ajudá-la a desenvolver isso. Veja só...

Jake estava prestes a explicar a habilidade de Riley de entrar na mente de um criminoso quando Sweeney interrompeu.

- Eu sei. Ela é uma caçadora. Como eu. Eu criei ela assim.

Jake ficou em silêncio. Ele não sabia o que dizer.

Sweeney tomou um gole de cidra, e então disse:

- Me conte, Crivaro. Você tem filhos?

Jake mexeu-se em sua cadeira, um pouco desconfortável. Ele disse:

- Ah, sim—um garoto chamado Tyson, tem mais ou menos a idade da Riley.

- Que tipo de relação você tem com Tyson? – Sweeney perguntou.

O desconforto de Jake cresceu. Sweeney havia tocado em um assunto delicado. Crivaro não era próximo do filho, e já fazia meses que não tinha notícias deles.

- É uma boa relação – Jake disse.

Sweeney deu um leve sorriso, e Jake percebeu um brilho em seus olhos que estranhamente lembrava Riley.

- Nunca tente mentir para um caçador – Sweeney disse. – Temos esses instintos que você disse, e conseguimos ver dentro de você, sempre. Vamos lá. Me diga a verdade sobre você e seu garoto.

Sentindo-se envergonhado, Jake disse, devagar:

- A verdade é que, eu e Tyson... não nos damos muito bem.

Sweeney riu e respondeu:

- Que bom ouvir isso. Eu nunca confio em um homem cujos filhos não odeiam ele.

Jake sentiu-se mal. Tyson não o *odiava* exatamente. Mas Jake não queria seguir no assunto, e com certeza não queria discutir. Sweeney continuou:

- Tenho duas filhas que me odeiam. Eu não fiz de propósito para que elas me odiassem—ao menos não a mais velha, Wendy. Mas me odiar foi algo natural para ela, e eu não vi motivo para tentar fazer ela pensar diferente. Quando Riley nasceu, bem...

A voz de Sweeney sumiu, e havia uma expressão distante em seus olhos.

Jake sentiu-se quase como se Sweeney tivesse esquecido de que ele estava ali.

Em silêncio, Crivaro encontrou-se pensando sobre algo que havia descoberto sobre Riley quando vasculhara seu passado—algo que a própria Riley provavelmente não percebera que ele sabia.

Jake disse:

- A mãe de Riley foi morta quando ela era pequeninha, não?

Sweeney estremeceu instantaneamente.

Jake percebeu que aquele assunto era delicado para o homem.

- Karen foi assassinada em uma loja de doces – Sweeney disse, sussurrando. – Por um assaltante estúpido que desapareceu sem deixar traços e que provavelmente ainda está vivo. É assim que a justiça funciona nesse mundo, desculpe dizer.

Jake disse:

- E Riley estava lá quando isso aconteceu, não estava? Ela viu tudo acontecer.

Sweeney assentiu em silêncio.

Jake disse:

- Esse tipo de experiência... pode te perseguir a vida toda. Deixa cicatrizes.

Murmurando baixo, Sweeney disse:

- Sim, bem—eu não tenho muita pena dela.

Jake estremeceu com a dureza daquelas palavras.

- Ela só tinha seis anos – Jake disse. – Você está me dizendo que você culpa *ela* pelo que aconteceu?

Sweeney respondeu com uma rapidez surpreendente.

- É claro que eu culpo ela. Eu culpo todo mundo. Eu culpo o homem que

atirou. Eu culpo o vendedor da loja que ficou olhando. Eu culpo os tiras que não acharam o cara que fez isso. E eu *me* culpo.

Jake disse, devagar:

- Mas... você nem estava lá quando tudo aconteceu.

Sweeney olhou nos olhos de Jake, parecendo estranhamente mais parecido com Riley a cada segundo. Ele disse:

- Qual parte de *culpa* você não entende, Agente Crivaro? Eu me culpo pelo que aconteceu na guerra também, porque alguém precisa assumir essa culpa. Todos somos culpados—de algo, de tudo. E se não podemos aceitar e viver com isso, não merecemos viver. Eu acho que qualquer pessoa que não se culpe por algo é totalmente inútil. E se Riley ainda se sente culpada pelo que aconteceu com a mãe dela...

Sweeney respirou profundamente e baixou a cabeça.

- Bom, isso é bom para ela. Faz dela uma caçadora ainda melhor.

Jake estava de queixo caído, totalmente perplexo.

Sweeney tomou mais um gole de cidra, e então disse:

- Então, me diga—como ela está se saindo sob a sua... tutela?

Crivaro deu-se conta de que não tinha ideia de como responder aquela pergunta.

Ao invés de responder, Jake largou seu copo e disse:

- É melhor eu ir.

Quando levantou-se de sua cadeira, Sweeney riu e disse:

- Ela está indo tão mal assim, é?

Crivaro parou, olhando para aquele homem gigante por um momento.

Então, pensou em algo que poderia honestamente dizer sobre Riley:

- Ela é um diamante bruto que precisa ser lapidado.

Sorrindo, Sweeney disse:

- Bom, não esfregue demais. E não deixe ela perder essa dureza. Ela vai precisar disso.

- Obrigado pela cidra – Jake disse.

Quando Crivaro saiu pela porta, Sweeney o chamou:

- Crivaro—eu sei algo sobre você. Algo que talvez você não saiba sobre si mesmo.

Jake virou-se e olhou para ele. Sweeney disse:

- Você é um cara do bem.

Jake foi tomado por uma onda de perplexidade. Ele sentiu que deveria devolver o elogio, ou pelo menos agradecer Sweeney.

Mas nenhuma das duas opções parecia possível no momento.

Sweeney acrescentou, falando baixo:

- Fique ao lado da minha filha. Ela precisa de você. Você pode fazer muito bem para ela. Você é muito melhor para ela do que eu sempre pude ser.

Jake assentiu, voltou para o carro e ligou o motor. Ao voltar pela estrada tortuosa que levava à rodovia de cascalho de volta a Milladore, deu-se conta de que estava muito tocado com a conversa que acabara de ter.

Lembrou-se das palavras de Sweeney...

“Você é um cara do bem.”

Jake estremeceu um pouco ao se perguntar—o que aquilo significava, vindo de um homem como Oliver Sweeney?

Repetiu as palavras de Sweeney em sua mente...

“Eu acho que qualquer pessoa que não se culpe por algo é totalmente inútil.”

Jake de repente se deu conta.

Sou eu.

Ele me viu por dentro.

Mesmo tentando negar aquilo para si mesmo, Jake era perseguido por suas falhas—suas falhas como pai, marido, colega e amigo. Até onde sabia, ele não havia se dado muito bem em nenhum daqueles papéis. Sobre sua carreira de Agente do FBI, ele havia pegado muitos assassinos, mas falhara em encontrar tantos outros. Sempre que um inocente morria nas mãos de um assassino, ele não conseguia deixar de se culpar.

Jake encolheu os ombros ao pensar que ele e Sweeney eram realmente muito parecidos.

Mas Sweeney não era um tipo de monstro?

Talvez, Jake pensou.

Mesmo assim, ele havia ajudado Riley Sweeney a se tornar o que ela era...

E aquilo não era nada ruim.

Também lembrou-se de Sweeney dizendo...

“Fique ao lado da minha filha. Ela precisa de você. Você pode fazer muito bem para ela. Você é muito melhor para ela do que eu sempre pude ser.”

Aquilo parecera uma ordem. Vindo de um militar como Sweeney, aquelas palavras tinham muita força.

E, de repente, desistir de Riley Sweeney deixou de ser uma opção.

Além disso, Jake percebeu que, até então, tendera a subestimar Riley. Ela tinha sobrevivido a uma vida com aquele homem duro—e havia saído dela muito melhor. Seria preciso muito para derrubá-la, se isso fosse possível. E uma jovem assim merecia toda a ajuda possível.

Jake sorriu e lembrou-se do que ele mesmo havia dito sobre Riley.

“Ela é um diamante bruto que precisa ser lapidado.”

Ele pensou...

Talvez não tão bruto.

Ela tinha muito mais habilidades e resiliência do que seria normal em sua idade.

Então, Jake voltou a pensar no trabalho. Havia um caso de assassinato para resolver em West Virginia.

Havia um assassino à solta—e ele poderia voltar a agir a qualquer minuto.

Se já não tivesse agido.

CAPÍTULO DEZENOVE

O homem abaixou-se entre alguns arbustos nos limites do parque. Era noite e nenhum transeunte seria capaz de vê-lo ali. Aquele era um bom lugar para assistir e esperar.

De seu esconderijo, ele tinha uma visão clara da Wynnewood Community College, do outro lado da rua. Pela janela, podia ver uma mulher ensinando seus alunos, que pareciam entusiasmados.

Ela será a próxima, pensou.

A professora ainda não sabia, mas havia selado seu próprio destino naquela tarde. Quando havia saído de seu carro e cruzado a rua carregando uma pilha de livros, quase tinha esbarrado nele.

Ela havia congelado por um momento ao ver o rosto machucado dele.

Ficara vermelha de vergonha, e dissera:

“Oh, me desculpe.”

Então, apressara-se em direção ao prédio da faculdade, onde um grupo de alunos esperava por ela na entrada. Quando os alcançou, os alunos tinham olhado na direção dele, aparentemente dizendo algo sobre o pequeno acidente. A professora havia balançado a cabeça, sem dizer nada, como se tentasse fingir que nada acontecera. Então, ela havia levado o grupo para dentro do prédio.

Conheço o tipo dela, ele pensou.

Ela se via como uma pessoa totalmente sensível e compassiva. Não gostava de pensar em si mesma como alguém que julgava pessoas pela aparência. E por isso tinha ficado vermelha de vergonha quando flagrara a si mesma olhando para ele. A aparência dele havia a assustado— irracionalmente, mas naturalmente. E ela não tinha como deixar de se culpar.

Estúpida, ele pensou.

Ela não sabia que todo mundo julgava todo mundo, especialmente pela aparência?

A natureza humana era assim.

Ele não ligava especialmente quando crianças apontavam para ele rindo, e às vezes o chamavam por vários nomes...

“Cara de lua! Cara de lua!”

Eles estavam sendo cruéis, é claro, mas estavam agindo conforme suas naturezas.

Mas quando cresciam, aprendiam hipocrisia e falsidade.

Tentavam engolir a maldade, fingirem ser pessoas melhores do que eram, mentir para si mesmas...

Paravam de ser crianças, ele pensou.

Aquilo o irritava. Aquela mulher o irritava de um jeito que nenhuma outra mulher fizera. Não que a raiva tivesse algo a ver com o que ele planejava fazer naquela noite. Seria tudo por prazer, não raiva. Seria sobre aliviar a dor que ele carregava dentro de si por tantos anos.

Ela estivera no prédio da faculdade desde muito antes do pôr do sol, e não havia saído nenhuma vez.

Devota ao trabalho, ele pensou.

Apesar da raiva que sentia, ele a admirava por aquilo.

Aquela era a terceira aula que ele a assistia lecionar, e mesmo assim ele ainda não tinha ideia do que ela ensinava. Estava muito longe para ver exatamente o que ela estava escrevendo no quadro.

Mas a janela da sala estava aberta, e agora que tudo estava quieto em Wynnewood, ele podia ouvir a voz da mulher do lugar onde estava escondido.

Ele não conseguia entender as palavras, mas podia ouvir uma voz gentil, leve, feliz. Sua voz parecia fazer seus alunos sorrirem para ela.

Ele perguntou-se...

Como será a voz dela quando tudo acontecer?

Ele não percebera muitas mudanças na voz de Alice, de qualquer maneira. Fora irreverente e chorosa quando ele se aproximara, e não havia mudado quando ela tinha acordado da sedação com clorofórmio e percebido que estava envolta em arame farpado.

Mas a outra mulher havia sido diferente. Sua voz se tornara tímida, infantil e até doce quando ela tinha acordado do clorofórmio e percebido o que estava acontecendo.

Aquela mulher ainda teria aquela voz suave quando o tormento começasse?

Ele esperava que sim.

Seria decepcionante se a música que ele ouvia na voz dela se tornasse tons estridentes.

Claro, tudo dependia de como as coisas se saíam naquela noite. Na

verdade, ele não tinha certeza de como faria o rapto dessa vez. Quando a aula terminasse, como ele a pegaria sozinha antes que ela chegasse ao carro?

Talvez hoje não seja a hora certa, pensou.

Talvez ele precisasse passar mais um ou dois dias espionando, procurando algum padrão nos comportamentos dela para encontrar uma oportunidade melhor.

Olhou para seu relógio e viu que a aula estava prestes a terminar. Mas tanto ela quanto os estudantes estavam conversando animados sobre seja qual fosse o assunto da aula.

Quanto tempo isso vai durar?

Disse a si mesmo para ser paciente.

Como uma aranha.

Ele passara várias horas assistindo como aranhas capturavam e devoravam suas presas. Era fascinado pela maneira como as aranhas usavam suas teias como um tipo de extensão de seus sistema nervoso, percebendo o momento em que um inseto ficava preso ali, e então se movendo e injetando o veneno...

Bem como o meu clorofórmio.

...finalmente, elas envolviam as presas nos fios de seda—como muito jeito, ele pensou—para que fossem comidas para o prazer da aranha.

Ele sorriu ao lembrar daquilo...

Como a natureza é sábia.

Ele fazia o melhor para ser como uma aranha.

E ainda assim...

Algo o incomodava sobre como as duas últimas aventuras haviam terminado. Depois de envolver as mulheres no arame farpado, deliciando-se com o terror e dor delas, ele saía por um tempo. E quando voltava e as encontrava mortas, cheias de sangue, o que sentia?

Nada.

Somente uma dormência vazia.

Os pacotes eram quase como sacos de roupa. Por isso ele não se importava em mantê-los. Sempre colocava aqueles casulos espinhosos no lençol, carregava até seu carro, transportava até o poste e pendurava para que alguém encontrasse.

Dormência.

Com certeza nenhuma aranha sentia aquilo depois de enrolar suas próprias presas tão bem. Às vezes, assistindo a uma aranha finalizar seu

trabalho, ele parecia sentir a plenitude, satisfação e realização irradiando daquele sistema nervoso aranha-teia.

Ele também sentira aquela satisfação, muito tempo atrás, quando pegara sua primeira vítima. Na verdade, aquela satisfação havia durado por anos, e ele tinha guardado aquele pacote como um troféu—não, mais do que um troféu, como um santuário, onde poderia reviver a euforia vivia na época, deleitando-se com sua própria glória.

Mas, de repente, o santuário havia perdido sua mágica. Ele não sabia porque, mas não tinha mais aquela mesma sensação. Por isso, havia ido atrás de novas vítimas—na esperança de criar um santuário novo e vital.

Era uma pena que isso ainda não havia acontecido...

Mas talvez dessa vez vá ser diferente.

Se fosse, a mulher seria sua última vítima—quem sabe para sempre.

Abaixado ali, pensando e refletindo, ele finalmente viu os alunos levantando de suas carteiras, e a professora começando a juntar seus livros e papeis para colocar em sua bolsa.

Ele deu um suspiro de alívio.

Até que enfim, a aula havia acabado.

Os alunos saíram da sala, e a professora apagou a luz e saiu depois deles. Por alguns momentos, o prédio inteiro ficou escuro. Então, a porta da frente se abriu e os alunos apareceram, ainda em volta da professora, conversando com ela sobre os estudos do dia.

Ele se decepcionou ao se dar conta...

Não vou poder pegar ela sozinha.

Os alunos iriam com ela até o carro.

Quantos dias ele precisaria passar observando-a para encontrar uma oportunidade?

A professora entrou no carro, e os alunos acenaram quando ela saiu. Então, eles viraram-se e saíram, provavelmente em direção a um bar. Nesse momento, a professora estava dirigindo devagar, na direção dele.

Ele sentiu um surto de excitação vindo de dentro...

Eu posso pará-la!

Mas não havia tempo a perder.

Pegou sua bolsa de couro e uma garrafa de clorofórmio caseiro, encharcando um pano nele.

Depois, quando o carro virou a curva em sua direção, deu passo à frente do veículo.

Os pneus cantaram quando a mulher pisou no freio com força—mas não com rapidez suficiente para impedi-la de bater nele.

Perfeito, ele pensou.

Ele não havia se machucado, mas a mulher não sabia disso.

Ela saiu do carro gritando, assustada.

- Meu Deus! Desculpe! Eu não te vi! Você está bem?

Ele balançou a perna um pouco e disse:

- Não sei... Acho que sim.

Enquanto a professora vinha em sua direção, ele pode ver a expressão de culpa dela ao reconhecê-lo. Mais uma vez, ela escondeu rapidamente sua aversão.

- Vou levar você para o hospital – ela disse.

- Não, acho que não preciso – ele disse, mancando um pouco. – Mas quem sabe você pode ir comigo até o meu carro, só para ter certeza que está tudo bem.

- Claro, por favor – ela disse.

Segurando o pano em uma mão, ele colocou a outra no ombro dela, fingindo uma necessidade de ajuda.

Perfeito, pensou novamente.

Essa vez será muito melhor do que as outras.

CAPÍTULO VINTE

Riley escutou a voz de uma mulher, mas não conseguiu entender as palavras que ecoavam estranhamente a seu redor.

Quem será? Perguntou-se. O que ela quer?

Fosse quem fosse, ela parecia ter algo importante para dizer diretamente a ela.

Riley quase perguntou em voz alta...

“Seja mais clara, não consigo te entender.”

Mas ela estava muito grogue para falar e sem forças para se mover. Sentia dores no corpo todo, e sua cabeça estava inclinada para trás, encostada em algo duro.

Ela abriu os olhos e viu um teto ornamentado, muito acima de sua cabeça.

A estação de trem, percebeu.

Ela estava sentada em um banco na Union Station, em Washington, com sua mochila e mala de mão no colo. A voz da mulher que estava escutando eram os anúncios sobre saídas e chegadas dos trens.

Mas ela não conseguia lembrar o que estava fazendo ali.

Talvez seja só um sonho, pensou.

Então, tudo o que tinha acontecido na noite anterior veio à sua mente. Ela havia chegado ao apartamento e visto Ryan com uma desconhecida—se uma amiga, colega ou amante, ela não sabia.

Talvez tudo isso, pensou. De qualquer maneira, eles pareciam muito confortáveis juntos.

Rapidamente, ela havia saído do apartamento e pego o metrô até a Union Station. Mas já era muito tarde para pegar trens para Quantico, então ela havia pegado no sono sentada no banco.

Olhou seu relógio e viu que já era de manhã.

Bom, pelo menos dormi bastante, pensou.

O salão principal da estação estava despertando com anúncios barulhentos e pessoas apressadas por todos os lados. Riley olhou em volta até encontrar uma tela com a programação dos trens. Ela ainda tinha cerca de vinte e cinco minutos antes do próximo trem para Quantico.

Mas havia razão para voltar para a Academia? Mesmo depois de sua ausência no dia anterior, ela não havia perdido muitas atividades. Mesmo assim, as coisas estavam indo muito mal, e ela se sentia totalmente sem esperança.

Mas para onde eu vou? Pensou.

Olhou para o celular e viu que Ryan não havia tentado ligar. Voltar ao apartamento não parecia uma opção. Ela poderia pegar o trem para Quantico e tentar mais uma vez. Se tudo desse errado, decidiria o que fazer com sua vida.

Riley estava com fome. Ela levantou-se sentindo dores e seguiu para a praça de alimentação, onde comprou café e queijo dinamarquês. O noticiário estava sendo mostrando em uma grande tela.

Ela viu alguns repórteres rodeando um senhor grisalho, com aparência distinta. Um dos repórteres estava falando para a câmera...

“Estamos aqui com o senador de West Virginia, Warren Gardner, no lado de fora da Igreja da Família da Graça, aqui em Washington.”

O nome chamou a atenção de Riley.

Onde eu ouvi esse nome esses dias?

Então, ela se lembrou—fora na estação policial de Dighton.

Escutou mais de perto o repórter, que segurava um microfone ao lado do senador Gardner.

- Senador, é verdade que você vai anunciar aqui nessa igreja que você vai lançar um novo projeto de lei?

O senador sorriu e disse:

- Quem sabe, não é? Espere e veja. Não vai demorar.

Ignorando o resto das perguntas dos outros repórteres, o senador e seus vários seguranças entraram na igreja, seguidos por alguns repórteres e cinegrafistas.

O repórter falou para a câmera novamente.

“Rumores dizem que o senador vai anunciar o lançamento de um projeto de lei para requerer o ensinamento dos Dez Mandamentos nas escolas públicas dos Estados Unidos.

O âncora do jornal perguntou:

“Mas essa lei não vai nascer morta? Com certeza isso nunca vai passar pelos comitês, muito menos ser aprovada no senado.”

O repórter disse:

“É isso o que minhas fontes me dizem. Pode ser que o senador esteja

fazendo isso apenas para ganhar pontos com sua base.”

Enquanto o apresentador e o repórter seguiram falando, Riley lembrou-se do que havia escutado na estação policial. Quando ela e o Agente Crivaro se aproximaram do escritório, eles haviam ouvido o comandante dizer ao prefeito...

“Eu esperava que o Senador Gardner tivesse vindo à cerimônia para Hope ontem.”

E o prefeito havia respondido:

“Não pense nisso. E não fale sobre isso. Você sabe muito bem.”

Também se lembrou das expressões ansiosas do prefeito e do comandante quando ela e o Agente Crivaro haviam entrado no escritório, fazendo com que eles percebessem que estavam sendo ouvidos. O comportamento deles fora muito suspeito naquela hora.

Novamente, Riley imaginou que deveria haver alguma razão especial pela qual um senador dos Estados Unidos fosse aguardado em um funeral em uma pequena cidade em West Virginia. Ele teria algo a ver com o caso?

Crivaro não parecia achar que sim.

“Deixa essa porra para lá, Riley.”

Mas ela conseguiria deixar?

Agora que havia lembrado do caso, Riley percebeu o quão chateada estava com a atitude de Crivaro.

Talvez eu possa fazer algo, enfim, pensou.

Mas ela sabia que precisava se apressar. Deixou o restante do queijo e do café na mesa e saiu correndo da estação. Lá fora, pegou o primeiro táxi que encontrou.

*

Alguns minutos depois, o táxi deixou Riley em frente à Igreja da Família da Graça. A entrada frontal ainda estava rodeada de repórteres, e havia muitos curiosos por lá também.

Ao que pareceu, Riley havia chegado a tempo. A porta da frente se abriu, e o senador saiu, rodeado por seus seguranças. Havia repórteres em volta dele, fazendo dezenas de perguntas ao mesmo tempo.

Com um sorriso no rosto, o senador acenava para que os repórteres se afastassem.

Ele disse:

- Acho que todo mundo me ouviu muito bem. É hora de colocar Deus de novo na sala de aula. Vou fazer com que o Congresso aprove isso. Vou para o Capitólio agora mesmo para introduzir formalmente meu projeto de lei no Senado. Agora, me desculpem, mas preciso ir.

Os repórteres e curiosos não pareciam querer se dispersar. Eles estavam em volta do senador, perguntando se ele achava que aquela lei era constitucional, se passaria no Congresso, ou se era só algo para alegrar seus eleitores.

Riley sabia que precisava se aproximar dele se quisesse descobrir porque havia ouvido seu nome na estação policial.

Como ela poderia fazer aquele homem responder suas perguntas?

Misture-se no grupo, decidiu.

Ela pegou seu caderno e uma caneta e correu até a multidão, ficando muito perto do senador.

Segurando seu caderno, disse...

- Senador, você tem algo a dizer sobre o recente assassinato de Hope Nelson em Dighton, West Virginia?

O senador parou de caminhar de repente.

Ele olhou para Riley com uma expressão assustada.

- O que você disse? – Ele perguntou.

Riley assustou-se. Ela sabia que tinha tocado, de alguma maneira, em um assunto perigoso. Então, disse:

- Uma apoiadora sua chamada Hope Nelson foi morta no sábado. Você tem algo para dizer sobre isso?

Por um instante, Riley pensou ter visto um traço de pânico nos olhos do senador.

Ele parecia estar tentando encontrar as palavras. Por fim, disse:

- É uma tragédia, com certeza. A criminalidade está completamente fora de controle nesse país. Estamos pegando muito leve com os criminosos.

Riley moveu-se para chegar exatamente em frente ao senador Gardner e disse:

- E sobre o assassinato de Alice Gibson há uma semana em Hyland?

Os olhos de Gardner pareciam com raiva agora.

- Outra tragédia.

Riley teve a sensação de estar descobrindo algo. Estava determinada a não desistir. Ela disse ao senador:

- Você tem alguma conexão pessoal com alguma das vítimas?

Os repórteres que rodeavam Riley e o senador pareceram de repente intrigados com as perguntas. Eles agiam como se já soubessem dos dois assassinatos em West Virginia. Mas, aparentemente, aquela era a primeira vez que alguém sugeria uma ligação entre Gardner e as vítimas. A reação defensiva de Gardner chamou a atenção de todos.

Claramente, Riley havia despertado a curiosidade deles.

- Você deveria responder a pergunta dela – um repórter disse.

- O que você sabe sobre esses assassinatos? – Outro gritou.

- O que você não quer nos contar? – Um terceiro disse.

O senador encolheu-se por um momento em meio a seus seguranças.

Então, um deles aproximou-se de Riley.

- O senador gostaria de falar com você – o homem disse.

Antes que Riley percebesse o que estava acontecendo, ele pegou um dos braços dela e a puxou para longe do grupo de repórteres.

Outro segurança correu e segurou o outro braço dela. Eles quase tiraram os pés de Riley do chão ao arrastá-la para longe da multidão.

Riley estava muito surpresa para protestar. Ela pode ouvir o senador dizendo aos repórteres que tinha prometido uma entrevista a Riley e que cumpriria a promessa naquele momento. Disse também que faria uma coletiva de imprensa mais tarde, ainda naquele dia.

Os dois homens colocaram Riley nos fundos de uma limusine.

Cada um sentou-se de um lado dela.

O senador e os outros seguranças juntaram-se a eles no espaçoso veículo.

Em poucos segundos, Riley encontrou-se encarando o senador frente a frente.

O motorista da limusine afastou o carro da multidão e saiu pela estrada.

A mente de Riley estava surpresa e assustada.

Onde foi que eu me meti? Ela se perguntou.

CAPÍTULO VINTE E UM

Enquanto a limusine continuou seu caminho, Riley lutou contra o medo que ameaçava tomar conta dela. Tentou convencer a si mesma de que não estava correndo risco de vida—pelo menos não como quando estivera prestes a ser atingida pelo Palhaço Assassino com uma dose fatal de anfetamina.

É diferente, pensou.

Com certeza, nem o senador nem os seguranças pretendiam matá-la.

Aquela ideia era ridícula. Afinal de contas...

Ele é um senador dos Estados Unidos—não um criminoso qualquer.

Mas por que ele estaria agindo assim? O que ele queria com ela?

Não era nada bom ver o senador Gardner, sentado em frente a ela, franzindo a testa, enfurecido. Ele disse:

- Para quem você trabalha?

Riley gaguejou, confusa e com medo.

- Eu—eu não trabalho para ninguém.

- Então você não é repórter? – Gardner disse.

Riley arrependeu-se de seu erro. Ela deveria ter mentido. Deveria ter tentado blefar, inventando alguma rede de comunicação para quem trabalhava. Mas já era tarde. Fora estúpido da parte dela não se preparar antes de se aproximar dele.

Na verdade, tudo isso aqui é uma estupidez.

Apontando para a mala de mão de Riley, o senador Gardner olhou para os seguranças que estavam ao lado dela.

Obedecendo o comando silencioso, um dos seguranças pegou a mala e mexeu até encontrar a carteira. Rapidamente, ele encontrou o documento da Academia do FBI e mostrou a Gardner.

Gardner forçou os olhos para ler o cartão e disse:

- FBI?

O segurança disse:

- De acordo com esse documento, o nome dela é Riley Sweeney. É uma agente em treinamento, senhor. Na Academia de Quantico.

Os olhos de Gardner arregalaram-se em direção a Riley.

- Não faz sentido – ele disse.

Riley arrepiou-se.

Isso não é nada bom, pensou.

- É verdade, senhor – ela disse com a voz trêmula. – Eu entrei na Academia essa semana.

Gardner a olhou em silêncio pelo que pareceu ser um bom tempo. Então, ele disse:

- Me diga tudo o que você sabe.

Riley sentiu-se tomada de perplexidade.

Ela queria perguntar...

Tudo o que eu sei sobre o que?

De fato, ela não sabia nada—apenas que tinha ouvido o nome do senador na estação de Dighton. Ela deveria contar isso a ele? Não. De alguma maneira, ela suspeitava que aquilo traria ainda mais problemas.

Riley disse:

- Desculpe, senhor, mas eu não sei nada.

Gardner apontou o dedo para ela e disse:

- Você está mentindo. Por que você me fez aquelas perguntas?

Riley forçou sua mente, tentando pensar em uma desculpa plausível. Ela disse:

- Eu estava curiosa. Ouvi sobre os dois assassinatos, e já que você é senador de West Virginia, queria saber... como você se sentia sobre tudo isso.

- Não acredito em você – Gardner disse.

Riley segurou um suspiro de desespero.

Claro que ele não acredita em mim.

Nem eu acreditaria em mim.

Mas dadas as circunstâncias, ela não ousou fazer as perguntas que realmente queria—por exemplo, se o senador tinha algo a ver com os dois assassinatos.

Sabia que era melhor ficar de boca fechada.

Se você quer sair dessa a salvo.

Gardner franziu o rosto ao dizer:

- Erik Lehl colocou você nessa, não foi?

Riley tentou pensar... onde ela havia escutado aquele nome antes?

Pensou que, talvez, tivesse ouvido o Agente Crivaro mencionar Erik Lehl uma vez ou outra.

Talvez ele seja o chefe do Crivaro.

Ela disse:

- Não conheço ninguém chamado Erik Lehl.

Pelo menos isso é verdade, pensou.

Gardner virou a cabeça e mandou o motorista da limusine estacionar.

Quando o carro parou, ele mandou um dos seguranças abrir a porta.

- Saia – ele disse para Riley. – Mas de agora em diante, guarde suas perguntas para você. E isso não vai ficar assim.

Riley respirou aliviada ao sair da limusine e ver o veículo seguindo na rua.

O mundo inteiro parecia estar se mexendo enquanto ela estava na esquina, tentando entender o que havia acabado de acontecer. Tudo o que ela sabia era que havia se metido em algo assustador e perigoso—algo com o qual ela não deveria tentar lidar sozinha.

Seria bom ligar para Crivaro e contar a ele o que acontecera?

De alguma maneira, aquela não parecia uma boa ideia.

Talvez, aquilo só traria problemas para Crivaro também.

Riley olhou em volta e percebeu que a limusine havia lhe deixado perto da Union Station. Imaginou que talvez o melhor a fazer fosse pegar o próximo trem para Quantico, para tentar voltar ao programa e esquecer todo aquele estranho e assustador incidente.

Mas ao caminhar até a estação, as palavras do senador voltaram a sua mente...

“Isso não vai ficar assim.”

*

Jake estava tomando café da manhã em um restaurante em Dighton com sua equipe de peritos, discutindo o pequeno progresso do caso. De repente, seu celular tocou. Ele sentiu uma ponta de preocupação quando viu que a ligação vinha do Agente Especial em Comando Erik Lehl.

Provavelmente não é coisa boa, pensou.

Quando Jake atendeu, Lehl disse:

- Crivaro, que porra você fez?

Jake ficou assustado com a raiva que pode ouvir na normalmente reticente voz do homem.

Ele gaguejou.

- Senhor, eu—eu não entendi.

Lehl continuou:

- Pensei que tinha sido claro quando conversamos na minha sala. O que eu lhe contei sobre o senador Gardner não poderia sair de lá.

A perplexidade tomou conta de Jake.

- Senhor, eu juro que não falei sobre isso com ninguém.

- Não é o que o Gardner me disse. Ele acabou de me ligar. Ele disse que aquela protegida sua, Riley Sweeney, o questionou em público sobre isso hoje em Washington. Então eu falei com a Academia e descobri que ela não aparece lá desde ontem de manhã. Eles me disseram que você tirou ela das aulas e que ela estava trabalhando com você em West Virginia. Você falou para ela. De que outro jeito ela teria descoberto?

Jake segurou um suspiro.

Ele estava começando a entender pelo menos parte do que acontecera. Começou a responder:

- Senhor, deixe-me tentar explicar...

Lehl interrompeu:

- Ah, você vai explicar, claro. Mas não pelo telefone. Quero ouvir de você cara a cara. Um helicóptero está a caminho para te buscar. Eu espero você na minha sala o quanto antes—e é melhor você trazer aquela garota com você. Quero falar com ela também.

Lehl então deu a Crivaro detalhes sobre o helicóptero que estava a caminho e encerrou a ligação.

Jake olhou para o resto de seu café da manhã. Não havia tempo para terminar de comer e—além disso, ele havia perdido o apetite. Pediu então que um dos peritos o levasse até onde o helicóptero posaria. No caminho até lá, ligou para Riley.

Quando ouviu a voz assustada dela, perguntou:

- Riley, onde você está? Que porra você fez?

Riley disse:

- Eu—estou saindo de Washington. Não sei bem o que aconteceu. Como você descobriu?

Jake suspirou, irritado.

- Descobri do pior jeito possível – ele disse. – O Agente Especial em Comando Erik Lehl me ligou me xingando. Agora nós dois estamos ferrados. E eu preciso saber o que foi isso.

Ele ouviu Riley respirando fundo.

- Eu falei com o senador Gardner – ela disse.
- Onde? Quando?
- Em Washington. Na frente de uma igreja onde ele estava fazendo um anúncio político. Fingi que era repórter e...

Jake interrompeu:

- Você *fingiu* o que?
- Eu só queria saber, só isso. Lembra do que nós ouvimos na estação policial em Dighton? Sabe, quando o prefeito perguntou ao comandante sobre o senador não ir ao funeral? Estou louca com isso. Eu sabia que tinha algo ali. Então perguntei ao senador Gardner se ele tinha algo a dizer sobre os crimes em West Virginia e...

A voz dela enfraqueceu.

- E o que? – Jake perguntou.

- E se ele tinha alguma conexão pessoal com as duas vítimas.

Jake sentiu seu queixo cair.

Que merda, pensou.

Aquilo tudo era pior do que ele imaginara.

Riley continuou:

- Alguns seguranças me pegaram e me levaram para o carro dele. Ele me fez perguntas. Estava muito nervoso. Depois me deixou sair. Disse que isso não ia ficar assim. Não sei o que é tudo isso. Mas Agente Crivaro, me meti em algo importante. Eu sei.

Jake balançou sua cabeça, decepcionado.

Sim, você se meteu em algo importante, ele pensou.

E agora tudo estava dando errado. Ele disse:

- Riley, eu disse para você deixar essa porra para lá.

- Eu sei, mas—

Jake interrompeu:

- Eu estava falando sério. Tinha bons motivos para dizer aquilo. Você tem que aprender a seguir ordens.

Riley ficou em silêncio por um momento. Depois, disse:

- Desculpe.

- Ah, você vai ter que fazer muito mais do que se desculpar – Jake disse.
– Aliás, falando nisso. O que você estava fazendo em Washington?

- Eu fui ver o Ryan, mas... não me pergunte mais nada.

Jake não queria saber nada sobre Ryan. Ele perguntou:

- Onde exatamente você está agora?

- Em um trem para Quantico.
- Fique na estação quando o trem chegar. Alguém vai estar lá para buscar você.

Ele ouviu Riley se engasgando.

- Eu vou ser presa? – Ela perguntou.

Jake resmungou:

- Ainda não. Mas o dia está só começando.

Ele terminou a chamada, e então falou com alguns agentes para que encontrassem Riley na estação de Quantico. Jake sabia que os dois seriam xingados pelo Agente Especial em Comando Erik Lehl.

Não vai ser nada legal.

Jake perguntou-se—será que ele ainda teria um trabalho no fim do dia?

*

Quando Riley saiu do trem em Quantico, viu rapidamente dois homens de terno e óculos escuros, com uma aparência muito robótica para serem apenas civis. De fato, eles vieram até ela mostrando seus distintivos do FBI e perguntando se ela era Riley Sweeney.

Quando ela disse que sim, eles a levaram até um carro estacionado na frente da estação.

Mais uma vez, Riley sentiu-se como se estivesse sonhando.

Era a segunda vez no dia em que ela era levada para um carro por homens que não pareciam nada amigáveis.

Pelo menos esses caras são do FBI, pensou.

Com certeza ela estaria segura com eles—pelo menos por enquanto.

Os homens a levaram até o enorme complexo da Unidade de Análise Comportamental do FBI, e a escoltaram pelo lobby, subindo em um elevador e entrando em vários corredores. Por fim, chegaram a uma pequena sala, com uma mesa e três cadeiras, além de uma janela retangular grande, que Riley imaginou ser um espelho de duas vias.

Riley perguntou-se—haveria alguém do outro lado daquele espelho?

Um dos agentes perguntou a ela:

- Você tem um celular?

Riley assentiu.

O outro agente estendeu a mão e disse:

- Vamos ficar com ele, se você não se importar.

Riley engoliu em seco.

Parece que não tenho escolha, pensou.

Ela pegou seu celular e entregou ao agente. Então, os dois homens a deixaram sozinha na sala.

Riley ficou ali, sentindo-se atordoada com o silêncio repentino.

Ela estava sozinha ou alguém estaria assistindo cada um de seus movimentos por aquele espelho?

No que eu me meti? Ela se perguntou.

Lembrou-se de fazer aquela mesma pergunta a si mesma mais cedo, mas ainda não fazia ideia da resposta.

Lembrou-se de Crivaro dizendo...

“Agora nós dois estamos ferrados.”

Estaria ele na mesma situação naquele momento—sentando em outra sala de interrogatórios no mesmo prédio, esperando algo acontecer?

Não parecia provável.

Afinal de contas, Crivaro não estava em West Virginia?

Na verdade, Riley não sabia onde ele estava quando telefonou para ela.

Muitos minutos passaram. Riley sentiu falta de seu celular. Ela estava sem conexão com o mundo lá fora, e isso a assustava muito.

Mas para quem ela ligaria se estivesse com o telefone?

Não faria muito sentido ligar para Crivaro.

Talvez Ryan, pensou.

Sentiu-se mal ao pensar naquilo. Não pode deixar de imaginar—não seria bom se pudesse ligar para Ryan naquele momento, dizer a ele que toda a história da Academia do FBI fora um erro, que ela entendia agora e estava indo para casa, e que de agora em diante seria exatamente o tipo de esposa que ele queria que ela fosse?

Que ideia idiota, pensou.

Afinal de contas, seu pai certa vez lhe dissera...

“Você não serve para ter uma vida normal. Não é da sua natureza.”

Além disso, e aquela mulher no apartamento com Ryan?

Quanto mais Riley pensava naquilo, mais tinha certeza de que Ryan havia decidido seguir a vida sem ela. Se fosse assim, o que ela faria com sua própria vida? Parecia que seu período na Academia do FBI tinha acabado tão rápido quanto começara. E Riley não conseguia pensar em nada pelo qual fosse tão apaixonada...

Mas talvez paixão não seja tudo.

Afinal de contas, Crivaro havia dito a ela que sua paixão pelo trabalho fora o motivo pelo qual todos os relacionamentos dele haviam dado errado.

“Eu faço as pessoas se afastarem. Eu espero muito delas, fico impaciente.”

Obviamente, Crivaro deveria ter levado muitos anos para conseguir afastar todas as pessoas que amava e com quem se importava.

Riley já havia feito aquilo, e só tinha vinte e dois anos de idade.

Depois de um tempo, começou a se sentir desconfortável na cadeira. Estava toda dolorida depois de uma noite inteira no banco da Union Station. Queria levantar e caminhar, mas estava com medo até de se mexer.

Riley ainda estava se perguntando se estava sendo vista pelo espelho. Se sim, ela teria permissão para se levantar e se alongar um pouco? Quase falou em voz alta, para perguntar se havia alguém ali. Mas estava com medo até de fazer isso.

Ela não sabia mais por quanto tempo estava ali quando a porta finalmente se abriu.

Jake Crivaro entrou, parecendo ao mesmo tempo preocupado e irritado. Quando ele sentou-se ao lado de Riley, ela disse:

- Agente Crivaro, eu juro por Deus, eu não tinha ideia...

Crivaro interrompeu.

- Não diga nada agora. Você vai ter uma chance de contar o seu lado da história. E é melhor que seja uma boa história.

Alguns segundos depois, a porta se abriu novamente. Outro homem entrou—alto, desajeitado e com uma expressão séria.

O homem olhou para Riley por um momento, e então disse:

- Acho que não nos conhecemos. Sou o Agente Especial em Comando Erik Lehl. E você, acredito que seja Riley Sweeney—uma NAT da Academia que foi muito, muito longe.

Lehl colocou as mãos na mesa, olhou para Riley e Crivaro, e disse:

- Agora—qual dos dois quer começar a explicar?

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Enquanto Lehl esperava que um dos dois falassem, Riley percebeu que o Agente Crivaro parecia estranhamente intimidado. Mas ela com certeza não queria ser a primeira a dizer algo.

Por fim, Jake disse:

- Imagino que tudo seja minha culpa, senhor. Senti que precisava de ajuda no caso de West Virginia. Como você sabe, Riley Sweeney trabalhou comigo em dois casos de assassinatos. Ela é... bom, ela é muito talentosa, entre outras coisas.

Lehl assentiu e disse:

- Continue.

Crivaro mexeu-se em sua cadeira e continuou.

- Eu tirei ela das aulas de ontem e a levei comigo para West Virginia. Lá, ela ficou... curiosa com uma conversa que acabou ouvindo sobre o Senador Gardner. Pareceu curiosa demais, na verdade. Então eu levei ela de volta à Academia em Quantico na mesma noite.

Riley sentiu-se surpresa.

Aquela era a primeira dica de que Crivaro havia a levado de volta a Quantico por conta das questões envolvendo o senador.

Lehl bateu com os dedos na mesa. Ele disse:

- Vamos começar assim—com o Agente Crivaro te deixando na Academia. Por que você não ficou lá? O que você estava fazendo em Washington no dia seguinte?

Riley disse:

- Meu noivo mora em Washington. Na verdade, eu... eu também, eu acho. Nós alugamos um apartamento lá juntos. Mas uma noite antes de eu ir para a Academia, Ryan—meu noivo—e eu brigamos. Então depois que o Agente Crivaro me deixou em Quantico, eu decidi voltar para Washington para tentar acertar as coisas com Ryan e...

Ela parou e se perguntou...

Eu preciso contar tudo o que aconteceu depois?

Ela precisava explicar que tinha encontrado Ryan com outra mulher?

Com certeza aqueles detalhes não importavam naquele momento. Então,

continuou:

- Bom, as coisas não deram certo com Ryan quando eu cheguei lá. Então voltei para a estação de trem e dormi lá a noite inteira, para pegar um trem para Quantico de manhã. Quando eu acordei, estava tomando café na estação, e vi na TV que o senador Gardner estava falando naquela igreja, e... bem, eu fiquei curiosa.

Lehl olhou para ela e disse:

- Curiosa?

Riley respirou fundo e continuou:

- Como o Agente Crivaro disse—nós ouvimos algo. Quando entramos na estação policial de Dighton, ouvimos o Prefeito Nelson e o comandante falando sobre o senador. O Comandante Messenger disse que estava surpreso com a ausência do senador no funeral de Hope Nelson. O prefeito ficou irritado por ele ter dito aquilo. E os dois pareceram assustados quando perceberam que nós tínhamos ouvido a conversa.

Riley encolheu os ombros nervosamente e acrescentou:

- Bom, aquilo foi estranho para mim, tudo aquilo. Pensei que talvez tivesse algo a ver com o caso. O Agente Crivaro me disse para esquecer aquilo. Acho que eu deveria ter feito isso, mas...

Lehl interrompeu.

- Sim, você deveria.

- Eu sei, e sinto muito – Riley disse.

Lehl inclinou-se na mesa, em direção a Riley, com uma expressão de curiosidade. Ele disse:

- Então o Agente Crivaro não te contou nada sobre o senador Gardner? Ele não te disse *por que* você não deveria se meter com ele?

Riley surpreendeu-se com a pergunta.

- Não – ela disse. – Ele não me contou nada. E eu *ainda não sei* nada.

Lehl encostou-se na cadeira novamente, parecendo estudar a expressão de Riley de perto.

Ele disse:

- Então quando você foi até o senador Gardner e fez aquelas perguntas para ele, você só estava seguindo uma intuição.

Riley aliviou-se ao perceber que ele parecia estar entendendo.

- Sim é isso – ela disse. – Eu fui lá por puro... instinto, eu acho.

Lehl mexeu a boca de leve, quase sorrindo. Ele disse:

- Você tem instintos interessantes, Riley Sweeney. É uma pena que você

não saiba como usá-los.

Riley se entristeceu novamente. Ela sabia que não iria gostar do que viria a seguir.

Lehl disse:

- Eu vi como você estava se saindo na Academia. Os relatórios não são muito favoráveis.

Riley segurou um suspiro...

Não, imagino que não sejam.

Lehl continuou:

- Quando você foi para West Virginia ontem, você saiu da Academia sob autorização do Agente Crivaro. Mas essa autorização terminou no momento em que ele deixou você de volta em Quantico. Você deveria ter aparecido nas aulas na manhã seguinte. Mas você não fez isso. Pior, você fez um interrogatório sem ter nenhuma autorização oficial.

Riley mordeu a língua para não dizer “sinto muito” outra vez.

Ela sabia que, naquele momento, aquelas palavras não ajudariam muito.

Lehl cruzou os braços e disse:

- Você está expulsa da Academia.

Riley sentiu-se como se seu coração tivesse caído no chão.

Ela percebeu que Crivaro estava triste também—mas não surpreso.

Lehl virou-se para Crivaro e disse:

- Quais seus planos para o restante do dia?

Crivaro encolheu os ombros levemente e respondeu:

- Já que estou em Quantico, quero falar com minha equipe de tecnologia.

Eles estão tentando encontrar Harvey Cardin, o irmão do homem que estava preso em Hyland, suspeito de matar Alice Gibson. Harvey saiu da cidade em uma atitude suspeita. Se os caras da TI não tiverem encontrado ele, eu posso forçá-los a continuar buscando.

Lehl assentiu e disse:

- Faça isso, Agente Crivaro. Vou deixar um helicóptero pronto para quando você quiser voltar para West Virginia.

Sem dizer mais nada e sem olhar para Riley, Erik Lehl saiu da sala.

Riley e Crivaro ficaram sentados em silêncio por alguns instantes.

Por fim, Riley começou a falar:

- Agente Crivaro...

Ele interrompeu:

- Eu sei. Você sente muito. Eu também.

Então, Jake levantou-se e também saiu da sala.

Riley ficou sozinha por algum tempo, sentindo-se perdida, desolada e prestes a chorar.

O que eu faço agora? Perguntou-se.

Ela só sabia que precisava deixar a Academia.

Saiu da sala e caminhou para a saída do prédio.

*

Mais tarde, naquela noite, Riley estava em seu dormitório guardando suas coisas, quando Frankie chegou.

- Como foi em West Virginia? – Frankie perguntou.

Riley suspirou ao colocar mais roupas na mala.

- Acho que você ainda não sabe – ela disse. – Fui expulsa.

Os olhos de Frankie arregalaram-se.

- Sério? – Ela perguntou. – Só por conta do que aconteceu no Beco Hogan? Não é possível.

Riley disse:

- Não, tem mais coisas. Eu estraguei tudo, Frankie. Da pior maneira possível.

Fechando sua mala, Riley contou a Frankie sobre sua reunião sinistra com Crivaro e Lehl.

- Tadinha – Frankie disse quando Riley terminou. – Parece que você se meteu em algo sério sobre o senador. Não imagino o que seja.

- Pois é, eu nem quero mais saber – Riley disse, suspirando novamente. – Crivaro e o Agente Lehl obviamente sabem de algo que ninguém mais pode saber, nem eu. E se eu não fosse tão idiota, teria deixado tudo para lá.

Riley ficou parada em frente a sua mala por um instante.

Então, para sua própria surpresa, caiu em lágrimas.

Frankie colocou seu braço em volta dela e sentou-se na cama.

- Ei, o que foi? – Frankie disse, com a voz cheia de preocupação.

Com a voz embargada pelas lágrimas, Riley disse:

- Frankie—eu não sei nem para onde eu vou agora.

- Como assim, você não sabe? – Frankie disse, entregando-a um lenço. – Volte para o seu apartamento em Washington.

- Não é tão fácil assim – Riley respondeu.

Então, ela contou o que havia acontecido quando entrara no apartamento

na noite passada.

Frankie balançou a cabeça e disse:

- Que filho da puta.

Riley disse:

- Frankie, eu não sei realmente se ele—se ele está envolvido com aquela mulher.

Frankie riu...

- Ei, ele está *envolvido* com ela sim. Eu tenho mais experiência que você, então acredite, eu sei do que estou falando. Você tem sorte de ter descoberto cedo.

Frankie deu um tapinha nas costas de Riley e continuou:

- Você vai fazer o seguinte... Pegue sua mala e vá para um lugar novo. Não se preocupe com suas coisas naquele apartamento. Você pode comprar tudo de volta. Só escolha um lugar, vá e comece tudo de novo. Richmond, talvez. É uma boa cidade.

- Mas o que eu vou fazer lá? – Riley disse.

Frankie encolheu os ombros e disse:

- O que você quiser. Você é livre. Mas a longo prazo, aposto que você não vai deixar as forças da lei. Você pode ser um pouco louca demais para o FBI, mas ainda pode ser uma tira e tanto. É óbvio que você tem talento. Até suas cagadas provam isso.

Riley riu. Antes que ela pudesse pedir mais conselhos a Frankie, alguém bateu na porta.

Frankie foi até a porta, abriu e, imediatamente, deixou escapar um gemido de susto.

Riley olhou e viu Jake Crivaro parado na porta.

Ele olhou para Riley e disse:

- Arrume sua mochila. Vamos voltar para West Virginia.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Ao ver Crivaro entrando no dormitório, Riley pulou da cama. Ela estava totalmente desarrumada e sabia disso. Limpou suas lágrimas com um lenço, envergonhada por ele ter visto-a chorando. Mas não havia como voltar no tempo.

Frankie ficou parada ali, olhando para o lendário Jake Crivaro, com a boca aberta.

Enquanto secava os olhos, Riley tentava entender o que Crivaro tinha acabado de dizer.

Ele havia mesmo dito que eles estavam indo para algum lugar?

Crivaro disse, impaciente:

- Você me escutou? Houve outro assassinato em West Virginia. Pegue sua mochila. Temos que ir.

Riley não conseguia acreditar. Ela gaguejou:

- Mas... Eu pensei que... Eu...

Crivaro sorriu levemente. Ele disse.

- Você acabou de ser expulsa da Academia, não foi?

Riley concordou.

- Então você não tem nada para fazer agora, certo?

- Não, eu—acho que não – Riley disse.

- Que bom. Tem um helicóptero nos esperando na pista de pouso.

Confusa, Riley obedeceu, pegou sua mochila e seguiu Crivaro pelo corredor. Ela virou-se e viu Frankie parada, fora do quarto, olhando orgulhosa. Riley lembrou-se do que Frankie dissera pouco antes da chegada de Crivaro.

“Aposto que você não vai deixar as forças da lei.”

Riley pensou...

Talvez ela estava certa.

Ainda assim, era difícil imaginar que caminho ela seguiria naquela carreira, agora que estava fora da Academia. Ela precisava aproveitar ao máximo aquela totalmente inesperada nova oportunidade.

Não posso vacilar nessa.

Ao dirigir com direção à pista de pouso, Crivaro disse:

- Não entenda isso aqui errado. Você causou muitos problemas, e vai demorar para consertar.

Riley olhou para ele, surpresa.

- Causei problemas? – Ela disse. – Como?

Crivaro riu.

- Pelo jeito você não viu os noticiários essa noite – ele disse.

- Não, por que?

- Bom, quando você fez aquelas perguntas ao senador hoje de manhã, você despertou a curiosidade dos jornalistas *de verdade* que também estavam lá na igreja, trabalhando. Eles começaram a investigar—e é claro que encontraram a verdade bem rápido.

- A verdade sobre o que? – Riley perguntou.

- Sobre exatamente o que o Agente Especial em Comando Lehl estava tentando manter em sigilo. Quinze anos atrás, Warren Gardner estava viajando por West Virginia, fazendo sua primeira campanha para senador. Durante a parada em Dighton, ele engravidou uma voluntária da campanha de 18 anos. Quer chutar quem era essa jovem?

Riley precisou pensar apenas alguns segundos.

Após um leve suspiro, ela disse:

- Hope Nelson.

Crivaro concordou e disse:

- Hope *Gentry*, naquela época. As coisas não deram tão errado para ela. O prefeito de Dighton sabia tudo sobre o caso e a gravidez, mas se apaixonou por ela mesmo assim. Ele casou com ela e criou o filho como se fosse dele. Gardner continuou mantendo a criança financeiramente, pagando para ele frequentar as melhores escolas e tudo.

Crivaro parou por um momento, e então continuou.

- Se isso fosse tudo, acho que não haveria tanto escândalo. Mas Gardner tem um passado negro—pelo jeito ele tem mais de um filho perdido por seu estado natal. Pelo menos mais um, de uma garota que era menor de idade quando ele a engravidou.

Crivaro riu e acrescentou:

- A propósito, estamos falando do mesmo senador Gardner que quer ensinar os Dez Mandamentos nas escolas públicas. Então, obviamente, ele tem tentado deixar tudo isso debaixo dos panos há anos. E quando ele soube do assassinato de Hope, ficou com medo de que o FBI descobrisse sem querer sobre a relação deles. Então ele pessoalmente ligou para o

Comandante Lehl e disse a ele que os agentes deveriam cuidar com o que iriam fazer.

Os olhos de Riley arregalaram-se quando tudo começou a ficar claro em sua mente. Ela disse:

- Então era *disso* que o comandante e o perfeito estavam falando quando fomos lá. O comandante deve saber de tudo sobre o caso e o bebê. E pensou que o senador talvez aparecesse no funeral de Hope. Mas é claro que ele não foi.

Crivaro concordou.

- Você está começando a entender – ele disse.

Uma outra dúvida surgiu na mente de Riley.

- Mas por que o Comandante Lehl concordou com o senador? Por que ele aceitou manter tudo quieto?

- É a velha política – Crivaro disse. – Gardner é um senador importante em comitês prestigiados, e tem muita influência na Unidade de Análise de Comportamento. Lehl tinha bons motivos para não querer irritá-lo— especialmente com algo que não seria da conta da Unidade.

Crivaro resmungou e continuou:

- Mas agora já era. Depois do que você fez na igreja, os repórteres caíram em cima da história como piranhas na água. Em poucas horas eles descobriram pelo menos parte da verdade, e tudo já está na mídia. Mas o que eles descobriram é só a ponta do Iceberg. Vai aparecer muito mais coisa nos próximos dias, você pode ter certeza.

Riley sentiu-se um pouco confusa com o tamanho do que ela havia feito.

- Meu Deus – ela murmurou. – A Unidade vai perder dinheiro por minha culpa?

Crivaro balançou a cabeça e respondeu:

- Ah, eu meio que duvido que isso vai acontecer agora que tudo se tornou público. É mais provável que os dias de força política do senador Gardner terminem. Provavelmente esse é o fim da carreira dele como senador.

Crivaro riu e acrescentou:

- Não poderia ter sido com alguém melhor. Um idiota como Gardner merece isso. E tenho certeza que o Comandante Lehl pensa igual.

Ao estacionar perto da pista de pouso, Crivaro apontou um dedo para Riley e disse:

- Mas nada disso tem nada a ver com os assassinatos em West Virginia. Então, aprenda essa lição. Ordens são ordens. Quando eu te falo para deixar

algo de lado, deixe essa porra para lá.

- Tudo bem, eu prometo – Riley disse. – E obrigada por me dar outra chance.

- Tudo bem – Crivaro disse. – E a ideia foi do Comandante Lehl.

- Que? – Riley disse, surpresa.

- Ele sugeriu quando entrou em contato comigo sobre o novo assassinato – Crivaro disse. – Ele não demonstrou, mas acho que ficou bem impressionado com você. E acredite ou não, ele acha que você pode ser uma boa influência para mim. ‘Talvez ela te ensine a como lidar com os outros’, ele disse. – Crivaro riu e acrescentou. – Não crie expectativas sobre isso. Outros já tentaram e não conseguiram, várias vezes. Eu sou impossível de corrigir.

Crivaro estacionou o carro, e os dois apressaram-se até o helicóptero. Em poucos segundos, eles estavam no ar, a caminho de West Virginia.

*

O helicóptero desceu em direção a uma luz estranha e indecifrável no meio da escuridão da noite. Então, as luzes do próprio helicóptero se acenderam e Riley pode ver que eles estavam posando em um pasto. Ela sabia que aquele lugar deveria ser a cena do crime, perto da cidade de Wynnewood em West Virginia.

Quando o helicóptero posou e os motores foram desligados, Riley e Crivaro saíram.

Uma das pontas do pasto estava iluminada por lâmpadas halógenas.

De cara, a luz forte fez tudo parecer borrado, como uma fotografia mal feita. Quando os olhos de Riley ajustaram-se à situação, ela viu algumas viaturas paradas e uma van de peritos, além de várias pessoas em volta.

Então, viu o que eles haviam ido ver.

A luz iluminava um pacote bizarro pendurado em um poste.

A *vítima*, Riley deu-se conta ao sentir um arrepio.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Riley arrepiou-se por dentro. Suas pernas se enfraqueceram. Ver a vítima empacotada pendurada no posto teve um efeito inesperado nela.

Acalme-se, disse a si mesma, e fez força para se manter em pé.

Você já viu gente morta antes.

De fato, ela já havia visto cenas muito mais sangrentas antes. Também havia visto fotos de outras vítimas, exatamente naquelas condições. Então por que ela estava achando aquela cena tão chocante?

Com certeza, pensou, deveria ser o tipo de morte sofrida pela vítima.

E a depravação pura de quem havia feito aquilo.

Riley ouviu Crivaro dizer:

- Venha, vamos falar com o pessoal.

Os dois passaram pela cerca em um ponto onde o arame farpado fora alargado, abrindo uma passagem. Um homem de cabelos brancos e bigode grosso veio em direção a Crivaro.

- Nos encontramos de novo, Agente Crivaro – o homem disse. – Isso é ruim, eu esperava que nós nunca nos víssemos novamente. Menos ainda nessas circunstâncias.

- Sim, eu também – Crivaro disse.

Crivaro apresentou Riley ao homem, que era o examinador médico do local, Hamish Cross. Crivaro disse a Cross que Riley era uma “agente em treinamento”.

Seja lá o que isso signifique, ela pensou.

Mesmo assim, foi encorajador ouvir aquelas palavras. Soaram como se ela ainda tivesse alguma conexão com o FBI, mesmo tendo sido expulsa da Academia.

Hamish Cross então apresentou-os ao comandante da polícia de Wynnewood, Vachel MacNerland, um homem de aparência intensa, com queixo fino e olhos grandes.

- Que bom que vocês estão aqui – MacNerland disse a Jake e Riley. – Desde que aquelas outras mulheres foram mortas, eu comecei a rezar para que isso não acontecesse em Wynnewood. Não tive sorte.

- A vítima é local? – Jake perguntou.

- O nome dela é Anna Park – MacNerland disse. – Mudou-se para cá alguns anos atrás, veio de Huntington. Ela morava sozinha em Wynnewood, não tinha família aqui. Ensinava inglês na universidade daqui, era uma das professoras mais populares, os alunos a amavam.

MacNerland virou-se e olhou para uma mulher ali perto.

- Vocês precisam conhecer Clara Jarrett – ele disse. – Ela é dona da propriedade.

Ele os levou até a mulher, que usava óculos redondos e um vestido liso, que a faziam se parecer com mulheres de outros tempos. Ela estava com os braços cruzados, olhando para o corpo com uma expressão que parecia ser nojo, como se alguém tivesse vandalizado sua propriedade com grafite.

Depois que o comandante apresentou os agentes, ela disse, balançando a cabeça:

- Nunca pensei que veria algo assim.

O Comandante MacNerland explicou:

- Clara é uma das muitas fazendeiras orgânicas por aqui.

Clara apontou para algumas pequenas construções do outro lado do pasto.

- O que eu mais crio são frangos, lá – ela disse.

Agora, prestando atenção nos barulhos, Riley pode ouvir os frangos.

- Eles estão incomodados com todo esse movimento aqui – ela disse. – Vou deixar eles saírem quando o dia amanhecer e tudo isso aqui estiver limpo. Eles vão se acalmar. – Clara acrescentou. – Foram os gados que me acordaram. Eu tenho alguma vacas no pasto. Sabia que algo estava errado quando escutei elas berrando a plenos pulmões. Vim lá da casa e vi elas correndo como se estivessem muito assustadas.

Apontando para o cadáver, ela disse:

- Então encontrei isso. Claro que liguei para o Comandante MacNerland na hora. E levei minhas vacas para o celeiro. – Ela balançou a cabeça e acrescentou. – Os gados se assustam com o cheiro de sangue. Não posso culpá-los, quando se trata de algo assim. Eu soube das outras duas mulheres, em Dighton e Hyland. Nunca esperei encontrar algo assim na minha própria propriedade.

Riley novamente viu-se olhando para o cadáver empacotado.

Nem parece de verdade, pensou.

A vítima estava toda encolhida em posição fetal. A cabeça estava virada de modo que seus olhos, mortos e aterrorizados, estavam olhando

diretamente para Riley.

Ela caminhou até o cadáver e agachou-se ao lado dele.

Foi até lá para tocá-lo, mas então deu-se conta...

É a cena de um crime.

Não toque em nada.

Então, ouviu Crivaro dizendo:

- Tudo bem tocar de leve. Pode ativar seus instintos. É para isso que você está aqui.

Ao tocar o rosto, Riley sentiu algo parecido com um choque, e pontadas de dor em seu corpo inteiro.

Ao encolher-se de dor, ela ouviu Crivaro dizendo, com uma voz gentil e encorajadora:

- Essa sensação—é você sentindo empatia pela vítima, não pelo assassino. Isso é natural. Também senti algo assim agora. Mas você não tem que ir por esse caminho. Você tem que dar o próximo passo—entrar na mente do assassino. Respire fundo. Feche os olhos. Tente relaxar. Visualize o que ele fez. Tente ver com os olhos dele. Use todas as suas sensações.

Riley respirou fundo e devagar, mas não era tão fácil relaxar.

Afinal de contas, sua tarefa agora era entender o inexplicável.

De olhos fechados, ela tentou imaginar o assassino dando os últimos passos—arrastando o pacote no ombro, pelo rua até aquele ponto, pregando o prego enorme na parte de cima do poste, tirando o pacote de lençol, colocando o corpo no lugar, e finalmente...

Ela pausou e continuou ao sentir a carne fria na ponta de seus dedos...

Talvez ele a tocou, como eu estou tocando agora.

O corpo já estaria morto e sem sangue, então estaria frio como agora.

Como ele se sentiu ao tocar seu horripilante trabalho?

Riley sentiu como se a energia tivesse saindo de seu corpo.

Ela suspirou profundamente e disse em voz alta para Crivaro:

- Sinto a mesma coisa da última vez que fiz isso. Exaustão, dormência, talvez até... decepção.

Seus olhos ainda estavam fechados. Ela ouviu Crivaro dizer:

- Bom. Acho que você está certa. Tente voltar mais, para quando a vítima estava viva e ele estava torturando ela.

Riley estremeceu e murmurou:

- Agente Crivaro, não sei se consigo...

Ainda falando gentilmente, ele respondeu:

- Você consegue, Riley. Tente abrir seus olhos agora.

Ela abriu os olhos e encontrou-se olhando para o pacote novamente.

Sentiu-se renovada ao ver o rosto morto, machucado, iluminado pelas lâmpadas halógenas.

A sensação era bem diferente do que a anterior, onde Hope Nelson fora encontrada.

A luz intensa e seus dedos na vítima faziam tudo parecer muito, muito real.

Ela disse, devagar:

- Acho que... ele deve ter matado ela em algum lugar que considerava seguro, fora daqui, que só ele conhecia.

Riley estudou o pacote por um momento, percebendo como o corpo fora empacotado de uma maneira muita apertada com fita adesiva, antes de ser envolto em arame farpado.

Lembrou-se de algo que havia lido nos relatórios dos outros crimes.

Ela perguntou a Crivaro:

- As outras vítimas foram apagadas com clorofórmio, não foram?

- Sim – Crivaro disse. – Acho que podemos pensar que essa também.

Riley moveu suas mãos pelo pacote, colocando seus dedos em um pedaço de fita adesiva. Ela disse:

- Ele não poderia ter amarrado ela com fita depois dela acordar. Ele fez enquanto ela estava inconsciente. Mas o arame farpado já estava pronto e arrumado debaixo do corpo quando ele a amarrou. E quando ela começou a retomar a consciência..

Riley estremeceu...

- Foi quando ele começou a passar o arame farpado. E ele estava muito consciente do terror e dor dela. E terror e dor... isso é o que importa para ele. Ele tem muita satisfação em ver o sofrimento da mulher. Mesmo assim...

Ela parou por um momento, e então continuou:

- Não é sadismo... exatamente. Não é de fato um ato de crueldade. Bem, é crueldade de certa forma, mas não é... algo alegre. Não sei se isso faz sentido.

- Continue – Crivaro disse.

- É sobre a dor *dele*, não a dor das vítimas. Eu...

Riley sentiu-se prestes a entender algo totalmente terrível sobre o assassino.

Mas então sentiu seus sentimentos indo embora, e seu corpo se

enfraquecendo.

- Perdi – ela disse a Crivaro. – Não estou sentindo mais nada.

Crivaro a tocou no ombro e disse:

- Tudo bem. Você foi bem. É um bom começo. Podemos usar essas impressões. Vamos trabalhar nelas. Vamos lá, vamos falar com o comandante.

Riley levantou-se, cambaleando. Quando os dois aproximaram-se do comandante, ela olhou novamente para o pacote e lembrou-se de que Crivaro havia dito que arame farpado, às vezes, era chamado de...

“A corda do diabo”.

Tais palavras pareciam terrivelmente apropriadas.

Deu-se conta de algo ao lembrar-se da dormência que sentia ao tentar descobrir o que o assassino sentia a deixar suas vítimas...

Ele ainda não acabou.

O assassinato não iria parar de matar até que a experiência inteira o satisfizesse, do início ao fim...

E isso nunca iria acontecer.

Nunca.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Riley sabia que o comandante MacNerland estava olhando para ela quando caminhou com Crivaro em direção a ele.

Ela se deu conta...

O que eu estava fazendo devia estar parecendo bem estranho.

Mas aquilo tudo não poderia ter parecido tão estranho quanto o que ela sentira. Na verdade, o que ela sentira havia sido algo pior do que estranho. Fora assustador.

Riley perguntou-se: ela conseguiria algum dia se acostumar com a sensação de tentar entrar na mente de um monstro?

Ela *queria* se acostumar com aquilo? A que nível de escuridão seu estranho talento a levaria?

Crivaro perguntou ao comandante MacNerland:

- O que você sabe sobre como Anna Park foi raptada?

- Temos pelo menos uma ideia – MacNerland disse. – Ela estava dando uma aula na faculdade ontem à noite. Um pouco depois da aula terminar, um homem encontrou o carro de Anna abandonado perto da escola. A porta do motorista estava aberta, o motor ainda estava ligado e as luzes acesas. Aparentemente ela foi raptada quando saiu da última aula e estava indo para casa. Quem pegou ela a fez parar o carro e sair. O cara que encontrou o carro nos ligou na mesma hora. – MacNerland balançou a cabeça e acrescentou. - Eu soube na mesma hora que ela estava em apuros. Só esperava que não fosse... isso.

Crivaro perguntou:

- Houve alguma testemunha da abdução em si?

- Não – MacNerland disse. – Mas muitos dos alunos de Anna saíram do prédio com ela. Eles foram com ela até o carro e então seguiram para direções diferentes. Nós já chamamos os alunos e eles estão sendo interrogados na estação.

- Eu também gostaria de falar com alguns deles – Crivaro disse.

- Como você quiser – MacNerland respondeu. – Muitos deles já foram para casa, mas acho que três ou quatro ainda estão na estação. Vou levar você até lá.

Quando MacNerland os levou de carro até a estação, Riley viu que Wynnewood era maior que Dighton. Parecia-se mais com Lanton, a cidade de Virginia onde ela havia frequentado a faculdade. Ainda assim, Wynnewood era uma típica pequena cidade dos Apalaches, e suas ruas pareciam estranhamente calmas e silenciosas àquela hora da noite.

Mas Riley estava certa de que a cidade não estava nem de perto tão tranquila quanto parecia. Os rumores do desaparecimento e depois da morte de Anna Park já haviam se espalhado. Por detrás das portas fechadas, os cidadãos de Wynnewood estavam tremendo de medo.

Quando os três chegaram à estação policial, o comandante MacNerland os levou a uma pequena sala de conferências. Os quatro alunos que ainda não haviam ido para casa estavam sentados à mesa, sendo interrogados por um policial que fazia anotações.

Riley e Crivaro sentaram-se à mesa, e MacNerland os apresentou aos alunos. Riley ficou um pouco surpresa ao saber se suas idades e passados. Mas lembrou-se de que aquela era uma faculdade comunitária. Pessoas de diferentes tipos e idades iam até lá, por diferentes motivos e com diferentes expectativas.

A mais nova, Jane Hunter, havia terminado o ensino médio há um ano em uma escola local. Ela estava tentando conseguir créditos que lhe ajudassem a continuar os estudos em outra cidade—Glenville, talvez.

Depois, estavam ali Rudy e Lark Chesterfield, um casal de cinquenta e poucos anos. Eles eram aposentados “sem filhos no ninho”, como disseram, e estavam aproveitando várias coisas juntos, de jogar dados a fazer aulas de dança. Anna estava dando aulas de poesia romântica, e eles acharam que seria legal estudar juntos.

- E estávamos certos – Lark disse. – Anna era uma professora incrível.

Rudy balançou a cabeça, triste, e acrescentou:

- Ela tinha tanto a ensinar. O que aconteceu com ela foi... horrível.

O último aluno era o gerente de uma conveniência de cerca de trinta anos, chamado Fred Combes. Ele parecia estar totalmente perturbado.

- Foi culpa minha – ele disse. – Eu deveria ter insistido para que ela fosse com a gente depois da aula. Eu deveria ter ficado ali até ela sair.

Jane tocou Fred gentilmente na mão e disse:

- Como você pode dizer uma coisas dessas? Não foi culpa sua. Não foi culpa de nenhum de nós.

Então, virando-se para Riley e Crivaro, Jane explicou:

- Depois da aula, convidamos Anna para ir a um bar, para continuar falando sobre a poesia de John Keats. Estávamos todos animados com o que ela estava nos ensinando sobre ele. Ela agradeceu o convite, mas disse que queria ir para casa.

Fred parecia estar quase chorando. Ele disse:

- Ela disse que queria ir para casa escrever. Era a vontade dela. Ser uma escritora. Ela tinha aceitado o trabalho na Faculdade de Wynnewood para ajudar nas contas enquanto escrevia. Ela gostava de Wynnewood, ela disse, porque a vida era tranquila aqui, e ela podia aproveitar o tempo livre para escrever.

Com a voz em choque, ele acrescentou:

- Eu deveria ter insistido. Não deveria ter deixado ela ir para casa sozinha.

Primeiro, Riley ficou um pouco assustada com o sentimento irracional de culpa de Fred. Mas ao vê-lo continuar falando, ela deu-se conta...

Ele estava apaixonado por Anna.

Ele estava participando das aulas só para ficar perto dela.

E agora essa fatalidade havia acontecido.

Riley sentiu uma ponta de pena dele.

Então, Lark Chesterfield começou a murmurar, baixinho...

Quando eu tenho medo de poder deixar de ser

Antes que minha caneta recolha meu cérebro cheio...

Seu marido juntou-se a ela, e os dois continuaram recitando...

Antes que a alta pilha de livros, na verdade,

Segure como um celeiro rico, o grão amadurecido...

A voz do casal diminuiu, e então Fred Combes continuou sozinho...

E quando eu sinto, bela criatura da hora

Que eu talvez nunca mais olhe para você

Tudo aquilo foi demais para Fred. Ele começou a chorar e soluçar descontrolado. Jane colocou seu braço em volta dele e acrescentou, com sua voz gentil...

.... na costa

Do mundo selvagem, eu estou sozinho, e penso

Até o amor e a fama afundarem ao nada

Fred seguiu chorando, e Lark e Rudy tiveram que secar suas lágrimas também.

Riley e Crivaro olharam um para o outro surpresos, sem saber exatamente o que acabara de acontecer.

Ainda confortando Fred, Jane disse a Riley e Crivaro:

- Anna estava nos ensinando esse poema na aula de ontem. Era um soneto de John Keats, e é sobre o medo que ele tinha de morrer jovem antes de escrever tudo o que ele achava que tinha dentro de si. Ele tinha bons motivos para estar com medo. Morreu muito cedo.

Recompondo-se um pouco, Lark acrescentou:

- Anna chorou quando leu esse poema para nós. Ela tinha acabado de fazer 25, disse que era a mesma idade que Keats havia morrido. Disse que tinha ‘medo de deixar de ser’ antes que fizesse tudo o que queria na vida—especialmente virar escritora. Mas ela sentia-se segura aqui em Wynnewood—‘na costa desse mundo selvagem’, ela disse. E se sentia grata por ter um lugar tão cheio de paz para viver.

Riley sentiu um desconforto na garganta.

Não chore, disse a si mesma.

Ela sabia que aquilo seria completamente amador. Mas segurar suas emoções não estava sendo fácil. Lembrou-se do que o Comandante MacNerland dissera sobre Anna.

“Era uma das professoras mais populares, os alunos a amavam.”

Agora, Riley podia ver que aquilo era verdade. E podia entender porque. Anna Park havia trazido seus pensamentos e sentimentos mais pessoais para o trabalho. Havia inspirado aqueles quatro alunos tão intensamente, que eles haviam memorizado um soneto somente pelo quanto aquilo significara para ela.

Riley perguntou-se...

Eu já tive um professor que me inspirava assim?

Rapidamente, lembrou-se que já tivera. Fora um professor de psicologia na Universidade de Lanton, Brant Hayman. Mas Hayman havia se tornado um monstro assassino que quase a matara. Aliás, ela seria testemunha no

juízo dele dois dias depois.

Riley teve certeza de que Anna Park não tinha nada a ver com Hayman. Ela não havia escondido nenhum lado negro, e não havia manipulado nem matado ninguém a sua volta.

Ela havia sido uma mulher generosa e brilhante, que morrera muito cedo.

O pesar de Riley estava começando a se tornar raiva.

Ela não merecia, pensou.

Aquelas pessoas não mereciam.

Era uma injustiça terrível que Anna Park tivesse sido tirada tão brutalmente da vida deles. Ninguém deveria passar por aquilo. Nem uma criança que perde seus pais, nem um adulto que perde alguém importante.

Riley encontrou-se pensando em silêncio enquanto o Agente Crivaro seguia fazendo perguntas ao grupo, tentando descobrir se algum deles havia visto ou escutado algo que pudesse ser uma pista sobre a morte de Anna. Rapidamente, percebeu-se que eles não sabiam de nada que pudesse ajudar. Crivaro agradeceu os quatro, e o Comandante MacNerland os mandou para casa.

MacNerland ligou para um hotel local e reservou dois quartos para Riley e Crivaro. Então, emprestou-os um carro para que eles pudessem ir até o hotel descansar. Amanheceria em breve.

Riley e Crivaro não disseram nada um ao outro no caminho curto até o hotel. Eles se registraram na recepção e saíram, indo em direção a seus quartos.

Crivaro parou e disse a Riley:

- Espere. Temos que conversar um minuto.

Riley virou-se e olhou para ele.

- O que foi? – Ela perguntou.

- Você está irritada – Crivaro disse, caminhando em direção a ela.

Riley não havia percebido o quanto estava demonstrando sua raiva. Não que ela pensasse que aquilo importava.

Com a voz tensa, ela disse:

- Sim, estou muito irritada. Uma mulher carinhosa foi morta, deixando muitas pessoas boas de luto. Provavelmente eles nunca vão superar a perda dela—especialmente aquele pobre Fred, que obviamente estava apaixonado por ela e acha que a culpa é dele. Estou irritada com isso sim, e daí?

Crivaro encolheu os ombros levemente e disse:

- E daí que—deixe isso para lá.

Riley ficou totalmente surpresa. Ela disse:

- Não é bom ficar com raiva assim às vezes? Ficar com raiva não faz parte do nosso trabalho? Não é o que nos move?

Crivaro sorriu, como se estivesse refletindo sobre sua própria experiência. Ele disse:

- Não, isso não faz nada bem para você, acredite. É humano, é natural. Em momentos assim, você vai ficar com raiva. *Eu* estou com raiva. Mas quando você acordar de manhã, é melhor que tenha passado, ou nenhum de nós vai ser útil enquanto detetives.

- Não entendo – Riley disse.

Crivaro mexeu os pés e disse:

- Pelo que eu vejo, a raiva é como um espirro. Às vezes você não consegue deixar de espirrar. Às vezes você tem que espirrar para tirar isso do seu corpo. Mas é estúpido pensar que tem algo bom em espirrar, e é o mesmo com a raiva. Ela embaralha seu discernimento, faz com que você pare de pensar na direção certa.

Crivaro tocou Riley no ombro e disse:

- Vá para o seu quarto, grite com seu travesseiro, dê um soco no chão se precisar. Mas tire isso de você. Deixe para lá.

Sem dizer mais nada, Crivaro seguiu em direção a seu próprio quarto.

Riley foi para o quarto e percebeu que estava tremendo e suando de raiva.

Lembrou-se do que Crivaro havia acabado de dizer.

Tire isso de você.

Agora, ela sabia que ele estava certo. Sentir aquilo poderia ser natural, mas com certeza não era útil. No entanto, o que ela poderia fazer? Riley duvidava que gritar para um travesseiro ou socar o chão a faria bem.

Mas ela precisava fazer algo.

Caiu na cama e, imediatamente, uma tempestade de emoções incontroláveis tomou conta de seu corpo, fazendo-a chorar descontroladamente.

É isso, ela pensou.

É disso que eu preciso.

Chorou por vários e vários minutos, até que ficasse cansada a ponto de só sentir uma dormência, uma sensação estranha de tristeza. Então, tomou um banho e preparou-se para dormir.

Ao entrar debaixo do edredom, escutou seu telefone vibrando no modo

noturno.

Pegou-o e viu que a ligação era de Ryan.

Estranhamente, não se importou.

Desde aquela cena bizarra no apartamento, ela se sentira desesperadamente ansiosa para ouvir algo dele, telefonar para ele, tentar ajustar as coisas entre os dois.

Mas agora, naquele momento, ela não se importava em vê-lo ou escutar sua voz novamente.

Tudo o que Riley queria era pegar o cara que havia matado três mulheres de um jeito tão grotesco.

Ignorou o telefone, virou-se na cama e dormiu.

*

A luz da manhã invadia o quarto pelas cortinas quando Riley foi acordada por uma batida seca na porta do quarto.

- Quem é? – Ela disse, cansada.

- Crivaro – ele respondeu. – Abra.

Riley saiu da cama cambaleando, abriu a porta e viu Crivaro parado ali.

- Temos que ir – ele disse. – O Comandante Tallhamer de Hyland acabou de me ligar. Ele acha que temos uma mudança no caso.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Ao tirar o carro do estacionamento do hotel, Jake Crivaro começou a contar as novidades que havia acabado de receber para Riley. Ele ficou feliz ao ver que ela estava animada e alerta, mesmo tendo sido tirada da cama.

Jake a lembrou:

- Você me ouviu falando sobre Philip Cardin, o cara que foi preso suspeito do assassinato de Alice Gibson, certo?

- Lembro disso – Riley disse. – Você teve que soltá-lo porque ele estava preso quando Hope Nelson foi morta. Mas o irmão dele, Harvey, saiu de Hyland recentemente sob circunstâncias suspeitas.

- O que nos dá algumas possibilidades interessantes se você considerar a ideia dos dois irmãos serem assassinos – Jake disse. – Ninguém sabia do paradeiro de Harvey desde o sumiço dele. Ele poderia estar perto de Dighton. Poderia ter matado Hope Nelson. Ou seja, poderia ter matado Hope e Alice. Ou ele e seu irmão poderiam ser parceiros nos crimes, se revezando. Phil poderia ter matado Alice, e depois Harvey poderia ter matado Hope enquanto Phil estava preso.

Jake pode ver Riley balançando a cabeça. Ela disse:

- É muita coisa para considerar.

- Eu sei – Jake disse. – Mas com Harvey sumido, não havia muito que podíamos fazer para ir atrás dessas possibilidades. Coloquei uma equipe de Quantico para tentar achar Harvey, e eles não encontraram nada. Enquanto isso, o comandante Tallhamer ficou de olho em Phil Cardin, para que ele não fizesse nada suspeito ou tentasse sair da cidade.

Riley disse:

- E o que aconteceu? Harvey voltou para Hyland?

Jake disse:

- Sim, os tiras do Tallhamer pegaram ele ontem à noite. Eles também prenderam Phil de novo. De acordo com o comandante, os dois têm se comportado de um jeito bem estranho. Tallhamer vai nos dar detalhes quando chegarmos lá.

- Uou – Riley disse. – Então talvez o caso tenha sido resolvido sem nós fazermos nada.

Jake sentiu uma ponta de decepção na voz dela. Imaginou que soubesse o motivo. Tendo sido expulsa da Academia e com seus problemas com o noivo...

Essa jovem precisa de uma vitória urgente.

Riley precisava conquistar algo, e quanto maior fosse a conquista, melhor. Crivaro estava tentado a dizê-la que não tinha certeza de que aquilo mudaria o caso. Se os irmãos Cardin fossem inocentes ao final das contas, ele e Riley ainda teriam trabalho a fazer. E ele precisaria do talento especial de Riley mais do que nunca.

Mas era melhor não dizer nada daquilo agora.

Não quero enchê-la de esperanças.

Além disso, Jake esperava mesmo que aquele caso fosse resolvido e terminado. Ele e Riley precisavam ir a Lanton no dia seguinte, testemunhar no julgamento de Brant Hayman, o professor universitário que havia matado duas amigas de Riley, e quase matado ela também.

Jake já havia testemunhado em muitos julgamentos de assassinato, mas ele sabia que aquela seria uma experiência nova e possivelmente traumática para Riley. Não seria fácil para ela relembrar a morte das amigas e seu próprio sofrimento nas mãos de Hayman. Jake deu-se conta de que seria melhor se Riley não tivesse aquele caso atual na mente ao passar pelo julgamento.

Com o carro em silêncio, Jake começou a preocupar-se com algo. Havia algo que ele não tinha contado para Riley, e sabia que provavelmente deveria. Mas como ela reagiria? Ficaria com raiva? Confusa? Sentiria-se traída?

Jake engoliu suas preocupações...

É melhor falar logo.

Ele limpou a garganta e disse:

- Riley, preciso te contar algo, E não sei se você vai gostar.

Riley virou-se e olhou para ele, assustada.

Jake disse:

- Depois que eu te deixei em Quantico antes de ontem, eu estava voltando dirigindo para West Virginia, e eu...

Jake respirou fundo.

- Eu fui até a cabana do seu pai e visitei ele – Jake disse.

Riley engasgou-se e respondeu:

- Você o que?

Jake balançou a cabeça.

- Eu sei que parece loucura...

- É, parece mesmo – Riley interrompeu. A expressão em seu rosto revelava mais surpresa do que suas palavras.

Jake suspirou desanimado. Ele estava começando a desejar não ter falado nada. Mas não havia como voltar atrás, e Riley saberia daquilo de qualquer forma, cedo ou tarde.

Ela perguntou:

- Como você encontrou o lugar?

- Pedi o endereço em um bar em Milladore.

- E subiu aquela montanha no meio da noite? – Riley perguntou.

Jake assentiu. Riley disse:

- E ele não estourou sua cabeça com aquela Browning Citori?

Jake riu, sentindo-se estranhamente aliviado com a pergunta.

- Ele atirou algumas vezes, mas para cima. Consegui fazer com que ele não me matasse.

- Você tem sorte – Riley disse.

Ao lembrar-se de se jogar atrás do carro e puxar sua própria arma, Crivaro pensou...

Sim, acho que tive sorte.

- Por que você fez isso? – Riley perguntou.

Jake encolheu os ombros e respondeu:

- Eu estava curioso, só isso.

- Curioso com o que? – Riley perguntou.

Jake não respondeu. Ele não sabia o que dizer.

Riley perguntou:

- Curioso sobre mim?

Jake sorriu e respondeu:

- Você é um enigma, Riley Sweeney. Eu estava só tentando te entender.

Jake olhou de canto e viu Riley de boca aberta.

Momentos depois, Riley disse:

- E como foi a visita?

- Foi boa – Jake disse. – Seu pai faz uma cidra boa.

- Você descobriu o que queria saber? – Riley perguntou.

Jake parou e se lembrou...

Sim, eu aprendi muita coisa.

Ele havia aprendido sobre como Riley fora moldada pelas expectativas

de seu pai. Lembrou-se das palavras de Sweeney...

“Ela é uma caçadora. Como eu. Eu criei ela assim.”

Jake também havia saído do encontro sentindo-se mais impressionado do que nunca com Riley.

Mas ele não queria dar nenhum detalhe sobre aquele encontro estranho. E esperava que Riley não fizesse muitas perguntas.

Por fim, Riley disse, suspirando:

- Bom, a única coisa que faz sentido é que vocês iam acabar se conhecendo, cedo ou tarde. Vocês dois se parecem muito.

Jake estremeceu por dentro.

Ele não sabia se era bom ser comparado àquele estranho homem das montanhas.

Além disso, lembrou-se novamente do que Sweeney havia lhe dito.

“Nunca acredito em um homem cujos filhos não o odeiam.”

Considerando a relação conturbada de Jake com seu filho, aquelas palavras haviam feito muito sentido.

Jake e Oliver Sweeney tinham mais em comum do que ele gostaria?

Riley, então, disse em um sussurro.

- Agente Crivaro... obrigada.

Jake a olhou surpreso.

- Obrigado pelo que? – Ele disse.

Riley riu e respondeu:

- Não sei exatamente. Mas... obrigada.

Os dois ficaram em silêncio. Jake continuou dirigindo e seguiu se perguntando porque Riley tinha o agradecido. Pouco a pouco, começou a perceber algo. Talvez Riley estivesse grata simplesmente por ele ter ido até lá saber mais sobre ela, para entendê-la melhor.

Afinal de contas, de certa forma, ele estava agindo como um pai.

Percebeu que mesmo que suas habilidades como pai fossem muito fracas, ele ainda estava sendo um pai que ela nunca tivera.

Jake sentiu uma ponta de emoção na garganta.

Ele ainda não havia pensado naquilo antes, mas com certeza estava desenvolvendo um sentimento paterno por sua jovem recruta. Talvez, se conseguisse se tornar uma boa influência para ela, poderia se sentir menos culpado sobre tudo o que acontecera com seu filho.

Mas Jake rapidamente disse a si mesmo.

Tome cuidado.

Ser um mentor e um pai eram coisas diferentes, no fim das contas. E talvez não fosse bom misturá-las. Ele já havia sido duro com Riley, mais como um chefe do que como um pai, a ponto de os dois pensarem que a relação entre eles havia acabado.

Além disso, qual seria o tipo de relação deles dali em diante? Riley havia sido expulsa da Academia, e Jake não poderia continuar sendo parceiro de uma jovem civil. Logo, logo, ela teria que começa a buscar seu próprio caminho na vida.

Mesmo assim, talvez eu possa ser parte disso.

Jake encontrou-se lembrando do momento em que estava saindo da cabana e Sweeney o dissera...

“Crivaro—eu sei algo sobre você. Algo que talvez você não saiba sobre si mesmo.”

Jake havia se virado e olhado para ele. Sweeney dissera:

“Você é um cara do bem.”

Jake sorriu para si mesmo e pensou...

Não seria bom se isso fosse verdade?

*

Durante o restante da viagem para Hyland, Riley encontrou-se pensando sobre o que Crivaro havia dito. O fato de que ele havia se aventurado pelas montanhas em Milladore à noite para visitar seu pai não saía de sua mente.

E quando o agradecera, ela havia sido sincera.

Naquele momento, com tantas coisas acontecendo em sua vida, era bom saber que alguém estava não só cuidando dela, mas genuinamente curioso sobre sua vida.

Há quanto tempo ninguém a tratava daquele jeito? Ryan certamente não vinha mostrando muita consideração ou preocupação ultimamente. Era estranho pensar que ela se sentia mais próxima daquele agente rabugento do FBI do que do seu próprio noivo.

Mas é assim que as coisas são.

Ela estava feliz em ter Crivaro em sua vida naquele momento, e ficou triste ao se dar conta de que eles provavelmente se separariam logo, logo.

Pelo menos eles ainda estariam juntos no dia seguinte, quando ambos testemunhariam no julgamento e Brant Hayman. Quanto mais perto Riley ficava de estar frente a frente com seu ex-professor e quase assassino no

tribunal, mais assustada ela se sentia. Ela sabia que precisaria do suporte emocional de Crivaro naquele momento.

Quando chegaram a Hyland, Riley ficou assustada ao ver como a cidade era pequena—muito menor até do que Dighton, talvez com apenas algumas centenas de pessoas.

O tipo de cidade onde nada acontece.

Mas Riley sabia que algo havia acontecido ali perto—um assassinato horrível que, ela imaginava, vinha aterrorizando os moradores de Hyland desde então.

Crivaro estacionou em frente à estação policial e eles saíram do carro. Havia poucos pedestres por perto. Riley ouviu Crivaro suspirando aliviado.

- Nenhum repórter—pelo menos até agora – ele disse. – Acho que eles ainda não souberam dessas prisões, graças a Deus.

Um homem saiu da estação quando Riley e Crivaro se aproximaram—um homem nada atraente com o rosto marcado. Ele vestia uma jaleco médico branco.

O homem caminhou até eles com um sorriso no rosto. Ele disse:

- Ora, ora, se não é o cara do FBI de novo. E trouxe ajuda dessa vez. Não estou surpreso por você ter chegado bem a tempo de não ser útil para nada. O comandante tem os assassinos presos. É como eu disse desde o começo—os irmãos Cardin são culpados. Ainda não sei qual dos dois idiotas matou minha pobre Alice, mas não vai demorar até eu saber—e não graças a você.

Sem dizer mais nada, o homem passou por Riley e Crivaro e seguiu seu caminho.

- Quem é ele? - Riley perguntou a Crivaro, enquanto os dois olhavam para o homem.

Crivaro respondeu:

- Dr. Earl Gibson—o marido da primeira vítima. Quando encontrei ele da outra vez, ele tinha certeza de que os irmãos Cardin eram os assassinos, e ficou furioso quando Phil Cardin foi solto. Acho que no fim ele pode estar certo.

Riley e Crivaro entraram na estação policial, onde dois homens uniformizados estavam conversando. O maior dos dois estava mastigando um maço de tabaco—o comandante Tallhamer, Riley imaginou. Ela ficou surpresa ao reconhecer o homem menor. Era Graham Messenger, o comandante da polícia de Dighton.

Crivaro apresentou Riley aos dois homens—mais uma vez como “agente em treinamento”. Então, pediu a eles que contassem o que havia acontecido.

Assentindo em direção a Tallhamer, Messenger disse:

- Receio que meu colega Dave tenha lhe telefonado sem necessidade. Ele também me ligou, e eu cheguei há um tempo.

Tallhamer apontou para a porta nos fundos da estação e acrescentou:

- Levei Dave lá para ver os irmãos nas celas, e todos tivemos uma conversa séria. Os Cardin são os assassinos. Eu não tinha certeza quando telefonei, mas agora tenho.

Então, Messenger cruzou os braços e disse:

- Então não vamos mais precisar da ajuda do FBI. Vocês podem voltar para Quantico.

Riley viu Crivaro com o queixo caído. Ela sabia, é claro, que Crivaro e sua equipe de peritos só estava ali por conta do pedido de Messenger. Cabia a Messenger decidir se eles deveriam ficar ou sair. Mas Crivaro obviamente não esperava ser dispensado daquela maneira.

Crivaro perguntou a Tallhamer:

- Como vocês apreenderam eles?

Tallhamer explicou:

- Harvey Cardin apareceu na cidade ontem, tarde da noite, e foi direto ao apartamento do irmão. Quando meus homens entraram, eles estava arrumando as coisas para ir embora para sempre. Eles sabiam que seriam pegos se ficassem aqui muito tempo.

Messenger riu e disse:

- Claro, pelo que eles dizem, eles são totalmente inocentes.

Riley ouviu outra voz dizendo:

- Eles *são*. E você não pode provar o contrário.

Riley virou-se e viu um homem caminhando instável em direção a eles.

Crivaro sussurrou para ela:

- Esse é Ozzie Hines, o advogado de Phil Cardin.

Os olhos de Riley arregalaram-se de surpresa.

Advogado?

Ela pode sentir o cheiro de álcool vindo do homem mesmo a muitos metros dele.

Hines apontou o dedo para os dois comandantes e disse:

- Você ouviu o que Harvey acabou de dizer. Ele saiu da cidade porque estava cansado de Hyland e de como ele e seu irmão eram tratados aqui. O

único motivo dele ter voltado foi para conversar com Phil e convencê-lo a ir com ele. Por isso eles estavam arrumando as coisas. Nenhum deles matou ninguém.

Tallhamer e Messenger sorriram ao mesmo tempo para Hines.

- Qual é, Ozzie – Tallhamer disse. – Isso não faz sentido e você sabe disso.

Messenger acrescentou:

- Quando nós perguntamos onde Harvey estava e o que ele estava fazendo durante a última semana, as respostas foram todas confusas. Ele não consegue nem decidir o próprio álibi.

Ozzie Hines estava vermelho de raiva naquele momento. Ele disse:

- Tallhamer, Messenger—vocês dois interrogaram meu cliente antes que eu chegasse aqui. Vocês sabem que isso não é legal. Vocês violaram os direitos da Quinta Emenda. O mesmo serve para o irmão dele, estou representando ele também agora. Nada do que eles disseram pode ser usado no tribunal.

Tallhamer e Messenger riram alto.

- É muita besteira – Tallhamer disse.

- Phil e Harvey sabiam dos direitos deles quando falaram conosco – Messenger acrescentou. – Eles só se cansaram de esperar você ficar sóbrio o suficiente para vir até aqui.

Riley viu que os olhos de Crivaro estavam indo e voltando entre os dois comandantes.

Ele disse:

- Acho que eu e Sweeney deveríamos falar com os suspeitos.

Ozzie Hines soltou um grunhido desafiador.

- Bom, você *não pode* falar com eles, senhor FBI. Ninguém mais aqui vai falar com eles, e eles não vão falar com ninguém—não até eu dizer o contrário, o que provavelmente nunca vai acontecer.

Hines virou-se e deu passos tremendo, mas firmes, em direção à porta que levava às celas.

Tallhamer e Messenger cutucaram-se e riram.

- Pobre Ozzie Hines – Tallhamer disse. – Esse bêbado está fora de si. Ele sabe muito bem que não tem como lidar com um caso de assassinato—especialmente quando os dois clientes dele são obviamente culpados.

Messenger acrescentou:

- Sim, ele estava sendo durão agora, mas é tudo farsa. Ele provavelmente

voltou lá para tentar convencer os irmãos Cardin a fazerem algum tipo de acordo, começando com uma confissão.

Crivaro apertou os olhos ao dizer:

- Acho que eu, Sweeney e minha equipe de peritos deveríamos ficar no caso um pouco mais.

Messenger encolheu os ombros e respondeu:

- Por que? Nós já dissemos, os Cardin estão pegos.

Tallhamer soltou uma risada falsa e disse a Messenger:

- Acho que o Agente Crivaro está se sentindo um pouco deslocado, já que nós resolvemos o caso antes que ele e sua super equipe de federais pudessem descobrir algo. Deve ser difícil para o orgulho dele.

- Deve ser isso – Messenger disse. – Eu sinto muito, Agente Crivaro. Mas é sério, é hora de você e sua equipe voltarem para Quantico.

Riley pode sentir Crivaro tenso enquanto ele pensava em algo a mais para dizer. Mas Jake sabia que nada mudaria a mente daqueles dois homens.

Então, ele disse a Messenger:

- Tudo bem, então. Mas nós estamos com seu carro. Sweeney e eu temos outro negócios para resolver em Lanton amanhã, nada a ver com esse caso. Tudo bem se nós ficarmos com ele mais um dia?

- Se você trazer ele inteiro – Messenger disse.

Crivaro virou-se para Riley e disse:

- Vamos, então.

Quando Riley e Crivaro saíram da estação e entraram no carro, ela perguntou:

- Vamos mesmo deixar esse caso?

Crivaro tossiu ao ligar o carro e sair de onde estava estacionado.

- Me diga, Riley. O que sua intuição está te dizendo agora. Você acha mesmo que esses dois brincalhões pegaram dois assassinos com todas as provas suficientes?

Riley respondeu imediatamente.

- Não, não acho.

- Nem eu – Crivaro disse ao dirigir. – Ninguém pode nos mandar para nenhum lugar. Meus peritos ainda estão em Wynnewood, e é lá que eles vão ficar por enquanto. Enquanto isso, você e eu vamos testemunhar no julgamento em Lanton amanhã. Não é tão longe, do outro lado da montanha. Vamos pegar um hotel para hoje. Podemos voltar correndo se for preciso.

Quando viraram a curva para sair da cidade, Riley viu o homem de

jaleco branco na rua—Dr. Earl Gibson, ela rapidamente lembrou.

Quando Gibson viu quem estava no carro, seus olhos encontraram os de Riley. O olhar do homem era estranho e hostil.

Riley sentiu-se arrepiada até a alma, mas não sabia porque.

Era mais do que o fato de a aparência dele ser familiar.

Algo está muito errado com esse cara, ela pensou.

Mas fosse o que fosse, ela deu-se conta de que não tinha nada com aquilo.

Tentou tirar o médico de sua mente quando Crivaro seguiu para fora de Hyland.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Sentada no tribunal esperando para testemunhar, Riley precisou lembrar a si mesma de que aquilo não era outro sonho. Passar pela última parte de um longo julgamento de assassinato parecia estranho e desorientador.

Desejou ter estado ali durante parte dos últimos procedimentos—Brant Hayman dizendo que não era culpado, as perguntas para as outras testemunhas, a apresentação das evidências, testemunhos de especialistas, tudo.

Ao invés disso, sentiu-se perdida, confusa e assustada. Perguntou-se se teria coragem de testemunhar.

Ao mesmo tempo, não havia se dado conta de que um julgamento de assassinato poderia parecer tão estranho e surreal. Não era como se algo tão bizarro estivesse acontecendo. Pelo contrário, o que a incomodava era como tudo parecia tão formal e regimentado.

A sala do júri em si parecia um museu, com seu teto alto, painéis de madeira e móveis amadeirados, o imponente banco do júri e as cadeiras para os espectadores.

Riley lembrava-se muito bem dos assassinatos, e aquelas memórias traziam de volta sentimentos de horror, dor e confusão—muito diferentes da atmosfera daquele lugar.

Ela quase se perguntou...

Estou no lugar certo?

Isso aqui é mesmo o julgamento de um assassinato?

Ou é um sonho, no fim das contas?

Depois de chegarem a Lanton, no dia anterior, Riley e Crivaro haviam descansado bem em um hotel da cidade. Antes de irem para o tribunal, naquela manhã, Crivaro havia dito, durante o café da manhã:

“Hayman não tem defesa. A evidência contra ele é sólida. Não tem chance de dúvidas. A única pergunta é—ele vai se declarar inocente? Ele poderia ter conseguido um acordo se cooperasse com os procuradores. Agora é praticamente certo que ele vai pegar pena de morte.”

De fato, de acordo com o que Riley sabia, todos no tribunal haviam ficado surpresos quando Hayman declarara-se inocente. Até o advogado

dele parecia estar extremamente mexido.

Naquele momento, Mona Brogden, a procuradora, estava questionando um policial no banco das testemunhas. Ele estava apresentando evidências claras. A polícia tinha bilhetes que Hayman havia escrito sobre cada um dos assassinatos—bilhetes que ele deveria ter pretendido destruir depois do trauma.

Ele havia escrito aqueles bilhetes antes e depois dos crimes—primeiro descrevendo, antes dos fatos, exatamente como ele pretendia matar as vítimas, e depois relatando como cada assassinato havia sido feito, anotando com cuidado o que havia feito de diferente de seus planos originais.

O testemunho do policial fez Riley sentir-se um pouco menos preocupada.

Com certeza, aqueles bilhetes provavam a culpa de Hayman.

Depois, o advogado de Hayman, Kirby Larch, levantou-se para interrogar a testemunha. Ele mostrou pouca convicção ao sugerir que os bilhetes de Hayman haviam sido apenas um exercício acadêmico—uma tentativa sua de imaginar o que o assassino poderia estar experimentando. Aquela era uma defesa fraca, e Larch parecia saber disso.

Mas quando o advogado sentou-se novamente, Hayman sorriu.

Ele está tramando algo? Riley imaginou.

Ele tem uma carta na manga?

Até então, Hayman não parecia ter percebido a presença dela no tribunal. Ela havia esquecido o quanto ele era bonito e charmoso, mesmo agora, vestido casualmente.

Ele não parecia um homem que havia matado brutalmente duas jovens alunas, cortando suas gargantas em seus dormitórios.

Mas, de fato, Riley havia errado no julgamento sobre ele desde o começo.

Ela lembrou-se da primeira aula com ele. Era caloura, e ele era só um assistente, ainda não um professor. Ela havia visto nele o professor mais animador, estimulante e inspirador que tivera. Por causa dele, decidira seguir na psicologia.

Depois que o policial foi liberado do testemunho, o Agente Crivaro foi chamado. Crivaro havia alertado Riley de que seu testemunho provavelmente seria sem graça. Sua tarefa, ele dissera, seria simplesmente relatar suas próprias ações como agente do FBI, sem demonstrar sua raiva pessoal pelo homem no tribunal.

Enquanto Crivaro respondia às perguntas da procuradora, Riley ficou impressionada ao ver como ele contou sua história sucinta e claramente—como ele havia ido a Lanton a pedido da polícia local depois do segundo assassinato, e como ele e sua equipe tinham utilizado suas habilidades para tentar encontrar o assassino.

Crivaro também contou como havia conhecido Riley e logo percebera que ela tinha potencial para fazer parte do departamento de análise comportamental. Descreveu como ela havia trabalhado com ele no caso—às vezes com ideias valiosas, às vezes cometendo erros de principiante, mas sempre fazendo o melhor possível.

Depois, contou como Riley, sem querer, tinha o levado diretamente ao assassino, e como ele havia a salvado de se tornar a próxima vítima. Por fim, descreveu como havia abordado e prendido Brant Hayman.

A procuradora agradeceu Crivaro pelo testemunho. Então, entregou a testemunha ao advogado de defesa para que ele fizesse mais perguntas.

Ainda parecendo desanimado, Kirby Larch perguntou a Crivaro:

- Você tem *certeza* que meu cliente estava tentando matar Riley Sweeney quando você entrou na sala dele? Não seria possível ser o contrário? Talvez meu cliente só estivesse se defendendo?

Crivaro não escondeu a surpresa com a pergunta.

- Eu sei o que vi – ele disse a Larch. – Se eu tivesse chegado um minuto depois, Hayman teria matado ela. E era exatamente isso o que ele estava tentando fazer.

- Obrigado – Larch disse. – Não tenho mais perguntas, meritíssimo.

Novamente, Riley se surpreendeu. Por que Larch não havia feito mais perguntas a Crivaro? Ele achava mesmo que não fazia sentido tentar desafiar o testemunho de Crivaro?

Crivaro levantou-se e Riley engoliu em seco ao se dar conta...

É minha vez.

Ela lembrou-se de como Brogden havia a preparado para aquele momento há pouco tempo, a ajudando a pensar no que ela deveria dizer.

“Apenas diga a verdade”, Brogden dissera.

Parecia simples. Então por que era tão assustador agora?

O oficial de justiça chamou Riley, e ela levantou sua mão direita para jurar dizer a verdade em seu testemunho. Então, Mona Brogden caminhou em direção à testemunha e disse, em um tom gentil:

- Senhorita Sweeney, como você se sente hoje?

Riley quase disse “bem”, antes de lembrar-se, um pouco assustada:

Estou sob juramento.

Não estou exatamente “bem”.

Ao invés disso, disse:

- Estou nervosa e assustada.

Brogden assentiu e disse:

- Eu sei, e entendo. Sinto muito por você ter que passar por isso. Mas seu testemunho será muito importante hoje.

- Entendo – Riley disse.

Sempre mantendo o tom gentil e simpático, Brogden fez as mesmas perguntas que havia feito a Riley durante a preparação—perguntas sobre Riley ter descoberto o corpo de sua amiga Rhea Thorson no quarto dela, suas interações com a polícia local e sobre o fato de ter encontrado o corpo de sua melhor amiga, Trudy Lanier, no quarto que elas dividiam.

Ao descrever tudo aqui, Riley sentiu-se como se estivesse saindo de seu corpo, olhando tudo à distância, relatando eventos que haviam acontecido com outra pessoa. Ficou aliviada ao perceber que Hayman ainda não estava fazendo contando visual com ela. Ele parecia estar ignorando sua presença. Riley não entendeu porque.

Ela falou sobre a chegada de Crivaro em Lanton e como eles tinham feito o melhor enquanto equipe. Por fim, explicou como suspeitara de que um professor gentil de psicologia era o verdadeiro assassino, e como havia ido à sala de Brant Hayman para compartilhar suas ideias com ele.

Fora naquele momento que Hayman revelara sua verdadeira natureza.

Ele havia atacado Riley brutalmente, e quando ela se defendera, ele a contara sobre seus motivos escusos. Ele estava conduzindo um estudo científico sobre terror e luto em massa, usando o campus de Lanton como laboratório. Ele próprio havia cometido os assassinatos para provocar as reações que queria estudar.

O plano, ele dissera, estava indo muito bem até o momento em que ela o questionou.

Por isso ele precisaria matá-la também, Hayman dissera.

Riley fizera o melhor possível para se defender, mas ele havia a pegado. Começara a estrangulá-la com sua gravata, e ela já estava perdendo consciência quando o Agente Crivaro destruiu a porta para salvá-la.

Por fim, Brogden a perguntou:

- Senhorita Sweeney, existe alguma chance de você ter interpretado a

situação de forma errada? Você disse que tentou se defender. Mas você tem certeza que o Professor Hayman estava mesmo tentando lhe machucar? Ele não pode ter sentido que precisava se defender de você?

- Não mesmo – Riley disse. – Eu sei o que aconteceu. Ele estava tentando me matar. E admitiu abertamente que matou minhas duas amigas.

Brogden virou-se para o juiz e disse:

- Sem mais perguntas, meritíssimo. A defesa pode questionar a testemunha.

Para a surpresa de Riley, Kirby Larch levantou-se ao lado de seu cliente e disse;

- A defesa não tem perguntas para essa testemunha, meritíssimo.

Novamente, Riley sentiu que Larch já considerava aquele caso perdido. Mesmo assim...

Ele não deveria pelo menos tentar defendê-lo?

Larch cochichou com Hayman por alguns momentos.

Então, levantou-se e disse ao juiz:

- Meritíssimo, se o tribunal não tiver objeções, gostaria de chamar o Professor Brant Hayman para depor.

O local ecoou em vozes confusas e assustadas.

Riley também foi completamente pega de surpresa.

Por que diabos Hayman iria querer depor?

O que ele poderia dizer que não incriminaria a si mesmo?

Mesmo não sendo advogada, Riley imaginou que aquela fosse uma tática insana.

O juiz bateu seu Marcelo e pediu ordem na corte. Então, disse:

- Permissão concedida.

Hayman levantou-se e caminhou até o púlpito das testemunhas, onde afirmou que suas palavras seriam verdade.

Ao sentar-se, olhou diretamente para Riley pela primeira vez.

Ele sorriu com muita satisfação, como se estivesse feliz ao pensar no que viria a acontecer em seguida.

Riley arrepiou-se profundamente.

Até então, nada naquele julgamento estava fazendo sentido, inclusive a declaração de Hayman como inocente.

Mas agora...

Riley sentiu-se presa no olhar dele, como um inseto em uma vitrine.

Teve certeza de que Brant Hayman estava prestes a fazer ou falar algo

que ninguém estava esperando.

E tem algo a ver comigo.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Riley tentou desviar o olhar de Hayman. Mas de alguma maneira, não conseguiu deixar de olhar para ele. Encontrou-se lembrando de como a presença do professor era cativante na sala de aula, como o tempo passava rápido quando ele estava ensinando. Outros alunos haviam dito a ela que sentiam o mesmo.

Naquela época, ela gostava do feitiço estranho que ele lançava sobre os alunos.

Parecia algo positivo e animador.

Mesmo agora, sentado na posição de réu, um prisioneiro acusado de assassinato, aquele homem tinha o mesmo magnetismo.

Mas, naquele momento, aquilo era assustador e perigoso.

Depois de alguns momentos, Kirby Larch perguntou a seu cliente:

- Professor Hayman, o relato da senhorita Sweeney sobre o encontro de vocês na sua sala é verdadeiro?

Ainda olhando diretamente para Riley, Hayman sorriu e disse:

- Nenhum pouco. Ela me atacou, e não o contrário. Sendo justo, no entanto, ela tinha bons motivos. Ela achava que eu tinha matado suas duas amigas, estava com raiva, e eu não consegui fazer ela me ouvir. Ela era uma mulher surpreendentemente forte e...

Ele parou, encolheu os ombros e continuou:

- Bem, eu fiz o que tinha que fazer. Quando o Agente Crivaro invadiu minha sala, deve ter parecido que eu era o agressor. Mas a verdade é que eu fiquei aliviado quando ele chegou. Eu temi de verdade pela minha vida.

Kirby Larch coçou seu queixo e disse:

- Então a conversa que a senhorita Sweeney diz ter tido com você, quando você supostamente admitiu ter matado as amigas dela como parte de um experimento—não aconteceu?

Hayman olhou para seu advogado e respondeu:

- Não, eu nunca disse nada disso.

- Por que você acha que ela inventaria algo assim? – Larch perguntou.

O procurador levantou-se e gritou:

- Contesto! O réu está sendo questionado para especular sobre as

motivações da senhorita Sweeney. Ele não é um leitor de mentes.

Larch disse:

- Não, mas ele é professor de psicologia. Meritíssimo, a pergunta tem relação com a credibilidade da testemunha anterior. Em sua própria defesa, meu cliente merece dizer o que acha disso.

O juiz franziu a testa por um momento, depois disse:

- Permissão concedida.

Hayman voltou a tornar seu olhar perturbador para Riley. Ele disse:

- Por mais estranho que possa parecer, não acho que essa jovem estava mentindo. A história dela é um caso extremo de confabulação—uma crença em experiências imaginárias fabricadas. Na mente dela, ela criou essa história por algum tempo. Eu percebi que ela tinha essa tendência quando era minha aluna. Ela tinha uma imaginação incrível—e uma tendência infeliz de acreditar que suas próprias imaginações eram fatos.

Riley encheu-se de raiva.

Ele está fazendo parecer que eu sou louca, pensou.

Alguém no tribunal estaria acreditando nele?

A simples possibilidade a assustou.

A voz e o jeito dele eram convincentes, e ele parecia sincero e autoritário.

Riley quase pensou que *ela mesma* acreditaria nele se estivesse no tribunal.

Hayman continuou:

- A verdade é que eu acho que deixei nossa relação sair um pouco de controle. Acho que me tornei mais do que um professor para ela. Me tornei um tipo de mentor.

Riley arrepiou-se ao perceber...

É verdade.

O impacto dele sobre ela enquanto novata havia sido enorme.

Ela arrepiou-se ao se lembrar do dia em que disse a ele...

“Eu sempre quis te dizer... você me inspirou muito para fazer Psicologia.”

Hayman acrescentou:

- Não que eu tenha visto algo errado nisso, pelo menos não na época. Riley Sweeney me parecia uma jovem talentosa—brilhante, na verdade. Eu estava orgulhoso por ela dar tanta importância a mim. Mas não percebi que... bem, que ela tinha problemas pessoais. Meu palpite é que ela tinha ou tem

problemas de relacionamento com o pai. Ela estava procurando por uma figura que substituísse seu pai há muito tempo.

Riley sentiu-se paralisada.

Por que ele precisava falar tanto sobre ela?

Queria colocar suas mãos nos ouvidos...

Se eu continuar escutando, vou acabar acreditando que sou louca.

Hayman então olhou para Riley e Crivaro e disse:

- Tenho tentando acompanhar a vida de Riley desde então. Bem... desde que essa coisa terrível aconteceu. Fiquei de olho nela mesmo durante meu tempo preso. Ela vem treinando para se tornar uma agente do FBI, eu soube. E encontrou outro mentor—a testemunha que falou antes, o Agente Especial Jake Crivaro. Meu palpite é que de certa forma ele tenha uma influência mais apropriada para ela do que eu poderia ter, sendo de certa forma um homem mais velho.

Riley pode ver o rosto de Crivaro vermelho de raiva.

Todo mundo no tribunal parecia completamente confuso, inclusive o procurador.

Hayman olhou para Riley novamente, como se estivesse falando com ela a sós.

- Me diga, Riley—como vai esse seu novo caso? Algo relacionado com a “corda do diabo”, pelo que eu soube.

Riley estremeceu.

Ele está seguindo minha vida mesmo.

Hayman continuou:

- Dois homens foram presos ontem, não foram? Dois irmãos. Mas você tem dúvidas sobre eles serem realmente culpados, não tem? Você deveria prestar atenção nessas dúvidas. Siga seus instintos. Mas não tenha medo. Cedo ou tarde, esses instintos vão levar você a um mundo com seus próprios pesadelos. Se já não estão levando...

Quase como se tivesse saído de um estado de transe, o procurador levantou-se.

- Contesto, meritíssimo! Isso já foi longe demais!

- Concordo – o juiz disse, batendo seu martelo. – O réu—a testemunha—está liberado.

Mas Hayman não se moveu da cadeira.

Ainda olhando para Riley, ele sorriu e disse:

- Pense, Riley—sobre dor, culpa, auto-ódio, e especialmente feiura.

Riley sentiu-se prestes a explodir.

Ela não conseguia mais aguentar aquilo.

Então, levantou-se e correu para fora do tribunal. Parou no corredor, respirando fundo e cansada. Em poucos segundos, Crivaro apareceu na porta e a segurou pelo ombro.

- Riley, sente-se. Respire. Vai ficar tudo bem.

Riley sentou-se com Crivaro em um banco de madeira.

Lutando contra suas próprias lágrimas, disse:

- Não vai ficar tudo bem. Ele vai escapar. Vai ser declarado inocente.

Crivaro apertou a mão dela com força e disse, com a voz firme:

- Não, ele não vai. Eu prometo.

- Como você pode prometer? – Riley perguntou.

- Pense, Riley. Ele nem está tentando se defender. Se estivesse, estaria falando sobre os bilhetes que escreveu, tentando explicá-los. Mas ele sabe que é impossível. O destino dele está selado. Acho que o veredito deve sair até amanhã.

Riley sentiu-se confusa.

- Então o que ele estava tentando fazer... agora?

Crivaro afastou-se um pouco, como se estivesse tentando encontrar uma resposta.

Por fim, ele murmurou:

- Riley, você não vai gostar disso.

- Me diga – Riley respondeu.

Crivaro balançou a cabeça e continuou:

- É sobre você. Tudo isso. Ele se declarar inocente, o julgamento, tudo. Tudo o que ele queria era um momento para olhar nos seus olhos e fazer você questionar sua própria sanidade.

- Mas por que? – Riley perguntou.

Crivaro encolheu os ombros.

- Você precisa perguntar? – Ele disse. – Riley, você me levou a ele. Por sua culpa ele está pagando pelo que fez. Você e seus instintos. Isso tem acabado com ele, todo esse tempo que ele esteve preso, pensar que ele deixou uma jovem aluna acabar com seus planos brilhantes. Ele nunca vai conseguir se vingar de você, nunca vai chegar nem perto. Mas...

Riley sentiu que estava começando a entender. Ela disse:

- Mas indo a julgamento, me olhando no olho, ele poderia bagunçar minha cabeça pela última vez.

Ela suspirou e acrescentou:

- E ele conseguiu.

- Não mesmo – Jake disse, rindo. – Foi puro desespero da parte dele.

Ele não tem nenhum poder sobre você—não agora. Digo, ele pegou a única oportunidade que teve e fez o pior, e você pareceu bem centrada para mim.

Riley ficou em silêncio por um instante.

Ela pensou no que Crivaro estava dizendo.

E sentiu que era verdade.

Até então.

Mas sentiu que Crivaro estava deixando algo passar.

Hayman deveria ter algum motivo a mais do que simplesmente fazê-la achar que estava ficando louca.

Mas o que seria?

Lembrou-se de algo que ele havia dito sobre ela.

“Eu estava orgulhoso por ela dar tanta importância a mim.”

Então, murmurou alto...

- Ele queria terminar a tarefa de ser meu mentor.

Crivaro olhou assustado.

- Oi?

Ainda tentando entender a verdade, Riley lembrou-se das últimas palavras que ouvira Hayman dizer:

“Pense, Riley—sobre dor, culpa, auto-ódio, e especialmente feiura.”

Aquelas palavras ecoaram em sua mente, misturadas com as imagens que ela havia visto nos últimos dias.

Riley engoliu em seco e disse a Crivaro:

- Temos que voltar para Hyland. Agora.

- Por que? – Crivaro disse.

- Eu sei quem matou essas mulheres – Riley disse. – E não foram os irmãos Cardin.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Dirigindo de volta para Hyland, Jake ouviu avidamente a nova teoria de Riley. Ela estava certa de que Brant Hayman havia dado uma dica durante seus últimos momentos no tribunal, antes de sua saída. E agora, ela acreditava que havia entendido o que ele queria dizer. Riley disse:

- As palavras que Hayman usou—dor, culpa, auto-ódio e feiura. São as características do assassino. Ele está vivendo com isso a vida inteira. E agora está tentando escapar de todos esses sentimentos, colocando-os em outras pessoas. As vítimas morrem de um jeito incrivelmente doloroso—mas mais do que isso, degradadas, desfiguradas, até humilhadas.

Jake levantou a sobrancelha, cético:

- É uma ideia interessante – ele disse. – Mas como Hayman pensou nisso?

Jake ouviu Riley suspirar.

- Ele é brilhante – ela disse. – Eu sei que nós odiamos admitir isso, porque ele é um assassino de sangue frio, mas ele tem ideias incríveis sobre patologia criminal. E ele resolveu compartilhar uma última ideia comigo antes de cumprir a pena de morte. Foi como se ele quisesse me dar uma última aula.

Jake balançou a cabeça e disse.

- Riley, não sei se eu...

Riley interrompeu.

- Pense, Crivaro. Você lembra quando nós fomos à cena do crime para ver o corpo de Anna Park? Eu tive uma sensação forte sobre o assassino—de que tudo o que ele estava fazendo era sobre dor. Mas não era só sobre a dor das vítimas. Era sobre a dor dele próprio.

Jake começou a perceber alguma verdade no que Riley estava dizendo. Ele falou:

- E o assassino está com dor porque...

- Ele é feio – Riley disse. – Ele tem vivido com humilhação, culpa e auto-ódio a vida inteira.

De repente, uma luz pareceu acender na mente de Jake.

Ele lembrou-se de uma frase que Phil Cardin havia usado para descrever

o novo marido de sua ex...

“... aquele sapo com quem ela casou depois.”

Jake também se lembrou de como ele mesmo havia reagido quando vira o rosto do homem pela primeira vez.

-Meus Deus – ele murmurou, olhando para Riley. – Você acha que o Dr. Gibson é o assassino.

Riley assentiu vigorosamente.

- Tenho quase certeza. Quando fomos a Hyland ontem, eu vi ele caminhando pela rua. Quando ele me viu, parou e me olhou. Era um olhar estranho—hostil, eu pensei na hora. Mas agora me dei conta de que era um olhar de culpa também.

A mente de Crivaro viajou ao considerar a possibilidade.

Faz sentido, ele pensou.

E atualmente, ele precisava admitir, os instintos de Riley estavam funcionando melhor do que os seus. Ele disse:

- Riley, preciso que você ligue para o Comandante Tallhamer do seu celular.

Riley perguntou:

- Devo dizer para ele soltar os irmãos Cardin?

- Não, é muito cedo para isso – Jake disse. – Diga a ele que precisamos do endereço do Dr. Gibson. Vamos visitá-lo.

*

Em uma cidade pequena como Hyland, foi muito fácil encontrar o endereço que Tallhamer lhes deu. O consultório do Dr. Gibson era na verdade um anexo à sua modesta, mas bonita casa, nos limites da cidade. O local era de certa forma isolado, entre as montanhas e o caminho para a floresta.

Jake estacionou e ele e Riley saíram do carro com direção à porta que levava ao consultório de Gibson. Eles entraram em um pequeno hall, onde uma mulher estava sentada à mesa—a recepcionista ou enfermeira de Gibson, Jake imaginou.

Antes que a recepcionista pudesse dizer algo, a porta do consultório se abriu, e o Dr. Gibson saiu dele com uma paciente de meia idade. Ele estava entregando a ela uma receita e amigavelmente dando conselhos de dieta para lidar com colesterol alto. A mulher olhou para eles curiosa, depois

agradeceu o médico e saiu.

Então, Dr. Gibson olhou para Jake e Riley.

Jake lembrou-se de quão nervoso e com raiva Gibson parecera quando havia o confrontado na estação de polícia. Ele dissera...

“Não estou surpreso por você ter chegado bem a tempo de não ser útil para nada.”

Mas, dessa vez, o rosto marcado dela estava brilhando com um sorriso estranho.

- O FBI de novo, então – ele disse. – Desculpe—eu devo ter ouvido seus nomes, mas eu esqueci.

Jake mostrou seu distintivo e apresentou a si mesmo e Riley.

Gibson sorriu de um jeito enigmático e disse a eles:

- Estou feliz por vocês terem vindo aqui.

Então, ele virou-se para a mulher à mesa e disse:

- Julia, acho que a senhora Norris era minha última paciente do dia, certo?

- Certo, doutor – a mulher respondeu.

Gibson assentiu e disse:

- Duvido que alguém vá vir agora. Por que você não vai para casa, Julia? Tire o resto da tarde de folga.

Julia sorriu e respondeu:

- Obrigado, doutor. Vou aceitar.

Enquanto Julia se preparava para sair, Gibson disse a Jake e Riley:

- Essa é uma das coisas boas de ser médico em uma cidade pequena—muito tempo livre. Não tenho muito lucro, mas pelo menos não tenho a mesma pressão e correria dos médicos de cidades grandes. Vamos ali na minha casa e vocês podem me dizer porque vieram aqui.

Eles passaram por uma porta que levava diretamente à sala da casa. Era uma área grande, muito bem decorada com móveis de pelúcia e janelas enormes.

O Dr. Gibson os convidou para sentar em um sofá caro, e então puxou uma grande cadeira confortável para ele mesmo.

Então, colocou suas mãos nos joelhos e disse:

- Acredito que devo desculpas pelo meu comportamento ontem. O luto traz o pior das pessoas—já vi isso em muitas pessoas no meu trabalho, especialmente quando eles perdem alguém que amam. Estou envergonhado por ter deixado isso acontecer comigo. Vocês só estavam aqui para fazer seu

trabalho, afinal, e investigar assassinatos não deve ser algo legal. Tenho certeza que podemos respirar aliviados agora que os assassinos da minha mulher estão presos. Vocês gostariam de beber algo—chá gelado, talvez?

Algo na hospitalidade de Gibson pareceu forçado e falso para Jake. Mas é claro, se Riley estivesse certa, Gibson estaria apenas fingindo ser amigável.

- Não, obrigado – Jake disse. – Estamos aqui apenas para esclarecer algumas coisas.

- Claro – Gibson disse. – Como posso ajudar?

Jake hesitou. Ele não estava certo de como proceder. Como ele poderia fazer com que o homem confessasse, para descobrir que ela era o verdadeiro assassino? Que tipo de perguntas fariam com que ele se entregasse?

Jake e Gibson olharam-se por um instante.

Então, com um sorriso irônico, Gibson disse:

- Acredito que você tenha perguntas sobre *mim*, não é mesmo Agente Crivaro?

Jake arrepiou-se ao perceber:

Ele sabe porque nós estamos aqui.

E agora—o homem iria fazer algum tipo de jogo com eles? Jake decidiu ir devagar e descobrir como o médico iria agir.

Gibson cruzou os braços e encostou-se em sua cadeira. Ele disse:

- Imagino que vocês gostariam de investigar a casa. Vocês têm um mandado?

Jake balançou a cabeça.

- Bom, não importa – Gibson disse, gesticulando. – Por mim, vocês podem olhar o que quiserem.

Gibson levantou-se de sua cadeira e acrescentou:

- Vamos lá. Vou mostrar algo que pode interessar vocês.

Jake e Riley trocaram olhares, então se levantaram e seguiram Gibson até duas portas no outro lado da sala. Gibson abriu as duas, revelando outra sala, quase tão grande quanto aquela em que eles estavam.

Uma sala de jantar formal, Jake pensou. Mas não viu nada que parecesse com móveis de uma sala de jantar.

O médico deu um passo atrás e pediu que Jake e Riley entrassem.

Seguido por Riley, Jake entrou no local.

À primeira vista, a desordem vista o confundiu.

Seria aquela algum tipo de sala de exercícios?

Mas por que havia tanto couro, e por que tantos objetos com pontas de ferro?

O queixo de Jake caiu quando ele percebeu o que estava vendo.

A sala estava lotada de cômodas e prateleiras repletas de objetos sexuais—chicotes, algemas, mordanças e vários tipos de engenhocas que ele nem sabia para que serviam.

Mas o mais perturbador eram as bobinas soltas quase que pelo chão inteiro...

Arame farpado!

De repente, Jake ouviu um gemido forte vindo de trás dele.

Virou-se a tempo de ver um sorriso no rosto de Gibson, enquanto ele segurava Riley por trás, forçando um pedaço de arame farpado na garganta dela.

CAPÍTULO TRINTA

Riley foi puxada para trás com algo duro em volta de sua garganta.

Arame farpado, ela se deu conta, ao sentir que o agressor puxou seu corpo inteiro contra o dele.

Menos de um segundo antes, ela havia visto bobinas de arame farpado espalhadas pelo chão. Agora, podia sentir duas pontas afiadas, espaçadas entre si em seu pescoço.

Ficou parada, esperando para ver o que Crivaro faria.

Ele havia puxado sua arma, mas Riley sabia que o Dr. Gibson estava a usando como escudo. Ela não duvidava de que a mira de Crivaro era boa o suficiente para atirar na cabeça do homem se ele decidisse fazer isso. Ele parecia estar avaliando o risco. Mas a julgar por sua expressão, não parecia querer atirar.

E naquele momento, ela também não queria.

Ao tentar pensar no que estava acontecendo e no que fazer, Riley foi surpreendida por uma estranha onda de calma.

A pergunta certa naquele momento era...

O que ele quer?

Concretamente, ele havia acabado de pegar uma refém. Mas para que? O que ele iria querer em troca para libertá-la? Muitos segundos já haviam se passado, e Gibson não havia dado nenhuma dica do que tinha em mente.

Por fim, ele disse a Crivaro, com a voz em desespero:

- O que você acha que aconteceria se eu enfiasse isso aqui na garganta dela, com essas pontas todas? Que tipo de danos? O ferimento seria fundo o suficiente para furar a traqueia dela? Ou a artéria carótida? Ou os dois? Talvez, talvez não. Mas estou curioso o suficiente para tentar—a não ser que você me impeça.

O que ele está pedindo para Crivaro fazer? Riley se perguntou.

Ela sentiu ele movendo e girando seus corpos para posições diferentes. Em um instante, o doutor não estava mais usando o corpo de Riley como escudo. Ele havia se colocado totalmente visível para Crivaro.

Riley teve dificuldades em entender...

Ele percebeu que está facilitando a mira de Crivaro?

Então, percebeu...

É isso que ele quer!

Dr. Gibson estava tentando cometer “suicídio via policial”.

Riley decidiu que não poderia deixar aquilo acontecer.

Ela olhou para Crivaro, que ainda estava apontando sua Glock para o médico. Apenas com os olhos, mostrou a Crivaro que ele não deveria atirar. Parecendo entender, Crivaro assentiu levemente.

Agora é comigo, Riley pensou.

Sua calma aumentou, como se o tempo estivesse passando devagar e ela não tivesse motivos para se apressar. Uma memória veio à sua mente—uma lição de luta que seu pai havia lhe dado em sua cabana, pouco tempo atrás.

Era parte de um sistema chamado Krav Maga, e as técnicas que ele havia a ensinado eram brutais e implacáveis. Ele havia dito:

“A agressão pura é a chave.”

Durante a aula, seu pai havia segurado Riley daquela mesma maneira.

Ela lembrava-se exatamente de como havia escapado.

Preciso fazer o mesmo agora.

Sem hesitar por mais nenhum instante, forçou o punho para trás, na virilha de Gibson. Quando ele soltou um gemido de dor, Riley virou-se e o segurou pelo cabelo com uma mão. Com a outra mão fechada, acertou um soco no rosto dele.

Ao vê-lo caindo no chão, lembrou-se de seu pai dizendo...

“Não pare até ele estar debilitado—ou morto.”

Com a adrenalina no auge, Riley alcançou o objeto mais próximo. Um chicote com um cabo duro de madeira. Ela se agachou ao lado de Gibson e ergueu o chicote para acertar o rosto dele, mas ouviu Crivaro gritar:

- Riley! Não mate ele, cacete!

A voz de Crivaro tirou-a do transe.

O sentimento de agressão saiu de seu corpo, e ela viu o Dr. Gibson tremendo em seus pés, com o nariz sangrando por conta do soco. Riley afastou-se, e Crivaro levantou Gibson.

Ao colocar algemas no médico, Crivaro disse a Riley:

- Onde você aprendeu a lutar assim?

Riley encolheu os ombros e respondeu:

- Meu pai me ensinou.

Crivaro deixou escapar uma risada. Ele disse:

- Eu deveria saber. Seu pai é um cara interessante.

*

Pouco tempo depois, Riley e Crivaro levaram o médico algemado até a estação policial, para a surpresa de todos.

- Que porra é essa! – Tallhamer exclamou.

Crivaro perguntou:

- Você tem uma sala para interrogatórios?

Com a boca aberta, Tallhamer balançou a cabeça, mostrando que não.

- Precisamos de uma cela vazia, então – Jake disse.

Tallhamer foi seguido por Riley e Crivaro enquanto os dois escoltaram Gibson para a cela. As únicas duas celas estavam ocupadas pelos irmãos Cardin. Seguindo as instruções de Crivaro, Tallhamer tirou Harvey de sua cela e colocou-o na outra, junto com Phil. Então, Crivaro jogou Gibson na cela vazia e fez com que ele se sentasse na cama.

Riley entrou com Crivaro na cela, enquanto Tallhamer permaneceu em pé no corredor.

Crivaro disse diretamente a Gibson:

- É melhor você começar a falar. Ou você quer um advogado?

Gibson riu e disse:

- Você diz Ozzie Hines? Ele é o único advogado da cidade e é mais do que inútil. Não, não preciso de um representante legal. Estou pronto para falar. Na verdade, estou feliz com isso. Aliviado.

Os olhos de Gibson miraram Riley e Crivaro, indo e voltando. Novamente, Riley ficou surpresa ao ver como aquele homem era desajeitado, especialmente agora, com o nariz sangrando.

- Me digam – ele falou. – Vocês têm ideia do que é ser desprezado, até pelas pessoas que você mais ama, até por você mesmo? Isso... é assim.

Ele levantou suas mãos algemadas em frente a seu jaleco e abriu o máximo que pode, mostrando seu peito parcialmente.

Riley quase grunhiu alto ao ver que o corpo dele tinha várias feridas podres.

Ele fez isso consigo mesmo, ela percebeu.

Ele se tortura.

Gibson seguiu falando.

- A pequena Alice se arrependeu de se casar comigo. Ela nunca admitiu,

até negou, dizia que me amava de verdade. E acho que ela me amava de certa maneira. E isso só deixou tudo pior, até onde eu sei.

Ele fez um gesto com a cabeça para a outra cela, onde os dois irmãos Cardin estavam assistindo e ouvindo tudo, e disse a Crivaro:

- Ela deveria ter ficado casada com Phil Cardin, mesmo ele sendo um perdedor. Mas ela me escolheu. Em uma cidade pequena como essa, ela não tinha muitas escolhas. Primeiro, eu pensei que tive sorte de casar com uma mulher como ela. Mas pouco a pouco, ficou claro o que ela realmente sentia sobre mim. Ela mal conseguia me olhar.

Gibson estremeceu, então continuou:

- Isso me deixava louco. Eu queria baixar ela ao meu nível. Por isso fazia ela jogar todos aqueles jogos sexuais, com todos aqueles—aqueles *brinquedos* que você viu naquela sala. Eu queria que ela se sentisse feia e rebaixada tanto quanto eu. Ela topava, fingia gostar—só por pena, eu acho. A pena dela foi o que me fez fazer isso, no fim. Isso que me fez matá-la.

O olhar de Gibson pareceu focar dentro dele mesmo, como se estivesse revivendo o crime.

- Nós tínhamos usado todos os tipos de instrumentos. Alguns caros, comprados discretamente pela internet. Mas por fim eu percebi que um material local era o instrumento perfeito de dor—arame farpado. Acho que quando comecei, ela achou que era outro jogo maluco. Logo ela percebeu a verdade. O jeito que ela gritava e implorava, o jeito que a vida foi escorrendo do corpo dela quando ela...

A voz dele se enfraqueceu por um momento.

- Nunca tinha imaginado como seria, gerando tanta dor e medo. Não até descobrir por mim mesmo. A emoção, a alegria intoxicante. Por isso eu fui atrás das outras mulheres, e matei elas do mesmo jeito. Ah, eu me odiei por isso. Mas era como um vício. Se vocês não tivessem me pego, eu iria continuar fazendo, de novo e de novo.

Ele ficou em silêncio novamente.

Mas Riley sabia que ela já havia dito mais do que o suficiente.

Pegamos ele, pensou. Por fim pegamos ele.

CAPÍTULO TRINTA E UM

O caos que veio a seguir foi maior do que Riley queria. A estação policial de Hyland ficou totalmente tumultuada após a confissão do Dr. Gibson, e muitos repórteres já haviam aparecido por lá. Riley não queria ter que lidar com eles, e Crivaro obviamente também não.

Felizmente, os repórteres juntaram-se em volta dos irmãos Cardin assim que eles foram soltos. Riley e Crivaro viram ali a oportunidade de sair pelos fundos da estação sem serem notados. Ela ficou aliviada quando fugiu com Crivaro, indo diretamente para o carro que haviam pego emprestado.

Crivaro entrou no banco do motorista e Riley no do carona.

Ele ficou parado por um momento, olhando para o nada, sem ligar o carro.

Riley imaginou...

O que ele está pensando?

Tentando parecer animada, ela disse:

- Desvendamos essa, ein?

- Crivaro balançou a cabeça levemente e disse:

- Acho que sim.

Então, ele ligou o carro e saiu da vaga.

Riley não pode deixar de sentir-se um pouco ofendida ao ver que Crivaro não estava demonstrando nenhum entusiasmo com a conquista—especialmente porque ela havia sido essencial na prisão do Dr. Gibson.

Talvez ele só esteja sendo tomado pelo cansaço, ela pensou.

Ou talvez fosse outra coisa.

- Para onde vamos agora? – Riley perguntou.

Fazendo uma curva, Crivaro disse:

- Precisamos devolver o carro para o Comandante Messenger em Dighton. Mas foi um dia longo. Primeiro eu quero parar para comer e esvaziar a mente. Depois vou ligar para Lehl e pedir para ele arranjar um helicóptero para voltarmos para Quantico.

Algo no tom de Crivaro incomodou Riley.

O que está acontecendo com ele? Ela se perguntou.

Ao fim da pequena rua principal de Hyland, Jake estacionou em um terreno ao lado do Mick's Diner. Riley lembrou-se de ter ouvido Phil Cardin dizer que havia trabalhado ali. Ao entrarem no restaurante bem iluminado e decorado, Riley ficou surpresa ao ver o local vazio, sem outros clientes. Imaginou que o horário de pico de janta já havia passado—e de qualquer maneira, locais daquele tipo não deviam ter muito movimento em cidades como Hyland. Talvez, apenas nos finais de semana.

Eles sentaram-se em uma mesa de canto e os dois pediram cerveja e hambúrgueres para uma garçonete pouco interessada em seu trabalho. Crivaro manteve-se quieto por alguns momentos, enquanto eles esperavam pela comida.

Por fim, Riley ousou perguntar:

- Então, como você está se sentindo? Digo, sobre termos resolvido esse caso.

Crivaro balançou a cabeça e disse, quase sussurrando:

- Não sei, Riley. Estou com medo de termos pegado o cara errado.

Riley sentiu-se confusa.

Ela quase não acreditou no que acabara de ouvir.

- Não entendi – ela disse.

- Não sei se eu entendi também – Crivaro disse, encolhendo os ombros de leve. – Ainda estou tentando pensar. Mas algo não me parece certo sobre o Dr. Gibson. Por um lado, quando ele confessou, deixou passar pelo menos um detalhe. Você lembra o que ele disse sobre se matar, sobre enrolar a mulher em arame farpado?

Riley forçou a memória até se lembrar.

- Ele disse que ela pensou que fosse outro jogo.

- Sim, e isso não faz sentido – Crivaro disse. – Nós sabemos com certeza que Alice Gibson foi desmaiada com clorofórmio. A perícia encontrou no sangue dela. Foi *assim* que o assassino a raptou. Mas Gibson não falou nada sobre clorofórmio. Ele parece pensar que Alice estava consciente o tempo todo.

Riley estava começando a ficar irritada. Ela disse:

- Você está exagerando. Talvez ele tenha feito ela jogar jogos sinistros com arame farpado antes de tê-la matado de verdade. Talvez ele só tenha esquecido de mencionar o clorofórmio.

- Talvez, mas eu acho que não – Crivaro disse. – Eu já ouvi muitas confissões falsas na vida. Minha intuição me diz que essa foi mais uma.

A garçonete chegou para servir as cervejas e hambúrgueres. Riley esperou até que a mulher saísse e disse:

- Agente Crivaro, o que você está dizendo não faz nenhum sentido. *Minha* intuição vem me dizendo o tempo todo que o assassino é obcecado por dor. E o Dr. Gibson é com certeza louco por dor. Você viu todas as coisas naquele quarto. Você viu que ele torturou a si mesmo.

Crivaro inclinou-se para frente e disse:

- Ele é obcecado pela *própria* dor, Riley. É um masoquista, não um sadista. Ele disse mais uma coisa que eu não consigo acreditar—que ele forçava a esposa a jogar aqueles jogos para “rebaixá-la ao nível dele”. Minha aposta é que ele não tinha que *forçar* ela a fazer nada. Ela era quem dominava. E os jogos bizarros deles eram o que mantinha o casamento em pé. Perder tudo isso deixou ele louco. Mas não fez dele um assassino.

Riley estava tendo problemas para processar o que estava ouvindo.

- Mas e o arame farpado? – Ela perguntou. – Não é muita coincidência que esses jogos sexuais envolvessem o mesmo material que foi usado para matar a mulher dele e as outras duas?

Balançando a cabeça novamente, Crivaro respondeu:

- Não é nenhuma coincidência. Isso é algo novo para ele. Ele se tornou obcecado por arame farpado *depois* da morte da mulher. Aí foi quando ele comprou e começou a usar para punir a si mesmo.

- Punir a si mesmo pelo que? – Riley perguntou.

Crivaro parecia estar começando a ficar impaciente.

- Riley, quantas vezes eu vou ter que dizer? Ele é um *masoquista*. Ele se sente envergonhado e culpado por *tudo*. E a morte da esposa levou ele além da culpa, a um abismo emocional, com sensações com as quais ele não soube lidar. Ele tentou se autoflagelar com arame farpado. Mas no fim, a única forma que ele encontrou de acabar com esse tormento foi confessar três crimes que ele não cometeu.

Riley não gostou do que estava ouvindo.

Fazia muito sentido, mas ela não gostaria que fizesse.

- É só uma teoria – ela disse, surpresa pelo mau humor de sua própria voz.

A expressão de Crivaro mostrou irritação.

- Ok, não precisa acreditar em mim – ele disse. – Sou só um agente criminal, e não um professor de psicologia que sabe de tudo. Talvez você deva voltar para Lanton e conversar com o seu especialista. Ele

provavelmente já recebeu a sentença de morte a essa hora. Ele com certeza gostaria de ter alguém para se distrair dos problemas.

Riley sentiu-se totalmente surpresa. Ela pode ver na expressão de Crivaro que ele tinha se arrependido daquelas palavras imediatamente.

- Desculpe – Crivaro murmurou. – Foi um golpe baixo, eu sei.

Riley respondeu:

- É, foi mesmo.

Os dois ficaram em silêncio por alguns minutos. Nenhum deles tocou nas cervejas e hambúrgueres. Então, Riley disse:

- Se você acha mesmo que Gibson é inocente, por que você vai deixar ele preso?

- Bom, ele é culpado de *algo* – Crivaro disse. – Ele te atacou. E se estiver mentindo sobre os crimes, também vai ser culpado por obstrução da verdade. Ele tem que estar na cadeia nesse momento. E pode ser o melhor para ele. Ele é capaz de causar danos sérios a si mesmo se for para casa.

O silêncio tomou conta da mesa mais uma vez.

Por fim, Crivaro disse:

-Tenho que conversar com Lehl. Ele provavelmente já ouviu muitos rumores sobre essa prisão. Preciso contar a história certa para ele.

Crivaro pegou seu celular e buscou um número.

Depois, ouviu e reclamou:

- Caramba, não consigo sinal aqui. Vou ali no carro, tentar ligar de lá. Já volto.

Ele levantou-se da mesa e seguiu até a porta.

Riley viu pelas janelas do restaurante quando Jake chegou ao estacionamento, ao lado.

Sua raiva e confusão mental estavam agora dando lugar à decepção.

Nós voltamos à estaca zero, ela pensou.

Temos que começar tudo de novo.

Mas então, pensou:

Nós?

Por que ela estava achando que não era mais parte daquele caso? Por que ela estava pensando neles como equipe? No fim das contas, Crivaro tinha a habilidade de se conectar à mente dos criminosos tanto quanto ela. Ele havia encorajado a desenvolver seu talento, mas ultimamente suas intuições não andavam ajudando muito. Se estivesse errada sobre tudo, Crivaro provavelmente preferiria trabalhar sem ela dali para frente.

E aí o que eu vou fazer?

Por fim, Riley mordeu seu hambúrguer, mas não sentiu gosto de nada.

*

Sentado sozinho em sua picape estacionada, as palavras de seu pai ecoaram em sua cabeça novamente...

“Veja como se sente...”

Seu pai havia dito aquelas palavras várias vezes quando lhe punira, ainda criança, causando muita dor e medo...

“Veja como se sente...”

Mas sua dor e medo não haviam acabado depois daquela punição cruel, naquela noite escura.

Elas haviam continuado com ele, muito tempo depois da morte de seu Pai.

Haviam seguido com ele todos aqueles anos, até aquele momento.

Mesmo a morte daquelas três mulheres não haviam conseguido livrá-lo da dor e do medo.

E agora...

Tudo tinha dado errado.

Ele voltara a Hyland porque havia escutado sobre os dois irmãos terem sido presos pelos crimes que *ele* cometera. Estivera pela cidade o dia inteiro, tentando decidir o que fazer sobre aquilo.

Não posso deixar assim, seguia pensando.

Sua satisfação com os assassinatos fora fugaz, passageira. E no fim, ele não queria que ninguém levasse crédito pelo que ele tinha feito. Aquilo seria um insulto.

Mas o que ele poderia fazer?

Pouco tempo antes, ele estivera perto da estação de polícia quando um homem e uma jovem mulher haviam levado outra pessoa para a cela. Pouco tempo depois ele ouvira os repórteres falando ao redor da estação.

“Outro suspeito,” eles diziam.

“Prenderam o Dr. Gibson”, diziam.

A notícia o encheu de fúria.

O Dr. Gibson!

O marido da primeira mulher que ele matara.

Não posso deixar isso assim, pensara novamente.

E a única maneira de colocar as coisas no seu devido lugar era matando novamente, o mais rápido possível—muito antes do que ele planejava.

Ele havia visto o homem e a mulher saindo pelos fundos da estação policial, claramente tentando fugir dos repórteres.

Mas eles não fugiram de mim.

Havia seguido o carro deles com sua picape. Quando eles estacionaram ao lado do Mick's Diner, ele estacionara a cerca de 15 metros de distância, observando os dois entrando no local para comer algo.

Ele havia ficado parado ali, esperando por uma oportunidade de pegar a mulher sozinha.

E agora—o homem estava saindo do restaurante!

A mulher deveria estar lá dentro, sentada sozinha.

Tudo o que ele precisava fazer era atraí-la para fora e desmaiá-la.

E tinha certeza de que aquela seria uma tarefa fácil.

Ao ligar o motor e levar o carro até a frente do restaurante, sussurrou alto...

- Veja como se sente.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Riley decidiu que pediria desculpas ao Agente Crivaro assim que ele voltasse. Ela estava sozinha na mesa do restaurante, mordiscando seu hambúrguer e pensando na discussão que eles haviam acabado de ter.

Não pode deixar de admitir que não deveria ter questionado o pensamento dele daquela forma. E com certeza não deveria ter sido tão impertinente.

Eu estava errada, pensou. Ela não gostava muito de admitir, mas sabia que era verdade.

Afinal de contas, tudo o que Crivaro dissera fazia total sentido. E ela sabia que ele não estava feliz por estar certo em pensar que o Dr. Gibson não era o assassino. Ele devia estar se sentindo frustrado com aquilo.

Riley tomou um gole de cerveja e pensou...

Vai depender dele me manter ou não no caso.

Gostando da decisão ou não, ela a aceitaria com a maior elegância possível.

Ao tomar mais um gole de cerveja, percebeu uma movimentação de canto de olho. Virou-se para a janela do restaurante e viu uma picape velha parando do lado de fora.

Estranho, pensou ao ouvir o motor parar.

Ela sabia que havia uma placa de “Proibido Estacionar” em frente ao restaurante. Por que o motorista não havia continuado até o estacionamento?

Então, a janela do motorista abriu. O homem sentado no carro virou a cabeça e olhou diretamente para ela.

Riley ofegou alto.

Sentiu uma dor forte ao ver o rosto do homem—o mesmo tipo de dor empática que sentira fortemente ao ver o corpo de Anna Park. Mas sabia que aquela agonia não era da vítima. Era a dor do próprio assassino.

O rosto do homem tinha muitas marcas, muitas cicatrizes—muito mais do que o rosto do Dr. Gibson.

Enquanto, ela imaginava, o rosto do médico era marcado por espinhas ou por alguma doença de criança, o rosto para o qual ela estava olhando agora deveria ter sido desfigurado por algum trauma físico terrível.

Dor!

Não havia mais dúvidas em sua mente.

É ele!

É o assassino!

O homem a olhou por um momento, depois desviou o olhar e ligou o carro novamente, como se fosse sair.

Riley sentiu um pico de adrenalina. Duvidou que pudesse sair rápido o suficiente para evitar que ele fosse embora. Mas, talvez, ela pudesse anotar a placa do carro. Pegou um bloco de notas de sua bolsa, levantou-se cambaleando da mesa e correu para a entrada do restaurante.

Ao sair e descer os degraus na entrada, ficou surpresa ao ver que a picape estava parada exatamente no mesmo lugar, com o motor novamente desligado.

Não havia ninguém ao volante.

Olhou em volta.

Não encontrou o motorista.

Riley correu para a parte de trás do carro para anotar a placa. Ao levantar seu bloco, escutou passos vindo de trás dela.

Antes que pudesse se virar, alguém a agarrou por trás.

Ela sentiu um pano molhado em sua boca.

Um golpe forte na virilha, instruiu a si mesma. *Depois pegue ele pelo cabelo.*

Mas por algum motivo, seus braços não a obedeceram.

O pano em seu rosto estava deixando-a tonta.

Clorofórmio! Ela se deu conta, horrorizada.

Já estava começando a sentir os efeitos da droga.

Não respire, disse a si mesma.

Mas já havia inspirado a substância.

Riley fez força para segurar a respiração, mas o mundo começou a escurecer.

*

Durante a conversa de Jake com Erik Lehl, eles concordaram que Jake deveria ficar em Hyland. Lehl acreditou na versão de Jake de que Gibson era inocente, e decidiu que Crivaro deveria continuar seu trabalho lá.

Lehl havia deixado nas mãos de Jake a decisão de manter ou não Riley

no caso.

Sentado no carro, pensando sobre sua jovem pupilo, Jake sentiu-se mal ao lembrar das palavras que havia dito a Riley minutos antes.

“Talvez você deva voltar para Lanton e conversar com o seu especialista.”

Ele murmurou levemente e pensou...

Ela não merecia.

A garota havia se decepcionado com o que Jake a dissera porque era novata e impaciente. Não era de se espantar que ela tivesse recebido a versão de Crivaro com surpresa. Era impossível negar que ela tinha excelentes instintos. E sua teoria de que o Dr. Gibson era o assassino não era, de jeito nenhum, ruim.

Afinal de contas, ele sabia, por muitas experiências passadas, que mesmo boas teorias às vezes estavam erradas. Mas talvez aquela fosse uma boa oportunidade para que Riley aprendesse uma lição importante.

Além disso, ele com certeza ainda precisava da ajuda dela—talvez mais do que nunca.

Vamos conversar no restaurante, ele pensou, saindo do carro.

Ao caminhar de volta para o restaurante, Jake viu uma picape cinza se afastando da entrada, quase o acertando ao passar pela rua.

Ele sentiu-se irritado.

Esse cara precisa ver por onde anda, pensou.

Crivaro entrou no restaurante e ficou surpreso ao ver que Riley não estava à mesa. Por um momento, imaginou que ela estivesse no banheiro. A bolsa dela ainda estava na mesa.

Mas, ao sentar-se, sentiu uma pontada de preocupação.

Chamou a garçonete e perguntou:

- Você viu onde a moça que estava comigo foi?

A garçonete franziu os olhos ao responder:

- Engraçado você perguntar. Ela saiu correndo daqui alguns minutos atrás. Não entendi nada.

Jake sentiu-se em pânico. Ele disse:

- Você viu onde ela foi depois de sair?

- Desculpe, não vi nada – a garçonete disse. – Tenho que voltar para a cozinha.

Jake jogou algum dinheiro na mesa, com certeza mais do que suficiente para pagar a conta, e então pegou a bolsa de Riley e saiu do restaurante

correndo. Logo, viu algo caído no chão. Era um bloco de notas e uma caneta que ele já havia visto Riley usando.

Ela tinha indo com aquela picape.

E não por vontade própria.

Jake correu até seu carro e saiu, fazendo o cascalho voar ao deixar o estacionamento na direção que o carro havia ido.

Em pouco tempo, a picape apareceu em sua frente. Jake tinha uma rápida decisão a tomar. O carro emprestado era equipado com sirene e giroflex que poderiam ser ligados imediatamente.

Mas ele deveria fazer isso?

Jake tentou imaginar o quão em perigo Riley estaria naquele momento.

O motorista havia a imobilizado ou a deixado inconsciente? Ele estaria apontando uma arma para ela?

A perseguição poderia fazer dela uma refém.

Ou Riley poderia simplesmente ser morta.

Já era noite. Jake apagou suas luzes e seguiu distante da picape, desejando que não fosse notado. Logo, percebeu que não seria fácil. A estrada era cheia de curvas acentuadas em meio às fazendas e em direção às montanhas.

*

Riley viu-se envolvida pela escuridão. Ela deu-se conta de que estava amarrada pelas mãos e pés, e deitada em uma superfície dura. Era um emaranhado de algo metálico e dolorosamente afiado.

Arame farpado, percebeu.

A névoa mental começou a se dissipar, e ela lembrou-se de ser agarrada por trás e desmaiada com clorofórmio. Controlando a respiração, imaginou não ter inalado o suficiente para ficar muito tempo desacordada. Com certeza, estava voltando à consciência muito mais rápido do que as vítimas anteriores dele.

Provavelmente, o criminoso não fazia ideia de que ela já estava consciente.

Sentiu uma pancada forte, que a fez rolar pelas pontas de arame. Ela sabia que estava na carroceria coberta da picape. Suas mãos estavam amarradas para trás, com o que parecia ser fita adesiva.

Mexeu suas mãos e percebeu que não estava presa com muita força. O

criminoso deveria estar com pressa, o que não era nenhuma surpresa, já que ele a havia atacado na frente de um restaurante em uma cidade pequena.

Com facilidade, Riley torceu as mãos para afrouxar a fita, e então fez o mesmo com os pés. Enquanto isso, a picape cambaleava em uma estrada que parecia cada vez pior.

Quando o carro começou a perder velocidade, Riley deu-se conta...

Preciso sair daqui.

Agora.

Ela fez força contra a cobertura acima de si, que não se mexeu.

Então, chutou uma superfície metálica, que moveu-se muito pouco. Era a porta da carroceria, que não parecia estar muito bem fechada. Chutou novamente, várias vezes, e a porta se abriu exatamente quando o veículo parou completamente. Então, rolou para fora da carroceria e caiu em uma superfície dura.

Atordoada com a queda e ainda tonta pelo clorofórmio, Riley olhou em volta. Em meio à escuridão, percebeu que estava deitada em uma estrada sem pavimentação. Tudo o que podia ver por perto era um bosque, repleto de árvores.

Então, ouviu a porta da picape se abrir.

Sem pensar por mais nenhum segundo, levantou-se cambaleando e começou a correr.

*

Com o céu escurecendo, Jake teve dificuldades para dirigir pela estrada ruim e apertada com suas luzes apagadas. Mas ele não queria se perder de quem quer que fosse o motorista à sua frente.

Isso se ainda estiver aí na frente.

Jake estava cada vez mais preocupado, imaginando que o motorista havia feito alguma curva que ele não tinha visto.

Por fim, acendeu as luzes e acelerou, tentando encontrar a picape.

Logo, teve certeza...

Ele sumiu.

Jake parou o carro e fez a volta na estrada apertada. Ainda com as luzes acesas, voltou por onde tinha vindo.

Depois de cerca de trezentos metros, passou por uma curva que não havia visto antes—uma estrada sem pavimento parecida com o caminho que levava à cabana do pai de Riley. A picape deveria ter entrado ali, e Crivaro

imaginou que ele não poderia estar muito à frente.

Jake apagou as luzes do carro novamente e dirigiu mais devagar pela estrada ruim. Quando finalmente viu a picape estacionada, parou seu carro e saiu.

A carroceria estava coberta, mas a porta dela estava aberta. A porta do motorista também estava aberta, mas ele não viu sinal nem de Riley, nem do motorista. De um lado, havia uma casa de fazenda peculiar, caindo aos pedaços. A principal parte da casa era feita de toras, que Jake imaginou terem pelo menos cem anos. Outros quartos pareciam ter sido feitos com o passar do tempo. Jake perguntou-se se a casa estaria abandonada. Ele não conseguia ver luzes lá dentro.

Na verdade, ele não conseguia ver nada além de árvores do outro lado da área onde estacionara. Ainda não havia visto nenhum sinal de pessoas por ali, mas sabia que o assassino poderia estar lhe observando ou apontando uma arma para ele de qualquer direção.

Deixando sua arma na cintura, Jake olhou para dentro da carroceria da picape.

Ficou assustado ao ver bobinas de arame farpado ali dentro, e algumas roupas rasgadas pelas farpas.

Riley estava ali, Jake percebeu.

Mas onde ela estaria agora?

E onde ele possivelmente poderia encontrá-la?

*

Riley correu por um caminho entre a floresta, afastando-se da picape o mais rápido possível. Galhos a acertavam enquanto ela corria, sem sentir a dor causada por eles.

Preciso sair daqui, ela seguia pensando.

Mas para onde ela estava indo?

Para onde aquele caminho levava? Havia pouquíssima luz e aquela área era completamente desconhecida para ela.

Ela seria capaz de chegar a uma rodovia ou a uma casa, algum lugar seguro?

Riley parou quando encontrou um objeto que parecia estar suspenso no ar bem a sua frente. Fosse o que fosse, aquela coisa estava envolta em camadas grossas de kudzu.

Não era um objeto natural. Alguém havia posto ali.

Parada, Riley não conseguiu ouvir o som de alguém a seguindo.

Puxou o kudzu, tirando as folhas largas até sentir algo afiado cortar seus dedos.

Arame farpado, percebeu.

Com a curiosidade crescendo, puxou mais um pouco das folhas de kudzu.

Pode ver algo entra a vegetação densa.

Folhas de kudzu caíram de sua mão.

A poucos centímetros de seu rosto, um crânio humano estava escondido entre os fios de arame farpado.

Riley gritou de terror e tropeçou para trás.

Depois, sentiu uma pancada forte atrás dos joelhos, e caiu de costas no chão.

Olhou para cima e viu o rosto deformado do assassino olhando para ela.

Seu sorriso terrível lembrava aquele crânio.

- Então você encontrou o Pai – ele disse.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Jake puxou sua lanterna e procurou em volta da picape estacionada. Não viu sinais de qual direção Riley ou o homem poderiam ter tomado. Estava prestes a entrar na casa velha para descobrir se havia alguém lá dentro quando ouviu um grito desesperado, a uma certa distância dali.

O grito vinha da floresta. Ele virou-se e correu naquela direção.

- Riley! – Jake gritou, mas não obteve resposta.

Com sua lanterna, Crivaro rapidamente encontrou uma trilha. Ela deveria ter ido por ali. Avançou por aquele caminho até que a luz de sua lanterna encontrou duas figuras lutando, cerca de seis metros à frente.

Jake viu que Riley e um homem estavam lutando no chão. Ao correr em direção a eles, viu Riley se soltar do homem e acertar um soco forte no estômago dele.

O homem gemeu de dor e se afastou dela. Depois, ele viu Jake e se levantou. Então, virou e desapareceu entre as árvores.

Riley também se levantou, e pareceu estar disposta a seguir o homem.

Jake gritou:

- Riley, espere!

Ela virou-se e olhou para a luz da lanterna.

- Jake? – Ela perguntou, como se não soubesse se deveria lutar ou fugir.

- Sim – Jake respondeu, chegando até ela. Ele viu que ela parecia estar sem força nas pernas, mas ao menos não parecia estar machucada.

Jake apontou sua lanterna para cima, e o objeto iluminou uma forma grotesca, pendurada em uma árvore. Era um esqueleto humano empacotado, com os ossos já sem carne e o crânio olhando para ele. A cena bizarra parou Jake por um segundo.

Mas ele sabia que não tinha tempo para entender aquela cena horrorosa.

Então, puxou sua arma.

- Vou atrás dele – Jake disse.

Riley assentiu.

Com a arma em uma mão e a lanterna na outra, Jake entrou entre as árvores, exatamente onde o homem acabara de entrar.

*

Riley seguiu junto, alguns metros atrás de Jake, até que eles chegassem a uma clareira, à frente de uma encosta. Ela acompanhou a luz da lanterna procurando em volta até encontrar algo—a borda de madeira de uma porta ao lado da montanha, com uma porta de madeira grande totalmente aberta.

Lembrando-se de cenas de sua própria infância rural, Riley deu-se conta do que era aquele lugar.

Um porão de raízes.

Ele está ali – Jake murmurou, olhando para Riley.

Ela caminhou até parar ao lado dele.

- Provavelmente essa é a única entrada – disse. – Pode ser que ele esteja sem escape aí.

Jake tentou iluminar o interior com sua lanterna, mas à distância, a luz não alcançou a escuridão do interior.

Jake chamou:

- Saia com as mãos para cima!

O chamado de Jake foi respondido por uma luz forte e um estrondo alto vindos de dentro do porão. Riley pode ouvir o tiro passando muito perto deles. No reflexo, Jake e Riley esconderam-se entre algumas árvores.

- Cacete – Jake disse, ofegante. – Estamos em uma posição de desvantagem.

Riley percebeu que Jake estava certo. Se eles saíssem dali, o homem conseguiria vê-los com a luz da lua. Mas ele continuaria invisível para os dois.

Enquanto estavam parados, pensando em uma decisão, o som do tiro ecoou na mente de Riley.

Ela reconheceu aquele barulho de quando caçava com seu pai.

Era o som de uma espingarda—possivelmente do mesmo modelo que seu pai tinha.

Se estivesse certa, o homem só teria mais uma bala.

Ela olhou em volta até encontrar um galho de árvore caído.

Pegou-o e jogou para o mesmo lugar onde ela e Jake estavam, momentos antes.

O galho caiu no chão fazendo barulho, e logo em seguida, outro tiro foi disparado, acertando a superfície do galho.

Pegando Crivaro pelo braço, Riley disse:

- Vamos. Agora!

Crivaro assentiu. Ainda segurando a lanterna em uma mão e a arma na outra, ele correu na frente dela em direção à porta.

Riley o seguiu pela entrada, mas o porão parecia escuro e vazio.

A luz da lanterna de Crivaro percorreu a pequena sala. Então, em um movimento violento e repentino, o homem saiu das sombras e acertou a mão da arma de Crivaro com uma tábua de mesa solta.

A arma caiu da mão de Jake.

Riley ouviu um clique metálico, afiado e familiar.

A luz da lanterna de Crivaro virou-se naquela direção e encontrou o homem novamente. Riley deu-se conta de que ele havia recarregado sua espingarda, que agora estava diretamente apontada para Crivaro.

A adrenalina tomou conta do corpo de Riley.

Ela lembrou-se novamente da aula de Krav Maga de seu pai.

Pegue o primeiro objeto ao alcance.

Sem olhar, colocou a mão em uma prateleira que estava a seu lado e segurou a primeira coisa que seus dedos tocaram—uma garrafa de vidro. Sem pensar, jogou-a no assassino, acertando-o na testa.

O homem cambaleou e gritou, e a garrafa quebrou-se no chão.

Um cheiro forte tomou conta do ar.

Crivaro pegou Riley pelo braço e disse:

- Clorofórmio!

Riley entendeu imediatamente. Ela e Crivaro saíram dali.

Ao correrem para fora do porão em direção ao ar puro, Riley olhou para trás e viu o homem caindo.

*

O homem caiu no chão de terra, que parecia estar balançando embaixo dele. Lembrou-se de sua experiência fazendo o clorofórmio, de como quase havia desmaiado com o cheiro. E agora, aquela substância estava em todo seu rosto, grudando nele, irritando seus olhos, com o cheiro e o gosto invadindo seu nariz e boca.

Mesmo tentando se manter consciente, ele sabia que estava sucumbindo ao poder da droga.

Então tudo ficou nebuloso e embaçado e...

Ele tinha 10 anos novamente, e estava lutando para libertar um bezerro que mugia pateticamente do arame farpado que envolvia suas patas. A pobre criatura havia tropeçado em um emaranhado de fios que caíra da cerca.

Seu pai estava parado ali perto, gritando com sua voz dura...

- É culpa sua, Phineas. Eu disse para você arrumar essa cerca.

Phineas estava chorando, enquanto lutava para libertar um dos tornozelos do bezerro do arame.

- Pai, me ajude, por favor - ele gritava.

- Você tem que se virar - seu pai disse. – Vou em casa pegar ataduras.

Phineas libertou o animal assim que seu pai voltou da casa, com um kit de primeiros socorros em uma mão e um rolo de arame farpado na outra.

Phineas perguntou-se...

O que ele vai fazer com o arame farpado?

Seu pai desinfetou e fez um curativo nas patas do bezerro, então pegou Phineas com força pelos braços e o levou pelo campo até o porão de raízes. Ele jogou Phineas pela porta, no chão de terra, e gritou:

- Fique aí enquanto eu te mostro como se sente!

Phineas ainda era um garotinho magrelo, nem perto de poder lutar com seu pai, que passou o arame em volta de seu corpo, em todas as direções, até que as pontas afiadas atingissem sua carne. Phineas tentou lutar, mas teve que desistir, já que a luta só estava causando mais dor.

- Veja como se sente – seu pai disse novamente.

Então, ele saiu e fechou a porta, deixando Phineas na escuridão total.

Indefeso e sangrando, Phineas murmurou, entre lágrimas...

- Um dia, Pai. Um dia...

A escuridão o dominou como um corpo enorme e malévolo, e logo ele não pode sentir absolutamente nada.

Riley e Crivaro pararam a uma distância segura da porta aberta que levava ao porão. Crivaro manteve a luz de sua lanterna no homem caído inconsciente no chão. Riley podia sentir o cheiro do clorofórmio mesmo de longe.

- Vamos esperar até que o ar se dissipe lá – Crivaro disse. – Pelo menos ele não vai a lugar nenhum.

Cerca de dez minutos passaram. O homem começou a se contorcer e gemer, e o ar já parecia mais limpo.

- Deve estar seguro agora – Crivaro disse. – Mas coloque um lenço no seu rosto.

Riley fez o que foi pedido e seguiu Crivaro até o porão. O homem parecia estar recuperando a consciência quando Crivaro o algemou. Ele dizia...

- Agora você vai ver como se sente, Pai, Agora você vai ver como se sente.

Riley olhou para Crivaro e percebeu que os dois estavam pensando a mesma coisa.

Aquele esqueleto no fim da trilha era o pai do homem...

A primeira vítima dele.

A julgar pela falta de carne nos ossos, o crime deveria ter acontecido muitos anos antes.

Crivaro havia colocado sua lanterna no chão para algemar o homem. Riley pegou-a e olhou em volta em volta do local, com paredes de concreto, prateleiras de madeira e vigas pesadas para suportar o teto, também de madeira.

Depois, a luz encontrou uma mesa de madeira, com muitos rolos de arame farpado ali. Então, Riley viu que, em cima da mesa, havia muito sangue seco.

Ela se estremeceu por dentro ao se dar conta.

É aqui que ele fazia tudo.

Aqui ele matou aquelas mulheres.

E ela própria havia escapado por pouco de se tornar a próxima vítima.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Riley ficou em silêncio e deixou o Agente Crivaro falar. Os dois estavam sendo questionados pelo Agente Especial em Comando Erik Lehl sobre o caso que haviam acabado de solucionar. Riley sentiu que seria melhor deixar Crivaro explicar o que acontecera. Ele sabia muito melhor o que Lehl esperava ouvir.

Além disso, Lehl estava direcionando as perguntas a Crivaro, quase como se Riley nem estivesse ali.

Não era uma sensação muito boa.

Riley ainda achava a presença do comandante formidável e intimidante. Imaginava que aquele homem esguio poderia ter ganho mais dinheiro como jogador de basquete. Ela admirava o fato de ele ter, pelo contrário, escolhido seguir carreira no FBI, e por ter chegado ao cargo de alta patente que ocupava.

Com todos esses pensamentos viajando por sua mente, Riley também estava prestando atenção no que Crivaro estava contando a Lehl, sobre o que eles já sabiam sobre o assassino, Phineas Hutson.

As pessoas da região de West Virginia sabiam que Phineas morava em uma fazenda solitária e decadente que pertencera a sua família desde o fim dos anos 1800. Mas os moradores locais nunca o viam muito, a não ser em suas poucas visitas a cidades como Dighton, Hyland e Wynnewood para comprar produtos para a fazenda. Ninguém sabia muito dele.

Riley tinha certeza de que ninguém havia sequer tentado conhecer aquele homem tão machucado. Mas, agora que Phineas estava preso, ele estava falando muito, contando uma história estranha sobre como seu pai, Isaac Hutson, havia certa vez o torturado com arame farpado, desfigurando-o para sempre. Poucos anos depois, um Phineas mais forte e mais alto havia se vingado de seu pai, torturando o homem até a morte com arame farpado.

Depois, Phineas havia pendurado o corpo em uma árvore. Ele dissera que o pacote parecido com um casulo servira como uma espécie de santuário por anos, um lugar onde ele encontrava refúgio da dor terrível que carregava dentro de si.

Mas com o passar do tempo, o santuário parecia ter perdido sua magia.

Quando a dor psíquica tornou-se intolerável, ele havia começado a matar mulheres inocentes.

Era uma história terrível, e agora que Riley a conhecia, ela sentia mais pena do que raiva de Phineas Hutson. Aquele homem nunca tivera uma chance de verdade na vida. Não que seu trauma justificasse suas ações monstruosas, é claro.

Mas Riley perguntou-se...

O que é preciso para levar um homem a esse ponto?

Ela se perguntou se um dia saberia.

Quando Crivaro terminou de falar, Lehl o agradeceu muito por ter resolvido o caso. Também parabenizou o Agente Crivaro pelo veredito de culpa que o júri havia definido no julgamento de Brant Hayman.

Por último, ele olhou para Riley e disse, em um tom intimidante:

- E agora, garota, o que fazemos com você?

Riley segurou um suspiro de medo.

O que ele quer dizer? Ela se perguntou.

Na última vez em que Riley havia encontrado aquele homem, ele não estava nenhum pouco feliz com ela.

E ele não parecia estar muito feliz agora também.

Ela gaguejou:

- Eu—eu não sei se entendi o que você quer dizer, senhor.

- Não? – Ele disse, olhando para ela.

Então, Lehl virou-se para Crivaro e perguntou:

- Como você avaliaria o trabalho da senhorita Sweeney com você em West Virginia?

Crivaro suspirou levemente e respondeu:

- Foi excelente—e essencial. Se não fosse por ela, imagino que o caso ainda estaria sem solução.

Com um leve resmungo, Lehl respondeu:

- Também acho.

Ele olhou para Riley e perguntou:

- Você gostaria de poder voltar para a Academia?

A expectativa de Riley foi às alturas.

- Sim, senhor – ela disse. – Gostaria muito, senhor.

Sorrindo muito de leve, Lehl disse:

- Fico feliz em saber disso. Porque já falei com o diretor da Academia, e convenci ele a readmitir você. Seria péssimo se você não tivesse interesse.

Riley sentiu seu rosto avermelhando-se.

Ela precisou se segurar para não pular da cadeira e gritar de alegria.

- Obrigada, senhor – ela disse, tentando não gaguejar. – Muito obrigada.

O comandante voltou a resmungar e disse a Riley:

- Temos mais uma coisa para discutir. Aquela coisa terrível sobre o Senador Gardner—bom, a verdade está vindo à tona sobre o comportamento predatório dele, e não temos como colocar o gênio de volta na lâmpada. Ele vai ser investigado e tomara que seja julgado. Mas você precisa se lembrar que Gardner é um cara poderoso. E ele sabe que você é culpada pela queda dele. Duvido que ele vá lhe deixar em paz. Ele provavelmente vai querer algum tipo de vingança.

Riley estremeceu ao pensar naquilo.

- Entendo, senhor – ela disse.

- Muito bom – Lehl disse. – Quero que você entre em contato diretamente e imediatamente comigo se ele fizer qualquer tipo de contato com você.

- Farei isso – Riley disse.

Lehl assentiu e disse:

- Então é isso. Vocês dois podem ir.

Enquanto os dois caminhavam em direção à saída do prédio, Crivaro disse a Riley:

- Eu falei a verdade lá dentro. Você fez um ótimo trabalho.

Riley o agradeceu, e seu coração encheu-se de orgulho. Ela sabia que Crivaro era um dos principais nomes da recém fundada Unidade de Análises Comportamentais. Receber elogios dele com certeza era algo enorme.

Então, Jake disse:

- Mas não deixe isso subir para sua cabeça. Você ainda precisa passar pela academia. Isso significa que você vai ter que se sair melhor do que antes. Mas tenho a sensação de que você vai conseguir. E quando você conseguir...

Ele ficou em silêncio, e eles seguiram caminhando.

Finalmente, Crivaro acrescentou:

- Bom, é como Lehl me diz... já é hora de eu aprender a me dar bem com os outros.

Riley levou um momento para entender o que Crivaro quis dizer.

Então, ela se deu conta... ele estava sugerindo que eles poderiam ser parceiros, algum dia.

Riley sentiu um nó na garganta, mas disse a si mesma...

Não chore, caramba!

Parecendo estar também emocionado, Jake disse:

- Riley, eu posso não ter dito isso antes, mas você me lembra muito a mim mesma quando eu tinha sua idade. Na verdade você me lembra muito a mim mesmo agora. Nós temos muito em comum.

Depois, rindo, ele acrescentou:

- Mas isso não é necessariamente algo bom.

Riley riu e respondeu:

- Tudo bem. Posso lidar com isso.

Enquanto os dois caminhavam em silêncio, Riley deliciou-se com o fato de poder voltar para a Academia. Seria ótimo compartilhar o quarto com Francine novamente. E talvez ela pudesse ver mais John Welch, mesmo que ele estivesse em um grupo diferente do dela.

Quando os dois saíram do prédio, Riley ficou surpresa ao ver quem estava parado ali perto, parecendo ansioso e obviamente esperando por ela.

- Ryan! – Ela exclamou.

Depois, disse a Crivaro:

- É meu noivo.

Crivaro riu e respondeu:

- Sim, percebi. Estou de saída. Nos vemos depois.

Riley sentiu-se agradecida por Crivaro ter saído e deixado que ela e Ryan conversassem a sós. Mas o que eles tinham para dizer um ao outro?

E por que ele está aqui?

Ela ficou ainda mais surpresa quando Ryan a abraçou.

Ele disse:

- Riley, estou te procurando por tudo. Fui na Academia, é claro. Mas disseram que você não era mais uma agente em treinamento. Pareceu que você tinha sido expulsa.

Riley sorriu e respondeu:

- Bom, eles erraram. Eu só fui realocada.

Ryan disse:

- Fico feliz em ouvir isso.

Riley olhou dentro dos olhos dele e se perguntou...

Ele fica feliz mesmo?

Ela não sabia dizer.

Eles sentaram-se em um banco próximo, e Ryan segurou a mão dela. Ele disse:

- Riley, vou direto ao ponto. Tenho sido um babaca ultimamente.

Riley sorriu e disse:

- Não vou discordar de você nisso.

Então, seu sorriso desapareceu e ela continuou:

- Mas eu também não tenho sido a melhor pessoa.

- Tudo bem – Ryan disse.

Ele apertou as duas mãos de Riley e acrescentou:

- Eu percebi que seria um idiota se deixasse você ir embora.

Riley encolheu os ombros e disse:

- Bom, vou concordar com isso também. Mas...

- Mas o que?

- E aquela mulher? Brigitte, certo?

Ryan ficou um pouco vermelho e respondeu:

- Olhe, quando eu disse que não havia nada entre nós, eu falei a verdade.

Eu e Brigitte somos só amigos e colegas de trabalho. Não que eu não tenha gostado de ver você toda enciumada.

- Que bom que você se divertiu – Riley disse, em um tom leve.

Então, o silêncio reinou por alguns instantes.

Depois, Riley balançou a cabeça e disse:

- Não sei, Ryan. Nossas vidas são tão diferentes, separadas. Pelo menos vai ser assim enquanto eu estiver na Academia.

- Mas isso não vai ser para sempre – Ryan disse. – Enquanto isso, o que você acha que nós deveríamos fazer?

Riley olhou para sua mão esquerda, sentindo-se repentinamente feliz por não ter tirado seu anel de noivado. Ela disse:

- Acho que deveríamos casar, Ryan Paige.

Ryan riu do jeito pateta que ela amava ouvir.

Ele disse:

- Que excelente ideia, Riley Sweeney.

Eles se beijaram por um bom tempo.

Depois, Ryan disse:

- Então, o que você tem feito?

A mente de Riley explodiu ao pensar em tentar explicar tudo para ele, incluindo como ela havia basicamente acabado com a carreira política do Senador Warren Gardner, e como seu ex-professor universitário havia recebido pena de morte, e...

Todo o resto.

- Hum... tenho participado de algumas aventuras – Riley disse.

- Me conta – Ryan respondeu.

Riley hesitou. Como Ryan reagiria a seu envolvimento em um caso tão estranho e perigoso?

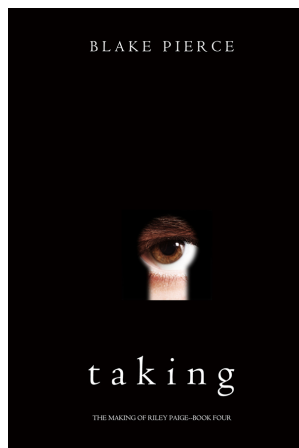
Então, ela decidiu...

Bem, ele vai ter que lidar com isso.

Afinal de contas, ela teria um futuro no FBI.

Riley começou a contar todos os detalhes para ele.

JÁ DISPONÍVEL EM PRÉ-VENDA!



AMEAÇA NA ESTRADA
(Os Primórdios de Riley Paige — Livro 4)

“Uma obra-prima de suspense e mistério. Pierce fez um trabalho magnífico criando personagens com lados psicológicos tão bem descritos que nos fazem sentir dentro de suas mentes, acompanhando seus medos e celebrando seu sucesso. Cheio de reviravoltas, este livro vai lhe manter acordado até que você chegue à última página.”

--Books and Movie Reviews, Roberto Mattos (sobre Once Gone)

TAKING (O Primórdios de Riley Paige—Livro Quatro) é o quarto livro da nova série de suspense psicológico do autor de best-sellers número 1, Blake Pierce, cujo sucesso número 1 Once Gone (baixe grátis) recebeu mais de 1.000 avaliações de cinco estrelas.

Um assassino em série, suspeito de estar usando um trailer, atrai e mata mulheres pelo país—e o FBI entrega o caso a sua mais jovem e mais brilhante agente: Riley Paige, de 22 anos.

Riley consegue se formar na academia do FBI, determinada a se tornar uma agente. Mas quando é colocada em seu primeiro caso oficial com seu novo

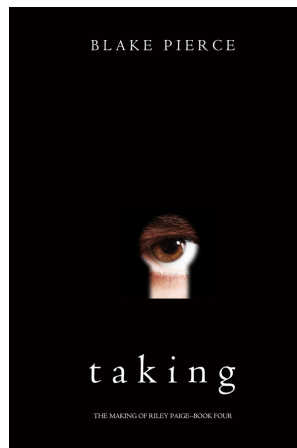
parceiro—Jake—ela se pergunta se é a pessoa certa para a tarefa.

Riley e Jake, imersos na cultura dos trailers—e indo a fundo na mente do assassino—logo percebem que nada é o que parece. Há um psicopata à solta, desafiando-os a todo momento, e disposto a não parar até que tenha matado todas as vítimas possíveis.

Com seu próprio futuro em jogo, Riley não tem escolha, senão descobrir: sua mente brilhante pode parar esse assassino?

Uma história de ação e suspense de agitar o coração, TAKING é o quarto livro de uma nova série fascinante, que vai fazer você ler página e páginas noite a dentro. A série leva os leitores a 20 anos antes—quando a carreira de Riley começou—e é o complemento perfeito para a série ONCE GONE (Um Mistério de Riley Paige), que tem quatorze livros e ainda não terminou.

O quinto livro da série O PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE estará disponível em breve.



AMEAÇA NA ESTRADA
(O Primórdios de Riley Paige—Livro 4)

Você sabia que eu já escrevi muitas histórias de suspense? Se você não leu todas as minhas séries, clique nas imagens abaixo para fazer o download do primeiro livro de cada uma!



Blake Pierce

Blake Pierce é o autor da série de enigmas RILEY PAGE, com doze livros (com outros a caminho). Blake Pierce também é o autor da série de enigmas MACKENZIE WHITE, composta por oito livros (com outros a caminho); da série AVERY BLACK, composta por seis livros (com outros a caminho); da série KERI LOCKE, composta por cinco livros (com outros a caminho); da série de enigmas PRIMÓDIOS DE RILEY PAIGE, composta de dois livros (com outros a caminho); e da série de enigmas KATE WISE, composta por dois livros (com outros a caminho).

Como um ávido leitor e fã de longa data do gênero de suspense, Blake adora ouvir seus leitores, por favor, fique à vontade para visitar o site www.blakepierceauthor.com para saber mais a seu respeito e também fazer contato.

LIVROS ESCRITOS POR BLAKE PIERCE

SÉRIE DE ENIGMAS KATE WISE

SE ELA SOUBESSE (Livro n 1)

SE ELA VISSE (Livro n 2)

SÉRIE OS PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE

ALVOS A ABATER (Livro #1)

ESPERANDO (Livro #2)

A CORDA DO DIABO (Livro #3)

AMEAÇA NA ESTRADA (Livro #4)

SÉRIE DE MISTÉRIO DE RILEY PAIGE

SEM PISTAS (Livro #1)

ACORRENTADAS (Livro #2)

ARREBATADAS (Livro #3)

ATRAÍDAS (Livro #4)

PERSEGUIDA (Livro #5)

A CARÍCIA DA MORTE (Livro #6)

COBIÇADAS (Livro #7)

ESQUECIDAS (Livro #8)

ABATIDOS (Livro #9)

PERDIDAS (Livro #10)

ENTERRADOS (Livro #11)

DESPEDAÇADAS (Livro #12)

SEM SAÍDA (Livro #13)

SÉRIE DE ENIGMAS MACKENZIE WHITE

ANTES QUE ELE MATE (Livro nº1)

ANTES QUE ELE VEJA (Livro nº2)

ANTES QUE COBICE (Livro nº3)

ANTES QUE ELE LEVE (Livro nº4)

ANTES QUE ELE PRECISE (Livro nº5)

ANTES QUE ELE SINTA (Livro nº6)

ANTES QUE ELE PEQUE (Livro nº7)

ANTES QUE ELE CAÇE (Livro nº8)

ANTES QUE ELE ATAQUE (Livro nº9)

SÉRIE DE ENIGMAS AVERY BLACK

MOTIVO PARA MATAR (Livro nº1)

MOTIVO PARA CORRER (Livro nº2)

MOTIVO PARA SE ESCONDER (Livro nº3)

MOTIVO PARA TEMER (Livro nº4)

MOTIVO PARA SALVAR (Livro nº5)

MOTIVO PARA SE APAVORAR (Livro nº6)

SÉRIE DE ENIGMAS KERI LOCKE

UM RASTRO DE MORTE (Livro nº1)

UM RASTRO DE HOMICÍDIO (Livro nº2)

UM RASTRO DE IMORALIDADE (Livro nº3)

UM RASTRO DE CRIME (Livro nº4)

UM RASTRO DE ESPERANÇA (Livro nº5)